

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

José Cristiano Mansur Moreira

O cristofascismo, o integrismo e a guerra cultural

Um estudo sobre a Associação Cultural Monfort

Mestrado em Ciência da Religião

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

José Cristiano Mansur Moreira

O cristofascismo, o integrismo e a guerra cultural

Um estudo sobre a Associação Cultural Monfort

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião na área de concentração de Estudo Sistemático da Religião - Linha de Pesquisa: Teoria, Métodos e Práticas, sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez.

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

José Cristiano Mansur Moreira

O cristofascismo, o integrismo e a guerra cultural

Um estudo sobre a Associação Cultural Monfort

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião na área de concentração de Estudo Sistemático da Religião - Linha de Pesquisa: Teorias, Métodos e Prática, sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez.

Aprovado em: _____, _____ de _____ de 2023.

Banca Examinadora

(...) ἀλλ' ἔτι καὶ πολὺ μᾶλλον, ἐπεὶ Ζεὺς τίεται αὐτήν [Ἑκάτη].

ᾧ δ' ἐθέλη, μεγάλως παραγίνεται ἠδ' ὀνίνησιν·

ἔν τε δίκη βασιλεῦσι παρ' αἰδοίοισι καθίζει,

ἔν τ' ἀγορῇ λαοῖσι μεταπρέπει, ὄν κ' ἐθέλησιν·

ἠδ' ὅπότε' ἐς πόλεμον φθισήνορα θωρήσσονται

ἄνδρες, ἔνθα θεὰ παραγίνεται, οἷς κ' ἐθέλησι

νίκην προφρονέως ὀπάσαι καὶ κῦδος ὀρέξαι.

(...) *mas ainda também muito mais, pois Zeus A [Hécate] honra.*

Para quem quiser, magnificente, fica ao lado e favorece;

No julgamento, junto a reis respeitáveis, senta-se;

na assembleia, entre o povo se destaca quem ela quiser:

*e quando rumo à batalha aniquiladora se armam os varões, a deusa ao lado fica
daquele a quem quer, benevolente, oferta a vitória e estende a glória.*

Teogonia de Hesíodo

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) sob número 88887.597772/2021-00 e 88887.702316/2022-00. A bolsa de estudos integral permitiu a realização desta dissertação de mestrado.

AGRADECIMENTOS

Dou início a esses agradecimentos com todo amor e respeito à Grande Divindade, as três que são uma; a uma que são três. Que com a divina luz de suas tochas, ilumina os meus caminhos. Que portando as chaves, abre o mundo para mim, me faz olhar para as sombras e tomá-las como parte de mim. Agradeço à Deusa Hécate por se revelar e por me escolher. *Kyria, Hekate!* Que seja sempre honrada.

Agradeço às demais divindades que me acompanham e me guiam: à Kwan Kung, deus chinês da guerra, assim como Ogum que me inspiram a lutar. Agradeço à deusa chinesa da misericórdia, Kwan Yin. Agradeço a Jesus Cristo, à Virgem Maria, ao São José e ao Arcanjo Miguel, figuras cristãs presentes na minha vida desde sempre. Agradeço aos meus ancestrais, guias e mentores espirituais. Agradeço pela oportunidade de livrar-me do dogmatismo e do sectarismo.

Inúmeras são as pessoas que quero agradecer na realização desse trabalho, cuja trajetória teve início muito antes da sua realização formal.

Agradeço à minha esposa Caroline Helena por me dar o privilégio de dividir a vida comigo, num caminhar repleto de cumplicidades, sonhos e realizações. Pelo amor, incentivos, compreensão e escuta, sem os quais esse projeto não poderia chegar ao fim. Agradeço a ela, principalmente, pela nossa filhinha Jade que é a força motriz da minha vida. À Jade, eu agradeço por me escolher como pai e por encher a minha alma com todo amor que eu nunca imaginei sentir.

Agradeço à minha madrinha, tia e referência maternal, Terezinha, pelo colo, pelo amor de mãe, por me criar, me educar e fazer de mim o que sou hoje.

Agradeço aos meus pais Benedicto Carvalho Moreira e Jane Aparecida Mansur Moreira pela minha educação religiosa, sendo assim, responsáveis pela minha relação de amor e ódio com a religião. Agradeço à minha irmã Maria Rita e sobrinhos Maria Sophia e Henrique pela existência em minha vida.

Agradeço à minha vó Hirtys da Graça Mansur (1920-2008) pela grandiosíssima força feminina, por sempre acreditar e promover os meus estudos. Agradeço o singular elo que tivemos e ainda temos, mesmo ela já tendo partido.

Agradeço aos meus professores que me ensinaram a ter consciência social, a amar o conhecimento, o pensamento crítico e, por admirá-los tanto, fazer com que eu seguisse seus passos no caminho da docência. Dentre tantos mestres, há aqueles que foram fontes primárias da minha formação e de inspiração. Em ordem cronológica, o primeiro é o professor Angel Ortiz que me ensinou a ser apaixonado por política desde o ensino fundamental com suas aulas sobre a história do Brasil e seus primeiros movimentos sociais. Seguindo essa ordem, agradeço de igual forma o professor Nicola Costa, também do ensino fundamental que, ao ensinar de forma singular história antiga, contribuiu de maneira preponderante para o meu amor à filosofia, de modo a desejar torná-la a espinha dorsal da minha vida acadêmica. Agradeço ao meu amigo de adolescência Fábio Morales, cuja amizade transcendeu tempo e espaço. A ele sou grato pelos treinos de Kung Fu desde vinte quatro anos atrás, pelos intensos debates políticos, religiosos e sociológicos. Sou grato por ter deixado eu assistir às suas aulas de história, fazendo que meu desejo por estar em sala de aula, finalmente, se concretizasse. Por fim, agradeço ao Fábio pela ajuda com esse trabalho, bem como toda a revisão.

Agradeço à professora Dinalva Torres, não por ter sido seu aluno em sala de aula (o que é uma pena), mas por ter sido a minha primeira coordenadora e quem, de fato, me ensinou a ser professor. Agradeço a ela cada orientação, cada puxão de orelha, cada diálogo, cada ensinamento, cada bom dia de cada dia ao chegar no colégio Sion, cada café, cada despedida.

Agradeço ao meu orientador, o professor Dr. Wagner Lopes Sanchez pela orientação dessa dissertação, pelas sugestões, correções, acréscimos. Agradeço ao professor pelas suas excelentes aulas e por toda compreensão e humanização relacionadas a esse projeto.

Agradeço aos professores doutores Suzana Ramos Coutinho, Wellington da Silva Barros, João Décio Passos e José Carlos Pereira pela participação na minha banca examinadora.

Dada a importância primordial da arte marcial na minha vida, agradeço os ensinamentos e constantes incentivos dos meus mestres, o Sifu Richard Leutz e o Mestre Peu.

Agradeço à minha psicanalista Jeanine Alexandre Fialho pela escuta, por me ajudar a desenrolar os novos existenciais e a encontrar as pontas que conduziam para a

construção da minha identidade. E, inclusive, a lidar com o tempo simbólico, o qual está inserida a conclusão desse trabalho.

Agradeço à minha sacerdotisa Isabelle Alecssandra da “Velha Arte da Bruxaria” por todos os ensinamentos conferidos aos mistérios da Deusa Hécate, bem como a sua confiança para a minha iniciação.

Agradeço a sólida amizade e constante insistência para o empreendimento desse projeto à Telma Cristina Castelhana. Agradeço a amizade da Joyce Cristina e por ser o estopim para o meu interesse em Ciência da Religião, dadas as suas leituras.

Agradeço ao meu amigo Victor Aversa por ter me apresentado ao programa de Ciência da Religião da PUC, aos professores do programa, assim como desde o início ter sido suporte acadêmico e do meu novo caminho diante da espiritualidade. Por essa última razão também agradeço ao Gristiel Heleno da Silva. Ambos colegas de graduação e amigos para a vida.

Agradeço à minha querida amiga Flávia Giudice pelas incontáveis vezes que revisava, traduzia e dava seu parecer sobre meus textos. Agradeço a ela também por ser uma das principais motivadoras dos meus projetos acadêmicos.

Agradeço aos meus alunos de Kung Fu pelo apoio na realização dessa dissertação, em especial, ao Fábio Morales, Gislaine Silva, Camila Kakihata, Vitor Taboas, Stefhani Rosa e Caroline Luz.

Agradeço à minha sogra Yara Luz pela assistência, enquanto eu estudava e escrevia.

Agradeço ao meu pitbull, o Kheiron, por ser presença e companhia nas longas madrugadas de escrita.

Que o tempo, que é implacável, não apague as impressões na alma que são feitas por meio dos vínculos da amizade e do amor.

RESUMO

Política e religião são duas vertentes que, ao longo da história, foram movidas pelas tentativas de, ora uni-las, ora separá-las. Contudo, é incontestável que essas relações sempre foram motivadas pela hegemonia do poder. Nos últimos anos, a política brasileira tem se valido do discurso religioso conservador para sustentar as suas pautas. Desde a redemocratização do Brasil, um projeto reacionário segue resistindo e encontrou espaço para crescer no meio religioso cristão, fazendo com que as diferenças políticas ultrapassassem as contrariedades ideológicas e partidárias. As consequências disso foram uma postura sectária, segregacionista e maniqueísta em que, segundo os representantes do conservadorismo, a sociedade está dividida entre o bem, representado por eles e o mal, sendo tudo o que difere de suas pautas e visão família tradicional, ordem natural e valores judaico-cristãos. Isso faz com que seja instituída uma “guerra cultural” em que está em jogo a defesa dos referenciais cristãos. É próprio da estrutura fascista a eleição de um inimigo construído por situações forjadas, sendo que é condição necessária fomentar o ódio contra esse agente imaginário com a finalidade da manutenção do *status quo*. Esse discurso pautado na “guerra cultural” é uma criação da direita ultraconservadora que vem sendo utilizado pelos grupos integristas católicos, sob as acusações de um crescente comunismo e progressismo ideológico que coloca em risco as tradições cristãs. O objetivo desse trabalho, portanto, é analisar a relação do grupo católico conservador denominado Associação Cultural Montfort como sendo parte dessa estrutura fascista que vem se consolidando no país, usando de premissas religiosas cristãs, denominadas pelo teólogo Fábio Py como cristofascista. A metodologia empregada é a pesquisa de natureza exploratória das cartas enviadas ao site da Associação Cultural Montfort, bem como as respostas dadas pelo seu fundador Orlando Fedeli e seus alunos, com o propósito de investigar se nesses conteúdos há subsídios para o favorecimento de uma postura de intolerância e de fascismo alicerçada no discurso teológico. Aliado a isso, será realizada uma análise da bibliografia secundária, estabelecendo uma comparação entre o que é conceituado como cristofascismo, guerra cultural e retórica do ódio com o “modus operandi” da Associação Cultural Montfort. As obras serão *Guerra Cultural e Retórica do ódio: Crônicas de um Brasil Pós-político* de João César de Castro Rocha, *No lugar de Deus. Ensaio (neo)teocráticos* e *Força do passado na fraqueza do presente* de João Décio Passos.

Palavras-chaves: catolicismo, integrista, cristofascismo, guerra cultural

ABSTRACT

Politics and religion are two strands that, throughout history, have been moved by attempts to either unite them or separate them. However, it is indisputable that these relations have always been motivated by the hegemony of power. In recent years, Brazilian politics has used conservative religious discourse to sustain its agendas. Since Brazilian re-democratization, a reactionary project has continued to resist and has found space to grow in the Christian religious milieu, making political differences surpass ideological and partisan setbacks. The consequences of this were a sectarian, segregationist and Manichean posture in which, according to representatives of conservatism, society is divided between ‘good’, represented by them, and evil, encompassing everything that differs from their guidelines and vision traditional family, natural order and Judeo-Christian values. This leads to the establishment of a “cultural war” in which the defense of Christian references is at stake. It is characteristic of the fascist structure to choose an enemy constructed by forged situations, and it is a necessary condition to foment hatred against this imaginary agent in order to maintain the status quo. This discourse based on the “cultural war” is a creation of the ultraconservative right that has been used by fundamentalist Catholic groups, under the accusations of a growing communism and ideological progressivism that puts Christian traditions at risk. The objective of this work, therefore, is to analyze the relationship of the conservative Catholic group called Associação Cultural Montfort as part of this fascist structure that has been consolidating in the country, using Christian religious premises, called by the theologian Fábio Py as Christofascist. The methodology used is the exploratory research of the letters sent to the Montfort Cultural Association website, as well as the answers given by its founder Orlando Fedeli and his students, with the purpose of investigating whether these contents contain subsidies to favor an attitude of intolerance and fascism based on theological discourse. Allied to this, an analysis of the secondary bibliography will be carried out, establishing a comparison between what is conceptualized as Christofascism, culture war and hate rhetoric with the “modus operandi” of the Montfort Cultural Association, especially from the recent work of João César de Castro Rocha and João Décio Passos.

KEY-WORDS: Catholicism; Integritism; Christofacism; Cultural War.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO I. POR UMA DITADURA DE JESUS: A CONSTRUÇÃO DO CRISTOFASCISMO NO BRASIL..... | 19 |
| 1.1. A estrutura e os pontos de convergências das expressões totalitaristas e fascistas | 20 |
| 1.2. O Integrismo católico | 32 |
| 1.2.1. A Encíclica Pascendi Dominici Gregis | 35 |
| 1.2.2. O caso de Dom Marcel Lefebvre e Dom Castro Mayer..... | 36 |
| 1.2.3. A “Guerra Cultural” como imagem e semelhança de um Deus Bélico..... | 38 |
| 1.3. O integrismo no Brasil | 40 |
| 1.3.1. O discurso conservador brasileiro | 40 |
| 1.3.2. O conservadorismo e anticomunismos católicos: um flerte com os ideais fascistas. 43 | |
| 1.3.3. Encíclica <i>Divini Redemptoris</i> | 44 |
| 1.3.4. O cristofascismo no integrismo brasileiro..... | 49 |
| CAPÍTULO II. OS ARAUTOS DA PRÓPRIA VERDADE: O INTEGRISMO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL MONTFORT. | 52 |
| 2.1. A Origem da Associação Cultural Montfort | 52 |
| 2.2. A inspiração bélica do nome da Associação Montfort..... | 54 |
| 2.3. A TFP como raiz e os frutos como a Associação Cultural Montfort | 62 |
| 2.4. A dissidência de Orlando Fedeli e o nascimento da Montfort | 71 |
| 2.5. A dissidência dos dissidentes – de Montfort a <i>Flos Carmeli</i> | 76 |
| 2.6. “Modus Operandi”: ataques públicos às instituições e às pessoas | 87 |
| CAPÍTULO III – CAPÍTULO III – “IN CORDE IESU SEMPER”: AS AMOROSAS MISSIVAS DO ÓDIO – ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO PROFESSOR ORLANDO FEDELI ÀS CARTAS ENVIADAS POR SEUS LEITORES. | 103 |
| 3.1 – Guerra Cultural e os paladinos da “Nova Cruzada”..... | 105 |
| 3.2 – A desqualificação nulificadora e a hipérbole descaracterizadora como a desfragmentação da retórica do ódio..... | 124 |
| 3.2.1 – Corrupção paródica do nome próprio..... | 125 |
| 3.2.2 – Estigmatização, caricaturização e sacrifício simbólico do outro..... | 129 |
| 3.2.2. A eliminação do outro | 132 |
| 3.2.3. Da nostalgia teocrática à neoteocracia | 142 |
| 3.3 – Catolicismo de Janus? | 149 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 157 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 163 |

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tão próximo ao processo de redemocratização brasileira, uma força conservadora segue resistindo. Mais do que isso, uma postura reacionária e extremista vem tomando conta da sociedade brasileira e se alocando nos mais diversos setores, como a política, tendo como escopo o discurso religioso.

As diferenças políticas ultrapassaram a esfera da competição partidária e ideológica, transformando-se em condutas de segregacionismo que se revelam num maniqueísmo em que, sob a ótica reacionária, seus representantes são autodenominados os arautos do Bem contra supostos inimigos da ordem, da moral, da pátria, da família e dos pilares judaico-cristãos da sociedade que, nessa concepção, em última instância se revelam contra o próprio Deus cristão.

Como a história nos mostra diversas vezes, é próprio do fascismo eleger um inimigo, forjar situações e disseminar o ódio contra esse imaginário ator que coloca em risco o seu “status quo”. Com efeito, com os grupos católicos integristas não é diferente. Há um constante discurso de luta manifesto no que eles chamam de “Guerra Cultural”. Esse discurso em que a guerra cultural tomou um protagonismo é uma formulação da extrema direita que foi incorporada aos grupos católicos e protestantes, segundo o qual, a partir de uma crença de um crescente comunismo e progressismo ideológico, as tradições cristãs estão sob ameaça de serem substituídas por todo tipo de cultura “pecaminosa”. Entre os pecados, estão políticas de distribuição de renda e de terras, políticas étnicas e de gênero, sexualidade, liberdade de credo, laicidade do Estado, entre outras que serão abordadas ao longo desse trabalho.

A motivação desta pesquisa foi a reflexão que tenho feito nos últimos tempos sobre os mecanismos utilizados pelo integrismo para a ascensão do que nomeamos cristofascismo. Para tanto, o objeto de pesquisa escolhido é o cristofascismo presente num grupo católico integrista denominado Associação Cultural Montfort que se enquadra no âmbito do movimento tradicionalista católico.

No âmbito da modernidade os espaços públicos têm sido ocupados por uma diversidade de identidades diante da dimensão religiosa, incluindo crentes das mais diversas religiões e ateus. Diante de um contexto pluralista em que as diversidades e cosmovisões de minorias de gênero, étnicas e religiosas vêm se mostrando gradativamente mais atuantes, há a reação, por vezes violenta, de grupos

ultraconservadores apoiados em seus ideais religiosos. Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar, através da análise de materiais postados no site da Associação Cultural Montfort, a interpretação teológica própria de seus atores e o modo esta como contribui para a formação e avanço do “cristofascismo”, termo cunhado pela primeira vez pela teóloga alemã Dorothee Sölle, em 1970, ao propor uma relação entre a ascensão do nazismo com a convivência de igrejas cristãs.

O cristofascismo, além de ser acompanhado de premissas religiosas, ataca tudo e todos que destoam de seus ideais, criando uma narrativa de “nós” e “eles” em que não há adversários, mas inimigos. Esses ditos inimigos são quem tem uma visão política, identidade de gênero, pessoas de outras religiões e, na mesma proporção, católicos de outros movimentos.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram levantados os seguintes problemas:

- a) Em que consiste a postura cristofascista?
- b) Como ela se faz presente no pensamento da Associação Cultural Montfort?
- c) Qual a contribuição específica da Associação Cultural Montfort para o pensamento cristofascista?
- d) Quais as consequências do cristofascismo para os grupos minoritários, sobretudo religiosos, no contexto do pluralismo religioso brasileiro?
- e) O modo de pensar e agir da Montfort é compatível com o contexto sócio-político contemporâneo num mundo em processo de revisão da sua globalização?

Para esta pesquisa, portanto, são propostas duas hipóteses:

1. O cristofascismo se alicerça na crença na existência de uma guerra cultural contra o estabelecimento de uma sociedade atea e materialista, fundada nos escritos de Marx e Gramsci, em que a família, como instituição primária, deve ser abolida. Essa ideologia se utiliza da religião para sustentar seus ideais e está presente em grupos fundamentalistas protestantes e tradicionalistas católicos.
2. A Associação Cultural Montfort, declaradamente conservadora e tradicionalista, com condutas e escritos explícitos que levam à exclusão de todos os sujeitos e grupos que não compactuam com sua visão de mundo, adota em sua pregação e propaganda a ideologia cristofascista.

Atualmente a coesão social vem sendo ameaçada em função do aparelhamento do Estado por grupos religiosos de perfil fundamentalista e integrista – protestantes e católicos, respectivamente. Esses grupos defendem que a sociedade deve ter suas leis e normas pautadas na lei natural e na vontade de Deus. Tal forma de se pensar e viver o cristianismo é um dos fundamentos do aumento de atos violentos e antidemocráticos que são, inclusive, defendidos por esses grupos.

A Associação Cultural Montfort usa do medo da condenação eterna para guiar seus integrantes. Ao burocratizar a religião, qualquer ato que não esteja em conformidade com a interpretação de catolicismo de seu fundador, Orlando Fedeli, é passível do fogo do inferno. Mais do que uma ação coercitiva que age no modo de vida individual de cada seguidor, esse ideal de religião punitiva em que o céu é quase um prêmio impossível para quem segue à risca a “catequese montfortina”, essa coerção se coloca também como um combate à omissão. Isso significa que saber que alguém está em pecado, defende o pecado ou qualquer ato que seja considerado pecaminoso e não toma providências, é escolher pelo inferno. Tal atitude era justificada pelo fundador que usava a premissa de que Jesus não veio trazer a paz, mas a espada (fato que fez com que o mesmo fosse enterrado com uma espada em mãos).

Somada a essa postura, esse grupo recorre a todos os possíveis subterfúgios condizentes com governos considerados historicamente como totalitários de extrema direita para impor seu modo de pensar: defesa de uma sociedade armada, retirada de direitos de minorias, controle dos corpos das mulheres e submissão delas ao patriarcado, combate à diversidade sexual e de gênero, combate às políticas sociais em nome de uma meritocracia, disseminação de pós-verdades e criação de inimigos fictícios.

Com efeito, diante de um notável crescimento do fundamentalismo e sectarismo atuais, posicionamentos políticos extremos sustentados por valores religiosos, o diálogo faz-se necessário para uma sociedade saudável em que a multiplicidade conviva tornando-se uma unidade humana civilizada.

Como objetivo específico, o nosso trabalho irá analisar a relação da Associação Cultural Montfort com a cosmovisão cristofascista. Dessa forma, a principal preocupação dessa pesquisa é estudar como o discurso de ódio vem tomando significativa expressão no âmbito político, valendo-se de premissas religiosas e moralistas para manter e consolidar no poder determinados grupos em detrimento de outros. Esse “modus

operandi” totalitário de fazer política que está se estabelecendo no Brasil possui elementos próprios do fascismo, mas não no sentido comum do termo. Os sentimentos de nacionalismo, conservadorismo, armamentismo, xenofobia, entre tantos outros comportamentos segregacionistas, não se limitam às ideologias políticas e econômicas, mas fundamentam-se, sobretudo, num cristianismo eurocêntrico e saudosista que toma o medievo como referência aberta.

A principal fonte documental do nosso trabalho é constituída pelos artigos publicados no site da Associação Cultural Montfort, bem como as respostas dadas pelo seu fundador, o professor Orlando Fedeli, e seus seguidores às cartas enviadas pelos leitores, fazendo um levantamento dos argumentos que contribuem para uma postura fascista, tendo como subsídios argumentos religiosos, ou seja, cristofascista. Isso porque nos materiais publicados são explícitas as respostas num tom ácido e intolerante com quaisquer posicionamentos que não estejam de acordo com o que defende o fundador. A interpretação de mundo e de como viver o catolicismo, tanto de modo pessoal, quanto em sociedade são colocadas a partir da ótica do professor Orlando Fedeli que, não se coloca como promotor de uma suposta verdade, mas como arauto e detentor da única e possível verdade da Igreja Católica, a qual seus inimigos, de acordo com ele, insistem em atacar. E na defesa da suposta verdade, tudo é permitido, inclusive atos de violência social, psicológica e, mesmo física.

Como referencial teórico utilizaremos o conceito de fascismo no seu contexto original e nos dias atuais de, mas conservando elementos comuns que podem ser facilmente identificados com o ideal fascista, a partir do que escreve Umberto Eco em seu texto *O fascismo eterno*, publicado numa conferência na Universidade de Columbia em 1995 para celebrar a liberação da Europa.

Como dito acima, o termo cristofascismo foi elaborado pela alemã Dorothee Sölle em 1970 ao fazer uma leitura das relações entre as igrejas cristãs e o partido nazista numa combinação de cristianismo e fascismo que favoreceu a ascensão do Terceiro Reich. Será realizada uma análise dos escritos do teólogo protestante Fábio Py acerca do Brasil atual. Py estabelece uma relação entre o governo Bolsonaro e o maquinário político sócio religioso, sendo que diversos grupos cristãos têm posturas que endossam os comportamentos totalitários, além de apoio ao presidente. No catolicismo, esse comportamento se manifesta nos chamados grupos integristas que defendem abertamente posicionamentos totalitários, supremacistas e de intolerância e ódio, com ideais

militaristas e de combate a um suposto comunismo. O integrismo será estudado através da obra *A força do passado na fraqueza do presente – o tradicionalismo e suas expressões* e *No lugar de Deus – Ensaio (neo) teocráticos*, de João Décio Passos. Além desses dois autores, será utilizado o artigo *Novas faces do cristofascismo no governo Jair Bolsonaro* de Wagner Lopes Sanchez e Glair Alonso Arruda. O conceito de “guerra cultural”, por sua vez, será explorado com base na obra de João César de Castro Rocha *Guerra cultural e retórica do ódio*, segundo a qual, através de argumentos falaciosos, os grupos extremistas criam uma realidade própria dividida entre “nós” e “eles”, sendo que “eles” têm que ser eliminados por um bem maior.

A metodologia de trabalho será documental através de uma perspectiva exploratória das cartas, suas respectivas devolutivas e artigos da Associação Cultural Montfort encontrados em seu site. O trabalho tem como propósito investigar se há nas respostas do professor Orlando Fedeli e de seus alunos aos correspondentes do site uma construção de pensamento que tenha favorecido a ascensão de uma postura intolerante e fascista alicerçada no discurso teológico.

A primeira etapa da pesquisa constituiu num levantamento documental das cartas e artigos do site Montfort com o objetivo de conhecer as respostas mais importantes acerca do pensamento cristofascista e a sua relação com a ascensão desse comportamento no Brasil. Em seguida, a pesquisa se concentrou na leitura sistemática da bibliografia composta pelos autores acima citados.

Concomitantemente ao conteúdo do site e às obras acima citadas, a pesquisa incluiu a análise de diversas obras relacionadas às ciências da religião, como sociologia, antropologia e teologia, de modo a compreender como a sociedade contemporânea age e reage diante do discurso de ódio maquiado de justos fundamentos de credo, consoante às consequências para a ordem política e social.

O primeiro capítulo, intitulado “Por uma Ditadura de Jesus: a construção do Cristofascismo no Brasil”, aborda o conceito de cristofascismo e de como há uma conciliação entre partidos políticos e determinados movimentos cristãos que usam da doutrina de Cristo para manter a hegemonia do poder. Para tanto, serão elucidados as estruturas e os pontos de intersecção entre os conceitos de totalitarismo e fascismo e como eles se associam aos grupos integristas. Em seguida, descreveremos o que é o integrismo católico, as suas origens, as encíclicas papais e os movimentos que deram início e que

ainda sustentam essa visão conservadora de catolicismo, inclusive no Brasil. Por fim, o primeiro capítulo discutirá o conceito de “guerra cultural”, bem como as oposições entre as visões conservadoras religiosas e as visões liberais sociais, políticas e econômicas, oriundas de movimentos estadunidenses, e como este debate influenciou o conservadorismo no Brasil.

O segundo capítulo, cujo título é “Os Aautos da própria verdade: o Integrismo da Associação Cultural Montfort” explicará o que é o movimento integrista, suas concepções e modos de agir que estão em conformidade com o “modus operandi” da Associação Cultural Montfort. Portanto, começaremos por fazer uma breve revisão histórica da origem da Montfort, a sua dissidência com o grupo TFP, sua missão, bem como a inspiração para o nome da associação, revelando a sua visão de catolicismo e de mundo, assim como as maneiras encontradas de fazer apologética. Também explicaremos a ruptura da Montfort após o falecimento de seu fundador, culminando noutra grupo, chamado *Flos Carmeli*, fundado por sua viúva, Ivone Fedeli. Ao final, discutiremos os ataques feitos pela Montfort a outros grupos e pessoas com ideias divergentes.

O terceiro e último capítulo, “‘In corde Iesu Semper’: As amorosas missivas do ódio – Análise das respostas do Professor Orlando Fedeli às cartas enviadas por seus leitores” recebe esse nome por causa da maneira com que o fundador da Montfort se despedia em suas cartas (“No coração de Jesus Sempre”), fazendo juízo dos próprios atos como sendo manifestação autêntica de amor. Sendo assim, serão analisadas as suas respostas aos leitores do site, bem como os artigos escritos pelo professor Orlando Fedeli, a relação da Montfort com a “guerra cultural” e seu modo “cruzado digital” de ser, utilizando-se da retórica do ódio e suas ferramentas: a desqualificação nulificadora e a hipérbole descaracterizadora. E, finalmente, elucidaremos o conceito de “catolicismo de Janus”, o qual tomará como analogia as características do Deus romano para demonstrar a visão nostálgica, concomitantemente ao porvir utópico da Associação Cultural Montfort.

CAPÍTULO I. POR UMA DITADURA DE JESUS: A CONSTRUÇÃO DO CRISTOFASCISMO NO BRASIL

O Brasil desde a sua colonização teve de forma indissociável a política atrelada aos valores religiosos do catolicismo. Conforme a sua história vinha sendo escrita, novos moldes dessa relação se formaram, mas nunca deixaram de caminhar juntas. O Brasil deixou o império, tornou-se uma república e a religião cristã continuou a dar forma ao modo de fazer política.

A partir do século XX a Igreja Católica, como um todo, passou por inúmeras transformações movidas pelas mudanças sociais e culturais da modernidade. A Igreja hesitou entre a sua atuação na luta por uma presença na sociedade civil e a luta nas instituições do Estado e nos processos de eleições de seus dirigentes. Diante dos desafios inerentes a esse novo tempo, o catolicismo montou as suas estruturas de diferentes formas, em muitos aspectos, controversas. Foram elas, basicamente, no Brasil: a TFP (Tradição Família e Propriedade), a Renovação Carismática Católica e a Teologia da Libertação, bem como outros grupos dissidentes que surgirão a partir delas. A primeira refere-se a um catolicismo reacionário que se levanta contra as transformações políticas, sociais e culturais, buscando pelo clericalismo, fortalecimento das organizações integristas (reacionárias e tradicionalistas) e pela centralização do poder pontifício, perscrutando o máximo de espaço dentro das instituições estatais, nos processos eleitorais e nos espaços públicos. A segunda refere-se ao catolicismo de avivamento, atrelado à novas experiências carismáticas, de cunho mais pessoal, com tendências ao “diálogo” com a sociedade do espetáculo e do consumo que emergia. Esse movimento ficou conhecido como Renovação Carismática Católica, uma reação ao pentecostalismo que surgia e se mostrava como concorrente ao catolicismo. Essa expressão carismática de catolicismo revelou-se com uma contradição interna ao defender uma exagerada individualização e comunidades de aliança e vida, caindo numa mística experimentalista ao mesmo tempo que conjugava um forte moralismo em consonância aos grupos integristas. A terceira, por fim, é a expressão de um catolicismo mais voltado às demandas sociais que surgiam devido às desigualdades e exploração econômica, proliferação da miséria e degradação da dignidade humana. Era um catolicismo que primava pela justiça social e igualdade,

desenvolvendo-se como teologia da libertação, socialismo cristão e as comunidades eclesiais de base.

Essas correntes católicas brasileiras têm a sua gênese nos anos de 1960, período em que acontece o Concílio Vaticano II. É por meio desse concílio que a eclesiologia católica passa por significativas mudanças, retirando o protagonismo exclusivo dos clérigos e conferindo-o também aos leigos. Para alguns grupos, tanto clérigos quanto leigos, a identidade da Igreja estava sob ameaça ao se render ao modernismo ao ressignificar muitas de suas tradições diante do secularismo. Com isso, muitos grupos tradicionalistas começam a ocupar as mídias, os espaços públicos, a política e diferentes instituições públicas e privadas com o intuito de alastrar a influência de um catolicismo conservador e os paradigmas do que consideram ser um “único catolicismo” possível. Nesse interim, as inquietações, assim como os arranjos possíveis entre grupos católicos de leigos e grupos clericais com outras classes de valores e instituições fora da Igreja no contexto de disputas e polêmicas teológicas, pastorais, morais e litúrgicas, fizeram com que o catolicismo vivesse um período de constante conflito.

Foi um processo de ressignificação do catolicismo dentro e fora da estrutura eclesiástica, conduzindo, inclusive, a um rompimento da hegemonia católica em diversos Estados republicanos, sobretudo na Europa e nas regiões ibero-americanas. Isso é bem observável nas ações combativas de grupos tradicionalistas ao defenderem uma moral católica rígida que tem que ser imposta socialmente, inclusive, ao universo não cristão.

Neste capítulo, portanto, será abordado como se configurou a adesão às ideias fascistas no Brasil, bem como a sua propagação e a dinâmica que ele estabeleceu juntamente à religião num contexto em que tanto a política quanto o catolicismo passavam por transformações que propiciaram um ambiente de polêmicas e controvérsias, ora positivas para certos grupos, ora negativas para outros.

1.1. A estrutura e os pontos de convergências das expressões totalitaristas e fascistas

Primeiramente é necessário compreender o que se entende por fascismo na origem do termo e, sobretudo, como ele vem recebendo uma nova hermenêutica em tempos atuais.

O conceito fascismo é proveniente da palavra latina *fasces*, traduzida como feixes. Na República da Roma Antiga, feixes de madeira eram amarrados formando o cabo de um machado que simbolizava o poder dos magistrados da República de Roma. Esses machados eram carregados e usados pelos *lictors*, oficiais de justiça que iam à frente dos magistrados para abrir caminho, exigir reverência e punir aqueles que se opunham à república ou que de alguma forma se comportavam de modo desobediente. Portanto, esse machado simbolizava a fora e o poder das autoridades da República de Roma. Essa união de feixes que formavam o cabo desse instrumento foi utilizada diversas vezes por militares, trabalhadores fabris e do campo para representar a força gerada pela união. Na Itália do século XIX, por exemplo, surgiu a união de um grupo político formado por trabalhadores agrícolas, operários e sindicatos chamado *Fasci Siciliani*. Ainda na Itália, com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), foram estabelecidas associações de veteranos para a defesa de dos direitos dos oficiais e soldados que, com o passar do tempo, evoluíram para organizações nacionalistas com violenta oposição ao socialismo e ao bolchevismo.

Mas foi também na Itália, após a Primeira Guerra Mundial que o termo fascismo toma a denotação a qual é conhecida atualmente. Isso porque Benito Mussolini (1883-1945) se apropriou do símbolo e do nome colocando-o em uso para designar seu partido e ideologia políticos. Nos anos de 1920, alguns países europeus passavam por um processo de político próprio da primeira metade do século XX que era o recrudescimento da crise das democracias liberais, concomitante ao surgimento de regimes totalitários e o enfraquecimento do liberalismo. São características do totalitarismo a presença de um Estado forte, absoluto e que faz seu poder chegar a todas as divisões sociais, induzindo a submissão completa de seus atores.

Ainda que existam diferentes expressões de totalitarismos, são pontos de convergências as características a seguir: o intervencionismo do Estado na economia, em que as ideologias e práticas político-econômicas são controladas através de políticas fiscais, cambiais e monetárias; a promoção de rigorosa propaganda estatal em que a finalidade é a promoção da ideologia oficial e motivação do culto ao líder ou líderes do regime; a determinação de um único partido político com uma estrita hierarquia, dirigido por um líder autocrático; presença de uma ideologia de Estado oficial que, obrigatoriamente, deve ser aceita e exercitada pelos cidadãos; e por fim, o controle da sociedade através de uma política de repressão exercida pela polícia e pelo exército por

meio de coerções psicológicas, físicas e censuras de diferentes órgãos públicos e privados, bem como dos meios de comunicação. O fascismo é um tipo de regime totalitário.

O fascismo é, portanto, uma ideologia autoritária e ultranacionalista que tem como características a coibição das oposições através da força, ação ditatorial, controle econômico e social, extremo nacionalismo, desprezo pelas eleições e pela democracia como um todo, bem como pela liberdade econômica e política. Do ponto de vista econômico, o fascismo defende políticas econômicas intervencionistas e protecionistas com a finalidade de tornar o Estado autossuficiente. Além disso, o fascismo defende uma sociedade naturalmente hierarquizada, cujo domínio se encontra entre as elites e que as aspirações individuais estejam submetidas aos interesses da soberania nacional.

É próprio da ideologia fascista a consolidação de um único partido que assumirá o controle de um Estado totalitário em que a população é motivada a se armar para defender os interesses da pátria, sejam eles quais forem. Para que esse modo de governo seja próspero, é depositada a confiança da direção da nação a um líder autoritário e visto como forte, isto é, um ditador ou um conjunto de militares que através do jugo estabelecerá a ordem. Isso significa que o fascismo não vê a violência como algo negativo. Pelo contrário, acredita que ela é a mediação mais adequada (e, por vezes, necessária) para a ascensão do país à soberania.

Para o filósofo e escritor Umberto Eco (1932-2016) o fascismo é um regime político de caráter reacionário e com apoio das massas populares que é definido por catorze características. Eco aborda esse tema em sua obra *O fascismo eterno* (2018), descrevendo as características que o tornam facilmente reconhecido. O escritor conviveu com o fascismo e, portanto, tece seus escritos a partir de uma análise de quem cresceu na Itália sob o governo de Benito Mussolini.

Umberto Eco abre seu texto tecendo comentários acerca da sua infância junto ao regime e como o fascismo tinha um caráter sedutor junto à juventude:

Em 1942, com a idade de dez anos, ganhei o prêmio nos Ludi Juveniles (um concurso com livre participação obrigatória para jovens fascistas italianos — o que vale dizer, para todos os jovens italianos). Tinha trabalhado com virtuosismo retórico sobre o tema: “Devemos morrer pela glória de Mussolini e pelo destino imortal da Itália?” Minha resposta foi afirmativa. Eu era um garoto esperto. (...) Passei dois dos

meus primeiros anos entre SS, fascistas e resistentes, que disparavam uns nos outros, e aprendi a esquivar-me das balas. Não foi mal exercício (ECO, 2018, p. 01).

Umberto Eco afirma que uma das formas mais eficientes de convencimento das massas é a arte da retórica, fazendo com que comportamentos e ideias contrárias sejam aceitas sem o menor crivo, isto é, o líder fascista e carismático pode afirmar algo e, em seguida, o seu contrário que a adesão ao discurso é quase que imediata:

[Mussolini] Começou como ateu militante, para depois firmar a concordata com a Igreja e confraternizar com os bispos que benziavam os galhardetes fascistas. Em seus primeiros anos anticlericais, segundo uma lenda plausível, pediu certa vez a Deus que o fulminasse ali mesmo para provar sua existência. Deus estava, evidentemente, distraído. Nos anos seguintes, em seus discursos, Mussolini citava sempre o nome de Deus e não desdenhava o epíteto: “homem da Providência”. Pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini (ECO, 2018, p. 04).

O fascismo italiano, segundo Eco, com todo um aparato ideológico e estético, inspirou os ideais fascistas em outros países, tendo como uma de suas premissas o tão batido anticomunismo:

O fascismo italiano foi o primeiro a criar uma liturgia militar, um folclore e até mesmo um modo de vestir-se — conseguindo mais sucesso no exterior que Armani, Benetton ou Versace. Foi somente nos anos 1930 que surgiram movimentos fascistas na Inglaterra, com Mosley, e na Letônia, Estônia, Lituânia, Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia, Iugoslávia, Espanha, Portugal, Noruega e até na América do Sul, para não falar da Alemanha. Foi o fascismo italiano que convenceu muitos líderes liberais europeus de que o novo regime estava realizando interessantes reformas sociais, capazes de fornecer uma alternativa moderadamente revolucionária à ameaça comunista (ECO, 2018, p. 04).

Para Eco, portanto, o fascismo não se resumia a um fenômeno com um viés apenas, mas era um amálgama impreciso de elementos ideológicos, políticos e filosóficos, que conseguia aglutinar várias contradições sem se importar com qualquer tipo de coerência.

O escritor italiano, então, segue seu texto afirmando que, ainda que existam diferentes tipos de ideologias que possam ser consideradas fascistas, mantêm em seu cerne elementos em comum. Retirando-se um ou outro elemento, mantinha-se a estrutura:

O termo “fascismo” adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista. Tirem do fascismo o imperialismo e teremos Franco ou Salazar; tirem o colonialismo e teremos o fascismo balcânico. Acrescentem ao fascismo italiano um anticapitalismo radical (que nunca fascinou Mussolini) e teremos Ezra Pound. Acrescentem o culto da mitologia céltica e o misticismo do Graal (completamente estranho ao fascismo oficial) e teremos um dos mais respeitados gurus fascistas, Julios Evola (ECO, 2018, p. 07).

Diante desta diversidade, Eco propõe o termo “Ur-Fascismo”, na intenção de demonstrar que existem pontos de intersecção que possibilitam a identificação do que se pode chamar de um governo fascista:

A despeito dessa confusão, considero possível indicar uma lista de características típicas daquilo que eu gostaria de chamar de “Ur-Fascismo”, ou “fascismo eterno”. Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista (ECO, 2018, p. 07).

Com isso, na obra *O fascismo eterno*, o autor descreve catorze elementos e suas características que são comuns a quaisquer regimes que possam ser reconhecidos como fascistas. O primeiro elemento apontado por ele é o culto à tradição. Eco defende que a tradição é hiper exaltada, possuindo um viés ocultista semelhante aos nazistas. Há o juízo de que existe uma mensagem original que foi subjugada e que deve ser retomada. Isso significa que existe uma verdade universal que já fora revelada e, logo, as mudanças contrárias devem ser combatidas. E, em consequência do tradicionalismo, chega-se ao

segundo elemento que é a recusa da modernidade que pode ser resumida num tipo de irracionalismo. Tudo o que lembrava a idade da razão, o Iluminismo e os avanços tecnológicos eram considerados como uma degeneração, pois seriam as causas dos problemas modernos.

Por conseguinte, o irracionalismo depende da ação pela ação que para Eco será o terceiro elemento comum aos fascismos. Aqui é possível perceber uma rejeição à cultura e aos movimentos intelectuais por serem acusados de negarem a tradição.

Como quarto elemento, tem-se a rejeição do pensamento crítico em que nenhuma crítica, dúvida ou desacordo podem ser aceitos. Enquanto que na ciência as contradições possibilitam avanços, para o UrFascismo, elas representam traições (ECO, 2018, p. 08).

O sexto elemento presente nos fascismos é o apelo às classes médias frustradas. Esse apelo, bem como essa frustração podem vir de inúmeros modos, tais como uma crise econômica ou política ou, ainda, alguma humilhação. Esse ressentimento aliado ao descontentamento é um grande estopim para fazer surgir ou ressurgir o fascismo. O nacionalismo é outro elemento facilmente encontrado entre os fascistas, conduzindo a outro problema que é a xenofobia. Há a criação de inimigos internos ou externos) que prezam pela destruição da nação e, por isso, devem ser combatidos.

O oitavo elemento é a inveja. Eco apresenta uma clara contradição inerente ao regime. O fascista sente inveja da força e riqueza de quem considera inimigo, concomitantemente à certeza de que pode vencê-lo.

O nono elemento característico é o Estado em permanente guerra, pois o pacifismo é o ardil do inimigo. O adepto do fascismo tem que permanecer em estado bélico constante. Nesse nono elemento, Umberto Eco aponta mais uma contradição:

Para o Ur-Fascismo não há luta pela vida, mas antes “vida para a luta”. Logo, o pacifismo é conluio com o inimigo; o pacifismo é mau porque a vida é uma guerra permanente. Contudo, isso traz consigo um complexo de Armagedon: a partir do momento em que os inimigos podem e devem ser derrotados, tem que haver uma batalha final e, em seguida, o movimento assumirá o controle do mundo. Uma solução final semelhante implica uma sucessiva era de paz, uma idade de Ouro que contestaria o princípio da guerra permanente. Nenhum líder fascista conseguiu resolver essa contradição (ECO, 2018, p. 09).

O fascismo se auto considera de origens aristocráticas e reacionárias, fazendo um juízo de si como os mais fortes, inteligentes e preparados, não havendo espaço para quem for fraco. Isso caracteriza claramente um elitismo. Para Eco, o elitismo é um próprio de todo tipo de reacionarismo por este ser majoritariamente aristocrático. Historicamente, os movimentos elitistas aristocráticos e militares trataram com desprezo aqueles que por eles eram considerados fracos. Essa postura de desprezo pelo fraco é introduzida na mentalidade popular em que o povo se reconhece como forte e enxerga os diferentes como inferiores.

Todos os cidadãos pertencem ao melhor povo do mundo, os membros do partido são os melhores cidadãos, todo cidadão pode (ou deve) tornar-se membro do partido. Mas patrícios não podem existir sem plebeus. O líder, que sabem muito em que seu poder não foi obtido por delegação, mas conquistado pela força, sabe também que sua força baseia-se na debilidade das massas, tão fracas que têm necessidade e merecem um “dominador” (ECO, 2018, p. 09).

Como efeito do elitismo, há uma educação que visa criar heróis. O heroísmo, é portanto, o décimo primeiro elemento apontado por Umberto Eco como constituinte do fascismo. Os fascistas por se auto denominarem os melhores, evidentemente, criaram uma atmosfera mítica em torno da figura do herói. Este herói não só despreza a morte, como a anseia em nome de sua nação.

O fascismo, de acordo com Eco, sente ódio pelo sexo e pelas questões de gênero, identificando-se com o machismo. É próprio do fascista condenar tudo o que ele entende como formas adversas de sexo, bem como as diferentes expressões de sexualidade que não sejam a heteronormatividade. Eco nomeia esse elemento como transferência da vontade de poder a questões sexuais (ECO, 2018, p. 10).

O décimo terceiro elemento é o populismo qualitativo em que dúvidas são lançadas sobre os governos parlamentares na representação do povo. Para Umberto Eco, esse é um dos primeiros fatores que anunciam que um possível regime fascista esteja se levantando.

Por fim, Umberto Eco evoca o conceito de “novilíngua” do escritor George Orwell em sua obra 1984:

O Ur-Fascismo fala a “novilíngua”. A “novilíngua” foi inventada por Orwell em 1984, como língua oficial do Ingsoc, o Socialismo Inglês, mas certos elementos de Ur-Fascismo são comuns a diversas formas de ditadura. Todos os textos escolares nazistas ou fascistas baseavam-se em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico. Devemos, porém, estar prontos a identificar outras formas de novilíngua, mesmo quando tomam a forma inocente de um talk-show popular (ECO, 2018, p. 11).

Já para a filósofa brasileira Marilena Chauí (1941 -), há uma certa cautela em classificar hoje os governos de cunho totalitários como fascistas. Chauí coloca o neoliberalismo como uma expressão de totalitarismo, a qual existe no momento presente. A filósofa prefere o uso do termo neoliberalismo porque o Estado e suas instituições são concebidos como uma empresa que espelha os interesses da sociedade e não uma sociedade que espelha os interesses do Estado, como era nos antigos totalitarismos. Se por um lado o fascismo usa da força e de mecanismos correlacionados, como já foi explicado anteriormente, para exercer coerções, o neoliberalismo enquanto totalitarismo, deslocou a sua força de ação para a direção do fundo público exclusivamente para o capital, ampliando o seu controle e vigilância de forma incalculável para a sociedade.

Outra diferença é que o fascismo tem caráter militarista. Segundo Chauí, ainda que no governo de Donald Trump houvesse ameaças à Venezuela e ao Irã e que o núcleo do governo Bolsonaro tenha uma expressiva participação de militares e seus envolvimento com as milícias de extermínio, não é possível a identificação com a noção de fascismo, pois não há a existência de uma população prontamente armada em defesa dos interesses do Estado (CHAUÍ, 2020, p. 319).

Ademais, Chauí afirma que a ideia de fascismo é condizente com um nacionalismo extremo que não é viável num mundo globalizado em que há o enfraquecimento do que se entende por Estado-nação. Para ela, o êxtase nacionalista de alguns governantes não atinge a necessária mobilização política, a exemplo do Brasil (CHAUÍ, 2020, p. 319).

Em suma, Marilena Chauí classifica o neoliberalismo como uma nova expressão de totalitarismo porque em seu cerne está o fundamento da formação social totalitária que nega a diversidade das diferentes identidades das instituições sociais e políticas. Isto é, há uma negação da heterogeneidade social, da pluralidade de crenças, modos de vida, comportamentos, ideias para oferecer uma sociedade maquiada de homogeneidade e concordâncias. É uma nova expressão de totalitarismo porque tem a sociedade incorporando ao Estado, ao invés do contrário como os totalitarismos nos seus sentidos clássicos.

De fato, os totalitarismos anteriores instituíam a estatização da sociedade, o expansionismo imperialista e o nacionalismo exacerbado. O totalitarismo neoliberal pratica, como dissemos, uma outra forma de imperialismo e, não tendo o Estado nacional como enclave territorial do capital, não precisa de nacionalismos extremados. Sua grande novidade está em definir todas esferas sociais e políticas não apenas como organizações, mas como um tipo determinado de organização que percorre a sociedade de ponta a ponta e de cima embaixo: a empresa - a escola é uma empresa, o hospital é uma empresa, o centro cultural é uma empresa. Eis porque o Estado é concebido como empresa, sendo por isso espelho da sociedade e não o contrário, como nos antigos totalitarismos (CHAUÍ, 2020, p. 321).

E uma das consequências de se conceber o Estado como uma empresa é o acobertamento de um desemprego estrutural que coloca o sujeito como um “empresário de si mesmo”, ou seja, como um “capital humano”, segundo Chauí, ou uma empresa individual. Essa proliferação de sujeitos “empresários de si mesmos” geram um individualismo em que os envolvidos estão numa constante e agressiva concorrência, nomeada com o eufemismo de meritocracia, que pouco se importa com a dignidade humana.

No neoliberalismo, segundo Chauí, os indivíduos são educados desde o início de suas vidas a serem pessoas de sucesso e, caso não consigam atingir o pódio da suposta meritocracia, a vivenciarem a angústia de culpa. Isso faz com que projetem seus fracassos às minorias políticas como indígenas, imigrantes, comunidades LGBTQIA+, mulheres, negros, idosos, pessoas com deficiências, bombardeando-os com ódio e violência social, psicológica, por meio de discursos de ódio, exclusão e, muitas das vezes, através de violência física. Esse comportamento é reflexo de uma desconstrução da alteridade e da

incapacidade se situar no mundo, não se reconhecendo como pertencente à determinada classe social, eximindo-se das responsabilidades para com o coletivo, aniquilando os atos solidários e desatando atos de extermínios, como explica Chauí.

Politicamente, a consequência da passagem da instituição à organização significa que o Estado deixa de ser considerado uma instituição pública regida pelos princípios e valores de legalidade e legitimidade republicano-democráticos e passa a ser considerado uma empresa. Isto explica porque a política neoliberal se define pela eliminação de direitos econômicos, sociais e políticos garantidos pelo poder público, em proveito dos interesses privados, transformando-os em serviços definidos pela lógica do mercado, isto é, a privatização dos direitos, transformados em serviços vendidos e comprados no mercado, privatização que aumenta todas as formas de desigualdade e de exclusão. Alargando o espaço dos interesses de mercado e encolhendo o espaço público dos direitos, o neoliberalismo apunhala o coração da democracia (CHAUÍ, 2020, p. 322).

Isso porque, conforme explica Marilena Chauí, não enquanto liberal, mas enquanto regime de governo, a sociedade é democrática quando a instituição de direitos é estabelecida pela divisão dos três poderes (legislativo, executivo e judiciário), partidos políticos, soberania popular pelo voto da maioria, , além, claro, das eleições de seus representantes.

Com efeito, Chauí aponta as consequências dessa nova forma de totalitarismo nas dimensões sociais, econômicas, políticas e ideológicas: perda da ideia de dimensão histórica e diminuição da alteridade cultural, fugacidade do presente e perdas de laço com o passado e esperança de um futuro emancipador, e surgimento de uma nova forma de subjetividade. (CHAUÍ, 2020, p. 326)

Enquanto consequência cultural e política, Marilena Chauí evoca o termo “precariado”, cunhado pelos estudiosos franceses para descrever o desemprego estrutural e desconstrução do Toyotismo. O termo se refere ao trabalhador sem contrato de trabalho, sem estabilidade de emprego, sem seguridade social ou protegido por um sindicato que, mais do que ter uma condição econômica vulnerável, é movido pelo medo, pela fragmentação da dignidade e autoestima. Para piorar esse quadro, esse trabalhador vive

sob a ilusão da meritocracia e pela culpa diante de seus insucessos (CHAUÍ, 2020, p. 323).

Do ponto de vista político, as consequências desse novo totalitarismo é o fim das políticas social-democratas, com a privatização dos direitos sociais submetidos pela lógica capitalista de mercado e, por conseguinte, o aumento da exclusão e das desigualdades sociais. Além disso, coloca um ponto final na democracia liberal representativa, visto que as políticas públicas são definidas como gestão e não mais como um debate público com decisão da vontade dos cidadãos representados através de seus devidos representantes eleitos. Outra consequência dentro da esfera política é a judicialização da política. Ora, se dentro da lógica empresarial os conflitos são resolvidos de maneira jurídica e não de maneira política, com o Estado, sendo tratado como uma empresa, não poderia ser diferente. Segundo Chauí, o novo totalitarismo sob o verniz de neoliberalismo possibilita que os gestores públicos atuem como mafiosos que promovem a institucionalização da corrupção, sustentem o clientelismo e imponham lealdades através do medo. Essa gestão criminosa é concomitante à oferta de proteção e alianças, mantendo, assim, um círculo de dependência recíproca. Dentro da esfera política, ainda, o novo totalitarismo divide o campo político entre “nós” e os “outros”, sendo que já não há mais adversários, mas inimigos que devem ser combatidos. Embora o governo seja conduzido majoritariamente por uma rede de corrupção, os corruptos são sempre os outros. E, por fim, é próprio desse tipo de governo o controle total do judiciário, visto que o funcionamento do crime organizado dentro do governo faz com que tenham posse de dossiês acerca de questões pessoais, familiares e profissionais de magistrados. Essa posse desses dossiês faz com que sejam oferecidas “proteções” em troca de lealdade (CHAUÍ, 2020, p. 324).

Dentro do escopo ideológico, o ódio ao outro é constantemente estimulado, principalmente aos indivíduos e grupos socialmente vulneráveis como, por exemplo, comunidades LGBTQIA+, negros, mulheres, indígenas, pobres, pessoas com deficiências, imigrantes, migrantes, idosos, entre outros que tornam alvos de ataques e tentativas de extermínios. Valendo-se de um discurso totalitário e com a máxima de “marxismo cultural”, perseguem quaisquer expressões de pensamento crítico que lhes afronte, dividindo a sociedade entre os “cidadãos de bem” e os “diabólicos”. Com esse *modus operandi*, pretende-se fazer uma limpeza ideológica, social e política, valendo-se de uma teoria da conspiração comunista liderada por artistas e intelectuais de esquerda.

Esse pensamento é disseminado pelo que Chauí chama de *conseglieri*, isto é, conselheiros que tiveram uma formação autodidata e alimentam ódio contra cientistas, artistas e intelectuais, valendo-se da aversão que a extrema direita e a classe média possuem diante desses agentes do pensamento e da criação, ressentimento alimentado pelos liberais que acusam o povo de não saber pensar, nem votar. Ademais, a palavra “comunista” é usada por esses conselheiros e reproduzida por seus seguidores sem nenhum critério, sendo sinônimo de todo pensamento que questione o senso comum e o *status quo*. Em vista disso, há a reprodução de parte da população e de governantes que endossam esse discurso, fomentando o ódio aos grupos de vulnerabilidade social. Esse ódio social, aliado ao ressentimento são transformados em discursos de poder, justificando a censura e o extermínio (CHAUÍ, 2020, p. 325).

A consequência cultural do novo totalitarismo, defende Chauí, é um culto à efemeridade em que as obras de arte e de pensamento que surgem, são logo descartadas e, em seguida, substituídas sem deixar resquícios. O presente é experimentado como breve e passageiro, sem conexões com o passado objetivo e sem esperanças de um futuro emancipador. Isso leva ao ressurgimento de um imaginário transcendente. E quais são as consequências práticas? Uma delas é o fortalecimento da teologia da prosperidade desenvolvida pelo neopentecostalismo, pela qual o trabalhador é transformado no empresário de si mesmo (CHAUÍ, 2020, p. 326), submetido às lógicas do neoliberalismo (a ausência de um Estado regulamentador é preenchida pelos falsos ditames capitalistas de uma falsa esperança meritocrata). Se isso não bastasse, os fundamentalismos religiosos, aliados a uma autoridade pautada em decisões absolutas e teocráticas, fazem com que haja, segundo Chauí, um mergulho na contingência bruta de um imaginário que não compreende o seu ser no mundo, bem como a realidade sócio-política, levando a um contorno hermenêutico dessa mesma realidade, que busca amparo em duas figuras transcendentais que podem ser encontradas: ou na religião e seus entes, ou na figura idealizada, quase metafísica, de um governante com apelo à força e autoridade. (CHAUÍ, 2020, p. 326)

Por fim, Marilena Chauí defende que o novo totalitarismo conduz a uma nova forma de subjetividade caracterizada por dois vieses aparentemente dicotômicos, mas que, de fato, são complementares. A primeira forma de subjetividade para a filósofa é descrita como uma subjetividade depressiva em que a exigência de vencer toda e qualquer competição é marcada pela culpa e pelo medo do fracasso. A segunda forma de

subjetividade é colocada por Chauí como um narcisismo, fruto das ações das tecnologias eletrônicas de comunicação. Assim, escreve a autora:

Essa nova subjetividade não se define mais pelas relações do corpo com o espaço e o tempo do mundo ou da vida, mas com a complexidade de relações reticulares esparsas e fragmentadas. Essas novas tecnologias operam com a obediência e a sedução no campo mental, porém disfarçadas numa pretensa liberdade de escolher obedecer, pois, os estudos em neurologia revelam que nos usuários, há diminuição das capacidades do lobo frontal do cérebro, onde se realizam o pensamento e os julgamentos, e há grande desenvolvimento da parte do cérebro responsável pelo desejo (CHAUÍ, 2020, p. 327).

As consequências disso é que o pensar é substituído pelo desejar, de modo que as empresas, movidas pela lógica do lucro, desenvolvem cada vez mais tecnologias específicas que fomentam o desejo e o consumismo, levando a uma submissão do sujeito às próprias aspirações neoliberais e, de modo indissociável, neototalitárias.

É possível verificar que o que Umberto Eco descreve como fascismo e o que Marilena Chauí prefere chamar de novo totalitarismo está em conformidade com discursos conservadores, muitos deles encontrando terreno fértil de argumentação nos conceitos religiosos, como os católicos integristas que é o objeto desse estudo.

Sendo assim, a seguir será abordado como se consolida o discurso conservador no Brasil, a partir da compreensão de como se apresenta o conservadorismo e o integrismo dos católicos tradicionalistas que se apresentam como verdadeiros apologetas, cruzados e arautos do que consideram, em suas visões, bom, belo, justo e universal.

1.2. O Integrismo católico

O integrismo está relacionado a uma perspectiva liberal, numa disputa do mercado religioso em conformidade com o mercado e domínio políticos, colocando em risco a própria hegemonia.

Em um primeiro momento há uma crise na manutenção e transmissão das tradições religiosas diante das transformações que a modernidade apresenta, causando um colapso das identidades religiosas católicas e protestantes. A partir dessa crise há a dificuldade de se manter a continuidade da tradição confessional sem cair numa “imutabilidade”. Isso se dá pela não aceitação das rupturas culturais e das flutuações dos valores religiosos, bem como a perda da centralização institucional eclesiástica. Todavia, por essa postura radical, são as próprias igrejas tradicionalistas que promovem esse fenômeno de afastamento daquilo que propõe o conservadorismo, bem como um esvaziamento em seus setores. Outro aspecto proveniente dos movimentos integristas, que está além das discussões meramente teológico-doutrinárias, é a disputa pelos bens de salvação, ampliando o conflito para os vieses culturais e políticos, numa concorrência acirrada pelas mídias e espaços públicos.

O integrismo católico iniciou a sua formação sob o pontificado de Pio X (1903 a 1914), cujo intuito era de conservar o espírito “íntegro” da concepção jurídica, hierárquica e institucional da Igreja Católica Apostólica Romana frente ao modernismo a que eram acusados os teólogos do final do século XIX e início do século XX. O movimento propunha uma reforma da ortodoxia e dos métodos exegéticos, bem como um limite à tão marcante retomada da filosofia e teologia escolástica, sobretudo, de Santo Tomás de Aquino, caminhando para um maior diálogo entre a Igreja e o mundo no âmbito da política, das questões sociais, das transformações do mundo moderno, da ciência e da necessidade de uma maior efetividade da democracia cristã (GONÇALVES, 2012).

O integrismo católico se alicerçou a partir de três textos, sendo dois de 1907, a encíclica *Pascendi Dominici Gregis* e o decreto *Lamentabili Sane Exitu*, e um de 1910, o juramento antimodernista *Sacrorum Antistitum*.

Esses textos foram responsáveis pelo início das condenações, prescrições, desconfiança e política de vigilância sem atenuantes produzidos para reprimir o “progressismo” contido na teologia de alguns recalcitrantes modernistas que teriam encabeçado a tentativa de reformas: mais notadamente Lucien Laberthonière e Alfred Loisy na França, George Tyrrell na Irlanda, Romolo Murri e Ernesto Buonaiuti na Itália.

Com essa postura, o conceito “integrista” teve o seu uso no interior da Igreja para definir o ímpeto antimodernista e de índole conservadora o qual se alçava contra aqueles que, de acordo com os integristas, intimidavam a ortodoxia católica, entendida como o

que era abalizada como a doutrina oficial da Igreja. O integrismo defendia a necessidade de um Estado teocrático católico, com uma sociedade confessional e alicerçada nos dogmas católicos, no reconhecimento da infalibilidade papal e sua inerrância diante dos pressupostos modernistas.

Ao contrário da posição fechada dos integristas, o chamado modernismo na Igreja propunha uma abertura ao diálogo aos problemas filosóficos do mundo moderno, principalmente ao que tangia à ordem política e social e de quais deveriam ser as incumbências do catolicismo diante dela. O modernismo propunha o método histórico-crítico de exegese, fruto de um mundo que se abria para a ciência e para as especializações das diferentes áreas de conhecimento. Já o método apologético do princípio da imanência coloca o Sagrado como imanente ao ser humano, ou seja, Deus se revela de modo imediato sem se utilizar de intermediários à consciência humana, sendo Ele mesmo a causa metafísica dessa consciência. Dessa forma, a experiência religiosa se tornaria mais prática, visto que Deus é em Si mesmo um princípio de ação dessa relação para com suas criaturas. A dimensão religiosa, pois, é alcançada pelos seres humanos através do questionamento da transcendência divina e de quaisquer critérios exteriores e causas formais, focando nas necessidades vitais humanas e, conseqüentemente, numa experiência subjetiva, pessoal e não transferida por causas externas. Isso significa que a religiosidade parte de dentro de cada pessoa numa vivência individual pautada pelo sentimento, numa relação de intimidade com o Criador.

Ora, isso leva inevitavelmente a uma desconstrução da objetividade teológica e do papel incontestável da interpretação eclesiástica da Revelação, pois o que caracteriza a relação entre Criador e criatura não são mais premissas lógicas, mas o sentimento e a apreensão intuitiva e afetiva da consciência humana. Nesse interim, reside um dos incômodos dos conservadores, pois o encontro com o Sagrado se dá a partir de uma intimidade com Deus advinda da afetividade autônoma, dispensando, inclusive, uma estrutura clerical hierárquica e que monopoliza os bens divinos. O ser humano, portanto, pode chegar a Deus sem a necessidade de mediações externas.

Outro incômodo para os integristas foi, justamente, o método histórico-crítico da exegese das Sagradas Escrituras. Isso porque tal método submetia as interpretações bíblicas à dúvida metódica, utilizando-se de outras disciplinas consideradas como profanas para um maior entendimento dos textos bíblicos. Sendo assim, a inerrância teológica estaria sendo confrontada com a contextualização histórica, linguística,

estilística, antropológica e todo instrumental teórico possível que não se pautasse no argumento de autoridade e que estava diametralmente em oposição aos métodos utilizados pela escolástica. Em suma, o questionamento proposto pelos teólogos modernistas era de que até que ponto as narrativas encontradas nos textos sagrados poderiam ser consideradas verdades históricas ou conter um valor muito mais simbólico.

Como seria de se esperar, o modernismo foi condenado oficialmente em 1907 pela Encíclica *Pascendi Dominici Gregis* do Papa Pio X.

1.2.1. A Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*

A Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, além de condenar o modernismo, colocou-o como o ponto de convergência de todas as heresias, como o pragmatismo, o agnosticismo, o evolucionismo e o naturalismo, sob acusações de que assim seria o caminho mais curto e certo para chegar à negação da Igreja e até do Próprio Deus, isto é, o ateísmo. De acordo com a encíclica, os modernistas demonstravam as suas doutrinas sem uma organização e juntas como um todo, todavia com uma dispersão que levaria facilmente ao engodo por terem sentidos, muitas das vezes ambíguos, duvidosos e incertos. Dessa forma, a encíclica se coloca como agente de solução doutrinária e de organização dos nexos modernistas: o crente, o filósofo, o apologista, o historiador, o crítico, o reformador e o teólogo.

A *Pascendi*, embora reconhecesse que quem simpatizava com os erros não se encontrava fora da Igreja, isto é, os “inimigos declarados”, ela sinalizava para a completa quebra hierárquica nas reivindicações modernistas relacionadas à postura eclesial diante da sociedade. A encíclica afirmava que a reforma proposta pelos ideais modernistas tornava a Igreja submissa às questões seculares. A consequência disso seria rebaixá-la ao mundo e às suas leis, independentes dos ensinamentos clericais.

Os integristas também acusavam os modernistas de influências protestantes e do criticismo de Immanuel Kant. Segundo Isidro Gomá (1910, p. 09) em sua *Tradición y Crítica en exégesis: orientaciones de la apologética bíblica moderna* apresentada ao Congresso Internacional de Apologética em Vich na Espanha, deixa claro a influência da ortodoxia da Encíclica *Pascendi* ao expor as causas do modernismo, sustentando-as sobre dois pilares que são a reforma protestante o pensamento de Kant. Gomá afirmava que a

concepção religiosa moderna se apresenta sob a forma autônoma entre fé e a as leis que regulam a vida e o espírito.

Gomá (1910, p. 10) defendia que essa visão modernista advinda do protestantismo e do criticismo e subjetivismo kantianos têm como efeito um fenômeno duplo que se manifesta como uma religião híbrida, sem o caráter sobrenatural e divino e desligada de toda autoridade divina, cabendo ao ser humano desenvolver a sua própria religiosidade sem mediadores e de se colocar como autor de suas próprias leis e moralidade.

Com efeito, todo esse reacionarismo dos integristas ao que propunham os teólogos modernistas e o Concílio Vaticano II estava intimamente vinculado à teologia dogmática da contrarreforma, sobretudo, ao Concílio de Trento.

A elaboração da encíclica está atrelada, pois, aos impactos teológicos, políticos e sociais aos quais os modernistas estavam se debruçando na elaboração dessa “nova teologia”. O papel central da *Pascendi* é se opor ao possível subjetivismo da fé católica permeada pelo imanentismo, o que reduziria o catolicismo a uma fé privada, sem a devida publicidade. Ademais, se opunha veementemente à exegese crítico-histórica, na tentativa de uma independência da transmissão da doutrina e da humanização da Igreja.

O integrismo não foi propriamente um apego à tradição, mas à monopolização da tradição católica, com um uma supervalorização da hierarquia e da autoridade eclesiástica. Junto a isso, houve também um fechamento do catolicismo tradicionalista em que o diálogo com o mundo e suas mudanças culturais não eram opções. Ficava evidente a premissa de que o mundo deve se adequar à Igreja e jamais a Igreja ao mundo.

Em suma, o integrismo degenerou a tradição e hipertrofiou o caráter autoritário da religião católica com um intelectualismo preso à autoridade com altas críticas a quaisquer manifestações populares de fé e de diálogo com os novos paradigmas do mundo. O integrismo, concentra-se, pois, em condenar todo e qualquer nível de consciência pelos quais são possíveis atingir o sagrado e que não passam pelos seus crivos de aprovação.

1.2.2. O caso de Dom Marcel Lefebvre e Dom Castro Mayer

Em 1987, Dom Lefebvre decide sagrar bispos no rito antigo sem a aprovação do Papa João Paulo II. Em 1988, o Cardeal Bernardin Gantin adverte a partir do Cânon 1382

que Dom Lefebvre e os bispos por ele sagrados teriam excomunhão *latae sententiae* por desobediência pontificia. Nesse mesmo ano, Dom Antônio de Castro Mayer, juntamente com Dom Marcel Lefebvre sagra quatro bispos. Nisso, o que era uma advertência se concretiza e o Cardeal Gantin declara as excomunhões, além de qualificar como cismáticas as sagrações. O ato de excomunhão, segundo o Cardeal Gantin, se estenderia a quem apoiasse Dom Lefebvre e Dom Mayer. Por fim, ainda em 1988, o Papa João Paulo II no documento *Ecclesia Dei Afflicta*, reitera as ameaças de excomunhão e as acusações de cisma produzidas pelo Cardeal Gantin.

Todos esses acontecimentos levaram a reações marcantes dos integristas que prontamente se levantaram para defender Dom Castro Mayer e Dom Marcel Lefebvre. O argumento central foi que, em caso de necessidade, a desobediência se torna legítima. Ademais, a manutenção da tradição, ainda que indo contrariamente ao magistério vigente, é prova de fidelidade à Igreja e a Deus, segundo os grupos integristas. Os grupos integristas, inclusive, chegaram a fazer comparações com a excomunhão injusta de Santo Atanásio no caso do arianismo no século IV pelo Papa Libério (ainda que essa excomunhão seja contestada por historiadores pelo motivo do Papa tê-la feito sob coerção, logo sendo nula).

Contudo, diferentemente de Santo Atanásio, que teve uma possível excomunhão do Papa Libério por motivo do pontífice estar sendo coagido, Dom Lefebvre teve a suspensão do ministério pelo Papa Paulo VI e a declaração oficial de excomunhão pelo Papa João Paulo II.

Dom Lefebvre foi o responsável por liderar o movimento tradicionalista católico em resistência às reformas conciliares e litúrgicas, fundando a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX). Dentre as acusações do bispo está a de considerar a *Missa Nova* como sendo protestantizada, defendendo unicamente a celebração do rito tridentino (missa celebrada desde o Concílio de Trento do século XVI) e de que Roma caiu em apostasia, deixando de ser católica para ser sede do Anticristo. Ao que os teólogos que aderiram o Concílio Vaticano II responderam que não há nada mais protestante do que essa insubordinação ao Papa. Essa contenda teológica permanece até a atualidade.

Em 2009, o Papa Bento XVI retomou o caso das excomunhões de Dom Lefebvre, de Dom Mayer e dos bispos por eles sagrados, revogando-as numa tentativa de reaproximação em nome da manutenção da unidade da Igreja, visto que ele já havia

autorizado a celebração da Missa Tridentina em 2007 através do *Motu Proprio Summorum Pontificum*.

1. 2.3. A “Guerra Cultural” como imagem e semelhança de um Deus Bélico

A expressão “guerra cultural” surgiu a partir do embate entre paradigmas religiosos fundamentalistas em contraposição aos paradigmas culturais modernos e liberais nos EUA. É possível a compreensão da guerra cultural como um embate semântico em que o que está em jogo é a dominação pelos valores morais e existenciais através das diferentes expressões de linguagem, suas narrativas e expressões diante de seus públicos-alvos. Isso significa que um mesmo evento ou fenômeno pode tomar diferentes denotações em função de como é transmitido à população.

Nesse interim, há um ponto de intersecção entre os integristas católicos do presente e do passado, que é a defesa à família tradicional (constituída de homem e mulher casados na igreja) e da moral e costumes católicos em detrimento a tudo que se opõe a esses valores. O recurso utilizado por muitos clérigos tradicionalistas é o que podemos chamar de “discurso bélico” que sintetiza os valores eternos da Igreja, dotado de um vocabulário específico e apelativo que procura denunciar de maneira sensacionalista os “escândalos” da sociedade moderna.

Esses valores eternos defendidos pelos grupos integristas obedecem a uma ordem análoga ao que eles têm como lei e hierarquia natural. Essa ordenação consiste na transmissão de conceitos e valores que vêm de “cima para baixo”, isto é, o próprio Deus, a Igreja como sua mediadora e única autoridade legítima a receber e interpretar a palavra divina, bem como seu magistério e tradição. Todos esses valores se consolidam através de dois axiomas para os católicos tradicionalistas: o primeiro consiste na existência de “verdades eternas”, tais como a existência necessária de Deus, a sua Revelação, as Escrituras Sagradas e a Igreja por Ele instituída. Dessas verdades derivam outras, tais como: a família cristã heteronormativa, a mulher num papel de submissão “santa” com relação ao homem, a propriedade privada e a legitimação da existência das classes dominantes e dominadas.

O integrismo se vale de uma semântica própria na interpretação e no modo de se expressar com relação a movimentos que eles consideram em oposição aos seus ideais,

tais como o movimento feminista e quaisquer outros que possam ter relação com ideias marxistas, fazendo uma leitura particular de fatos históricos e filosóficos, dando-lhes uma interpretação fechada à sua visão de mundo.

O produto dessa estratégia é uma fala que não se concentra exclusivamente num embasamento filosófico ou teológico, mas que se sustenta num tom de conspiracionismo, de teor passional e ficcional, num verdadeiro arcabouço lógico e racionalizado que busca angariar apoio social e de agentes individuais e coletivos, como um recrutamento para a tal guerra cultural, se colocando em posição de ofensiva contra as mudanças provenientes do secularismo consideradas como perniciosas ao catolicismo. Toda alteração legislativa, social ou de política pública vista como nociva aos valores judaico-cristãos são alvos de duros ataques por meio dos conservadores e tradicionalistas e seus discursos apelativos que *re-configuram* os fatos e narrativas, na tentativa de inverter suas reais intenções e significados.

Essa postura se torna crescentemente dogmática à medida que qualquer crítica ou contra argumentação é taxada de influência diabólica na tentativa de destruir a Igreja de Cristo e atentar contra as Leis do Criador. Esse motivo é mais do que suficiente para perceber o quão sectários são estes grupos.

Outro ponto que é importante salientar é a insistência em uma forte hermenêutica conspiratória, que mistura devaneios religiosos com análises sociológicas e filosóficas. Nessas análises há sempre uma mistura de verdades com argumentos falaciosos e fantasias persecutórias, como se a Igreja estivesse voltando aos tempos de perseguição do Império Romano, mas que agora, ao invés do inimigo antigo, é a “Nova Ordem Mundial” e sua agenda globalista. Sendo assim, cabe, portanto ao cristão, ser um arauto da Igreja de Cristo e se portar como um cruzado moderno na defesa da Verdade e no combate às influências de Satanás sobre o mundo, em colaboração com Deus no resgate dos seres humanos perdidos e confusos. Por fim, os grupos integristas afirmam que a estratégia dos inimigos da Igreja tem fundamento no marxismo que afirma que a origem das desigualdades sociais estaria na família e, dessa forma, teriam que ser eliminados os papéis tradicionais de pai, mãe e filhos, esposa, esposa, pois estes são conceitos burgueses que têm como finalidade a opressão do sujeito pelo sujeito.

1.3. O integrismo no Brasil

A Encíclica *Pascendi Dominici Gregi* pode ser considerada como o marco do movimento antimodernista dentro da Igreja no século XX, trazendo inúmeras reflexões entre intelectuais católicos, ora para defendê-la, ora para atacá-la.

No Brasil, houve uma grande reação de grupos antimodernistas, os quais podemos citar a TFP, a sua dissidente Associação Cultural Montfort, Hora Presente, Lepanto, entre tantas outras que foram surgindo ao longo da segunda metade do século XX até o momento presente.

Elas tiveram sua origem e fortalecimento durante o período da ditadura militar, posicionando-se contrariamente a uma suposta ameaça comunista e aos valores modernistas que ameaçam o que se compreendia por esses movimentos como sendo uma única e verdadeira expressão de catolicismo.

A Associação Cultural Montfort, por exemplo, utilizou-se dos mais diferentes instrumentos midiáticos para divulgar e atacar o modernismo, utilizando-se, sobretudo, dos escritos do Papa Pio X e de Marcel Lefebvre, bispo excomungado em 1988 pelo Papa João Paulo II por se opor veementemente ao Concílio Vaticano II (excomunhão que foi considerada postumamente nula pelo Papa Bento XVI em 2009).

O caso de Dom Marcel Lefebvre e essa recusa em aceitar o Concílio Vaticano II, acusado de conivência com o modernismo e o liberalismo e de apostasia, foi um dos acontecimentos que marcaram a cisão entre os pensadores e devotos tidos como progressistas e os integristas.

1.3.1. O discurso conservador brasileiro

Os conservadores empregaram a retórica reacionária dotada de uma moral triunfalista em que o objeto de ataque é o “marxismo cultural”, que tende a se infiltrar na política e na cultura, tendo como inimigo direto a Igreja Católica, a família e a moral vigente. A área de atuação desses discursos são as mais diferentes formas de mídias, em “aliança” pragmática com grupos protestantes e evangélicos contra o que é denominado, por exemplo, “ideologia de gênero” e outros meios perniciosos pelos quais a cultura vem

sendo “atacada” com o intuito de destruir a família, o direito à propriedade privada e aos valores tradicionais.

O Conservadorismo católico ascendesse baseia também em uma postura saudosista com relação ao catolicismo medieval, usando das mídias para penetrar a esfera pública e a atuação política, dotado de um discurso de enfrentamento e de uma retórica de ataque que visa combater a “imoralidade”, o “mal” e o “pecado” que tem criado raízes na sociedade brasileira.

A primeira Carta Constitucional da República (1892) promoveu o estabelecimento do Estado Laico, causando uma séria preocupação no clero que via a necessidade de tornar o Estado católico novamente. O recurso usado para isso foi buscar atuações dentro das novas instituições republicanas, cujo objetivo era manipular as decisões políticas e sociais por meio de uma elite intelectual católica.

No Brasil, foi em 1916 com a Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, arcebispo de Olinda e Recife (vindo a ser futuramente nomeado pelo Papa Pio XI arcebispo e cardeal do Rio de Janeiro) que o conservadorismo encontra alicerces para se sustentar de maneira simbólica e institucional. A razão disso era o fato da Carta Pastoral apelar para a relação entre a formação da República Brasileira e a participação ativa da Igreja Católica na construção da sociedade e seus valores, por exemplo, buscando novas vocações de religiosos de outros países para as ordens religiosas que aqui estavam, bem como a criação de novas dioceses, fazendo, assim, que a Palavra de Deus fosse levada a um número cada vez maior de fieis e que os ensinamentos eclesiásticos fossem cumpridos.

A vida pública brasileira tem sua historicidade marcada pelo conservadorismo católico e atualmente não é diferente. Hoje, pode-se dividir basicamente em dois grandes grupos os católicos conservadores. O primeiro grupo, chamados de ultraconservadores, são aqueles que não aceitam as mudanças e catequeses propostas pelo Concílio Vaticano II, defendendo os ensinamentos passados pela Igreja fundamentados no Concílio de Trento (1545-1563). O segundo grupo, embora aceite o Concílio Vaticano II, mantém uma inflexível postura conservadora, principalmente àquelas relacionadas à moralidade e às mudanças sociais, aproximando-se muito do primeiro grupo (com a diferença da aceitação das reformas do Concílio Vaticano II).

A história da formação do Brasil República é marcada por uma intensa atividade religiosa cristã e seus respectivos grupos conservadores que travam uma verdadeira luta

pela manutenção de valores tradicionais cristãos, familiares e contra supostas ameaças oriundas dos tempos presentes, tais como o modernismo, secularismo, ateísmo, marxismo, novas estruturas familiares, diversidade de gênero, entre outras que possam ser consideradas como contrárias ao magistério, Escrituras e a tradição. Ademais, ainda há lutas internas à Igreja, como aquela entre a Teologia da Libertação, liberalismo, comunidades eclesiais de base, pastorais, e os grupos integristas, todo e qualquer movimento que esteja em conformidade com a chamada “missa nova” e o Concílio Vaticano II.

A participação da Igreja Católica no espaço público que se configurava na modernidade no Brasil, teve severas influências de ações internas da estrutura eclesiástica que se colocou numa missão de “catequisar” o próprio clero e grupos religiosos para enfrentar como “cruzados” os novos atores religiosos que surgiam na sociedade brasileira, tais como o espiritismo kardecista, o protestantismo, evangélicos pentecostais e os neopentecostais, além, claro, das mudanças que a Igreja vinha tomando ao dialogar com o mundo por meio de seu último concílio. Esse último motivo foi visto por grupos integristas como sendo uma ruptura de dentro para fora na unicidade do Catolicismo.

Paulatinamente, grupos de leigos católicos foram se formando na intenção de combater os “inimigos da Igreja” e os “males do mundo moderno” que, ao ver dos conservadores se faziam presente nos ideais liberais, marxistas, espiritualistas e nas confissões de fé reformadas, chamadas por eles de modo generalista de “seitas protestantes”. Além dessa oposição, os mesmos grupos exerciam uma ação apologética na defesa da tradição católica, a hierarquia eclesiástica, a moral e os bons costumes, numa catequese do corpo em que muitas das expressões da sexualidade eram reprimidas.

A Igreja soube como usar meios estratégicos para se fazer hegemônica em todo contexto sócio-político, ocupando ao máximo o espaço público, valendo-se de discursos que conotavam a uma combatividade ao moderno e com teor nacionalista, de ordem e da moral. Além de um imperativo de guerra, esses valores eram romantizados, ao ponto que em 1931, a estátua do Cristo Redentor foi inaugurada no Corcovado no Rio de Janeiro, contando com as bênçãos de Dom Sebastião Leme (representando o poder religioso) e de Getúlio Vargas (representando o poder laical), presidente do Brasil através de um golpe militar em 1930. Seguindo a ordem cronológica, em 1964 acontece a “marcha com Deus pela Liberdade”, seguido pelo golpe militar de 1964. E, finalmente, de 2010 a 2014, principalmente com as eleições para presidente do Brasil, as manifestações com discursos

conservadores e religiosos começam a tomar as ruas, inclusive solicitando o *impeachment* de Dilma Rousseff, presidente do Brasil nesse período.

A Igreja Católica desde o início do século XX encontrou subterfúgios e maneiras de se impor culturalmente e de pressionar os governos a serem contra as modernizações e de manterem o poder temporal eclesiástico. Para tanto, o catolicismo, através de seus dirigentes, tomou a empreitada de se “infiltrar” nas principais instituições sociais com o intuito de disseminar a espiritualidade católica. E como foi feito isso? Tendo como causa eficiente as elites sociais e culturais, visto que ao atingi-las com sua cristianização através de uma rede de ensino católica e de alto custo, faria com que o monopólio das estruturas intelectuais e culturais permanecesse com a igreja, sendo reproduzida pelas demais classes sociais a partir das “preferências” das classes dominantes. Ora, a Igreja doutrinaría os filhos das elites que, por sua vez, influenciariam o restante da população, o Estado e, conseqüentemente, as legislações.

O principal objetivo era fazer com que a fé católica voltasse a ser o centro das estruturas e funções brasileiras. O conservadorismo e tradicionalismo, assim se fortaleciam à medida que os anseios pela formação de uma sociedade alicerçada aos valores cristãos idealizados e romantizados como puros, necessários e universais aumentavam diametralmente. E para isso, esses grupos voltavam os seus olhares para o passado, buscando uma utopia nostálgica e permeada por ilusões romantizadas.

1.3.2. O conservadorismo e anticomunismos católicos: um flerte com os ideais fascistas

O catolicismo no século XX se apresentava como uma das maiores forças anticomunistas, através de suas Encíclicas, Cartas Pastorais e de todos os meios midiáticos confessionais possíveis, ou mesmo, contando com a maioria dos meios de comunicação tidos como laicos.

De acordo com Carla Rodeghero, a Igreja chegava a atacar o comunismo como sendo uma doutrina antinatural que se posicionava contra o “direito natural”, a família, a autoridade paterna e a propriedade privada (RODEGHERO, 2003, p. 32). Essa “caça aos comunistas” não se limitou ao clero, mas ocorreu em grupos paroquiais, grupos de leigos e se enveredou por todos os vieses católicos possíveis, pois o comunismo era visto como

um verdadeiro inimigo e destruidor da religião e dos valores cristãos. Contudo, foi apenas em meados de 1930 que o papado se posicionou de modo visceral contra as doutrinas comunistas. Anteriormente, a Igreja apenas se limitava a identificar condutas tidas como inclinadas ao comunismo e formas de atenuá-las.

Ao final da década de 1930, o comunismo já havia se tornado um iminente inimigo do catolicismo, de modo que era condição necessária combatê-lo. Mais precisamente, no ano de 1937, o Papa Pio XI através da Encíclica *Divini Redemptoris* – tida como autêntico lumiar na orientação dos católicos – classificava os católicos como “filhos da Luz”, enquanto que os comunistas eram os “Filhos das Trevas” (RODHEGERO, 1998, p. 31).

1.3.3. Encíclica *Divini Redemptoris*

A Encíclica *Divini Redemptoris* foi publicada por Pio XI no dia de São José de 1937 (19 de março), cujo posicionamento ácido era contra o comunismo ateu. Ela ataca o comunismo bolchevique e ateísta, alegando que ele seria responsável por querer derrubar a ordem social e liquidar o cristianismo em suas próprias estruturas.

De acordo com a encíclica, o comunismo carrega em si a premissa de uma falsa redenção, uma falsa ideia de justiça, fraternidade e igualdade no trabalho, alicerçando-se num pseudo-misticismo em sua comunicação com as massas. Estas se deixam seduzir por promessas falaciosas e de contagiante entusiasmo, principalmente nos momentos em que a má distribuição de renda, a desigualdade social e a miséria imperam. Este era o caso de quando ela foi publicada em 1937 e que em muitos lugares, como o Brasil, por exemplo, perdura.

A revolução bolchevique estando consolidada, tudo o que a Igreja até então temia se tornava realidade: religiosos foram assassinados, igrejas foram fechadas e houve uma expressiva estimulação do ateísmo. Todavia, foi na Guerra Civil Espanhola, a qual lutavam os republicanos em oposição aos apoiadores de Franco, que os ideais anticomunistas tomaram maior força. Isso se deu porque a Espanha era um dos países mais fervorosamente católicos. Todos os assassinatos de religiosos (padres e freiras), assim como as profanações das igrejas católicas, tiveram a culpa exclusivamente atribuída aos comunistas.

No Brasil, essa situação agravou-se a partir da propaganda anticomunista por conta da “Insurreição Comunista” de 1935 ou “Intentona Comunista” como ficou conhecida em tom pejorativo por seus opositores. Esse movimento foi um conjunto de levantes revolucionários armados realizado por membros do exército brasileiro entre 1935 e 1936 em Natal, Recife e Rio de Janeiro, cujo objetivo era derrubar o governo de Getúlio Vargas. Os organizadores da Insurreição Comunista tinham apoio do comunismo internacional, principalmente da União Soviética, liderada por Joseph Stalin. Os principais nomes da Intentona eram Luís Carlos Prestes e a agente soviética enviada por Moscou Olga Benário. Em 1937, finalmente, as tropas do governo federal derrotaram os comunistas e Getúlio Vargas decreta a Ditadura o Estado Novo.

Depois da frustração da Insurreição Comunista, a Igreja Católica brasileira começou a enxergar o comunismo como uma ameaça mais próxima e tratou de se defender através de uma retórica anticomunista encontrada, sobretudo, nas Cartas Pastorais.

As cartas pastorais escritas pelos bispos brasileiros eram enviadas às suas respectivas paróquias para orientarem os padres e os fiéis contra a ameaça comunista.

De acordo com Motta (2002), a principal questão a ser considerada pelo clero brasileiro era de que o comunismo questionava os fundamentos básicos das instituições religiosas (e não sem razão, pois essa era uma das premissas dessa nova doutrina que emergia). Portanto, o comunismo não se limitava a um movimento revolucionário de ordem social e econômica, mas num sistema filosófico e de crença que era concorrente da religião, pois fornecia uma moral e uma escala de valores, do mesmo modo que oferecia uma explicação de mundo que não precisava recorrer a causas espirituais.

O clero via o comunismo, portanto, como sendo a antítese da religião católica: ateuista, materialista, promotor da luta de classe, destruidor da família e da moral tradicional, transgressor, revolucionário e que visava o fim das hierarquias, tradições e inimigo da ordem. Essa oposição ao comunismo e suas possíveis ameaças fez com que a Igreja começasse um movimento de “neocristianização”, criando grupos de formação para leigos e religiosos com o intuito de combater também o processo de laicização e secularização que se consolidava no Brasil.

A Igreja segue se posicionando diante dos modelos econômicos, reconhecendo que o capitalismo é um sistema que é cheio de problemas, mas que não se compara ao comunismo que é imensamente mais pernicioso. Para a Igreja, é possível ser um bom

católico capitalista, desde que o fiel seja ético, não promovendo injustiças para com o próximo em nome do lucro. Contudo, o comunismo já não seria conciliável com as práticas de um fiel cristão, visto que ele demanda os problemas já citados anteriormente. Acontece que esse posicionamento na prática, reflete uma interferência e prescrição da Igreja ao que concerne o posicionamento político e econômico de seus fiéis, acarretando num comportamento sectário e dogmático diante de todas as questões que não fossem católicas. Isso inclui outras confissões de credo, posicionamentos científicos, sociais, políticos e tudo o que a Igreja julgava ser uma ameaça e pertencente ao seu escopo de influência.

De acordo com Pierre Bourdieu, a religião não se limita ao caráter transcendente, mas tem importante papel na coesão social, na estruturação e manutenção da ordem. Para Bourdieu, os fiéis não contam com a religião apenas para ter as justificativas espirituais, da existência, angústias, solidão, doenças, morte, miséria biológica e do sofrimento, mas também para dar-lhes um norte de como exercer as suas funções sociais de acordo com as contingências inerentes aos contextos de suas sociedades e valores vigentes (BOURDIEU, 1992, p. 48).

Com efeito, a religião, no caso em questão o Catolicismo, se constitui num modo de ser e estar no mundo balizados por valores determinados e rígidos que, ao serem eleitos esses valores, automaticamente excluem todos aqueles que lhe são contraditórios. E mais que vistos como contradições, são colocados categoricamente como maus, devendo, pois, o fiel ter que rejeitá-los em nome de sua salvação.

É por essa razão que diante dos “perigos do comunismo” e suas vertentes, ser católico era, além de não se apropriar de nenhuma ideia dessas ideologias, ser anticomunista e antissocialista. Dessa forma, era condição necessária à identidade católica. Neste contexto, era comum nas homílias das missas a afirmação que o comunismo estava se infiltrando através de agentes secretos nas administrações públicas, no exército, nos meios de comunicação, nas escolas e universidades e, inclusive, no próprio clero e na formação de religiosos.

A Igreja, portanto, começou a “recrutar” católicos de ação, cuja função seria a de serem apóstolos e militantes leais à hierarquia eclesiástica, atualizados, prudentes, piedosos e contritos para resgatar as almas que se deixassem seduzir pelas ideologias socialistas e comunistas, assim como lutar bravamente contra o avanço delas. Essa

postura toma força à medida que vai se estabelecendo um imaginário em que a Igreja submete ao seu controle. De acordo com Baczko, os comportamentos podem ser influenciados e manipulados a partir de um controle do imaginário social, do modo com que ele é difundido, manejado e reproduzido, tendo como efeito uma sensibilização individual ou coletiva no que diz respeito aos valores, angústias, moral e esperanças do contingente de fiéis. (BACZKO, 1985, p. 312).

Alguns argumentos com uma conotação passional foram usados para alimentar a rejeição pelo comunismo, por exemplo, comparando-o à escravidão. Como a escravidão é um assunto dotado de severa sensibilidade na historicidade brasileira, tal comparação não foi difícil de tomar a força que a Igreja esperava no que concerne à repulsa pelo comunismo. A memória da escravidão está intimamente vinculada à desumanidade, brutalidade, perversidade, ofensas e ao medo. Sendo assim, muitos bispos do Brasil usavam desse paralelo para afirmarem que o Brasil poderia repetir semelhante erro se aderisse ao que propunha o comunismo.

Ademais, a Igreja foi além de traçar essa semelhança entre escravidão e comunismo. Ela apela para uma comparação de cunho espiritual ao estabelecer uma relação direta do comunismo com forças demoníacas. Carla Rodeghero assinala que a Igreja ao apelar para um forte conteúdo simbólico e imagético, consegue atingir o seu objetivo que é gerar um contundente impacto sobre os fiéis, demarcando bem os posicionamentos, valores, ações e projetos de cada uma das partes: de um lado o catolicismo cumprindo a vontade de Deus e do outro lado o comunismo como representante do Diabo. (RODEGHERO, 1998, pp. 33, 34).

A igreja vale-se do discurso de que é a mediadora direta entre os seres humanos e as coisas de Deus. Sendo assim, esse mesmo discurso se mantém pela autoridade e poder que não podem ser questionados por aqueles que recebem as suas mensagens e orientações, seja no âmbito espiritual, seja no âmbito material (que para ela são indissociáveis). Ora, se o que é ensinado vem do próprio Deus, virar as costas ou escolher apenas o que convém, é dar vasação para o inimigo personificado na figura do Diabo. Com isso, os clérigos buscam influência e poder de persuasão sobre os católicos e quanto mais alto for o grau de hierarquia de um clérigo, maior respeito ele detém dos fiéis. Isso significa que o pároco, o bispo e, sobretudo, o Sumo Pontífice possuem um poder simbólico que também cresce à medida de quem está proferindo o discurso. Se o clero se

posiciona veementemente contra o comunismo, é porque o próprio Deus assim o quer e ensina.

Bourdieu afirma que o poder simbólico se equipara a um “poder quase mágico” que consegue atingir o seu objetivo de forma semelhante ao que é atingido pela força física ou econômica. Para ele, o poder simbólico deve estar alicerçado sobre um capital simbólico que é conquistado através do acúmulo de vitórias no campo social. É por isso que o poder de impor aos demais a permanência de uma visão antiga ou a incorporação de uma visão nova das divisões sociais, depende da autoridade adquirida nas e das vitórias sociais ao longo da história. (BOURDIEU, 2004, p. 166).

Com efeito, a Igreja empreendeu uma verdadeira guerra ideológica contra o comunismo sob as afirmações de que esse regime objetiva exterminar a religião. Além disso, a Igreja durante os meados do século XX, principalmente durante a ditadura militar brasileira, contribuiu para o atraso da modernização, secularização e laicização pelo qual estaria adentrando a sociedade brasileira. Foi durante o período da Guerra Fria, ainda, que a Igreja Católica estabeleceu uma visão de mundo maniqueísta em que ficavam de lados opostos o catolicismo e o comunismo, os filhos de Deus e os “filhos das Trevas”, os bons e os maus, a escravidão comunista e o mundo de liberdade. Tudo isso com o apoio dos veículos de comunicação que alimentavam esse imaginário.

Esse imaginário anticomunista, aliado ao golpe militar de 1964, fabricou e uniu mitos e símbolos que sensibilizaram boa parte da população com relação ao “perigo vermelho”, inclusive, estabelecendo uma relação direta do golpe militar à defesa da liberdade.

Os anticomunistas católicos elegeram o golpe de 1964 como a personificação da vitória dos movimentos reacionários como um sinal de intervenção divina para uma suposta redenção do Brasil. O fato do golpe ter acontecido num dia 31 de março, próximo aos feriados santos católicos, foi atribuído a ele uma sacralidade, isto é, um simbolismo sagrado que associava essa “revolução” pela democracia à “ressurreição” de Jesus Cristo, dando a ideia de um Brasil “ressuscitado” e livre do “calvário” que lhe impusera a ameaça comunista.

1.3.4. O cristofascismo no integrismo brasileiro

É dentro do integrismo católico e do fundamentalismo protestante que o que virá a ser chamado de “cristofascismo” encontrará terreno fértil para se desenvolver e que no Brasil, por exemplo, culminou na eleição de Jair Messias Bolsonaro como presidente da República. O até então deputado federal conseguiu passar de um medíocre político, sem relevância, para uma figura conhecida, justamente, pelos seus discursos de ódio, falas intempestivas, aliado ao que parte da população considera como valores cristãos, mas que na verdade, escondem inúmeras expressões de preconceitos e de exclusão.

O cristofascismo é o termo utilizado pelo teólogo e professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) Fábio Py, pelo qual expressa uma forma de governo estruturada no fundamentalismo religioso que se apoia na prática do ódio e do extermínio do diferente. Py relata que teve contato com os textos da teóloga alemã Dorothee Sölle, criadora do conceito, em suas aulas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com a professora Maria Clara Bingemer.

Para Fábio Py, o cristofascismo consiste na tomada de posse do discurso teológico fundamentalista pelo governo de viés autoritário que reproduz indiscriminadamente falas e ações de desprezo e ataques a grupos de vulnerabilidade social ou, simplesmente, a quem tem uma visão de mundo e religiosa diferente. O cristofascismo não dialoga, mas ataca e exclui o pobre, o negro, as mulheres, as pessoas LGBTQIA+, indígenas, imigrantes, em nome do seu ideal de Deus e do ideário de família tradicional. Além disso, se posiciona veementemente contrário às políticas de esquerda que visam a assistência e busca de equidade dos grupos minoritários. Há, portanto, um alinhamento entre o cristofascismo e as posturas de grupos integristas católicos e fundamentalistas protestantes com a postura e narrativas que levaram o presidente Jair Bolsonaro ao poder. O cristofascismo usa, portanto, dos púlpitos, das linguagens e das expressões de ser e de pensar do cristianismo para um controle dos corpos, dos agires e consciências dos indivíduos em conformidade com os interesses do que os representantes do governo julgam como sendo moral em nome da conservação dos costumes e, sobretudo, da manutenção do poder.

A sociedade brasileira, segundo Fábio Py, estabelece uma profunda conexão entre política e religião, na qual grupos católicos, protestantes e pentecostais fazem parte. O teólogo, inclusive, nomeia essa relação de *crstofascismo à brasileira*, desenvolvida ao longo de ensaios e artigos. Na época das eleições em que Bolsonaro ainda era candidato, Fábio Py publicou no site da Revista Carta Capital o artigo “Cristofascismo à brasileira na eleição de 2018”, seguido do artigo “A cristologia cristofascista de Jair Bolsonaro” na mesma revista. Py segue suas reflexões acerca dessa pernicioso união entre política, religião e conservadorismo em seu escrito no site protestante *Ativismo Protestante* com o artigo *Disposição cristofascista à brasileira na semana das eleições*. Já no site da revista eletrônica Instituto Humanitas Unisinos (IHU), Py discorre sobre a ação do governo Bolsonaro ao instrumentalizar a temática da Páscoa em benefício próprio com o artigo *Cristologia pascoal bolsonarista* em que explana: "Em plena Páscoa, o governo cristofascista de Bolsonaro desenvolveu uma ofensiva, redesenhando uma cristologia autoritária firmada sobre a figura de mártir e do messias, comparando-o à memória do Cristo pascoal". Além desse artigo publicado pela IHU, o *The Intercept* também publicou um artigo de mesma temática intitulado *Cristofascismo em 7 atos: como Bolsonaro usou a alegoria da Páscoa para não perder popularidade*. Por fim, o teólogo faz uma compilação desses artigos num pequeno livro de nome *Pandemia cristofascista*.

Embora Py defenda que é importante que a religião e a política interajam, numa relação de reciprocidade quando se trata em problematizar as questões sociais e políticas, ele deixa claro que aqui no Brasil de Jair Bolsonaro, a teologia é instrumentalizada para sustentar um poder autoritário estruturado nessa mesma teologia (PY, 2020, p. 9).

Py envereda, inclusive, pelos problemas provenientes da pandemia durante a qual as pessoas, expostas à maiores vulnerabilidades sociais, se viam sob a necessidade de se agarrar a um discurso religioso agressivo que lhes dava o sentimento de proteção oriundo de uma força sobrenatural e um líder que representasse à sua maneira essa força. É nesse contexto que o autoritarismo atina meios para se estabelecer e enfraquecer a democracia e fragilizar as políticas de direitos humanos. Se isso não bastasse, em meio à pandemia, teorias conspiracionistas foram levadas a sério pelo governo de Jair Bolsonaro sem nenhum critério válido, posicionando-se de forma contundentemente contra a ciência e a vacinação contra o covid-19, demitindo ministros da saúde que se alinhavam à Organização Mundial da Saúde (OMS), denotando um indiferença em relação às vítimas e às respectivas famílias da pandemia do coronavírus.

O teólogo Fábio Py apresenta o cristofascismo brasileiro como uma síntese da inauguração, crescimento e meios de ação dos religiosos dentro da política, tanto católicos, quanto evangélicos, sendo esses últimos mais atuantes e proselitistas no setor político-público com a Frente Parlamentar Evangélica em que o conservadorismo e o fundamentalismo andam juntos como pautas. (PY, 2020, p. 19). Py elucida a ascensão do cristofascismo no Brasil em sete atos em que a teologia conservadora e os discursos de Bolsonaro mantinham-se alinhados. (PY, 2020, p.25).

De acordo com Py, uma construção de um imaginário político-religioso, juntamente a uma comunicação pautada na Bíblia e valores morais cristãos foi condição necessária e estratégica para dissuadir a população e estabelecer com segurança o autoritarismo das pautas, propostas e, por fim, o governo bolsonarista. Essas ações conduziram paulatinamente à consolidação de Jair Bolsonaro como a personificação de uma entidade soterológica, o agente messiânico que viria salvar o Brasil do comunismo, do anticristianismo, da destruição da família tradicional brasileira, da imposição dos valores LGBTQIA+ e toda e qualquer pauta que aos olhos dos conservadores pudesse ameaçar os valores cristãos. Essas ações só foram possíveis graças ao massivo apoio dos grupos fundamentalistas protestantes e evangélicos, bem como os setores mais conservadores do catolicismo.

CAPÍTULO II. OS ARAUTOS DA PRÓPRIA VERDADE: O INTEGRISMO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL MONTFORT.

Nesse segundo capítulo seguiremos com a temática do integrismo, traçando um paralelo entre as características que definem os ideais e modos de ação integristas com o que defende a Associação Cultural Montfort. Para isso, daremos continuidade à reflexão sobre o integrismo no Brasil, bem como a sua evolução no contexto da formação da Associação Cultural Montfort, desde as suas origens na TFP (Tradição, Família e Propriedade), a sua dissidência, as atuações dos militantes, os textos publicados por seus membros, os ataques públicos às instituições e pessoas e o *modus operandi* que possibilita configurar a Montfort como uma associação reacionária, de agir belicoso e integrista.

Neste capítulo, ainda, seguiremos com os conceitos de “guerra cultural” abordado na obra *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político* de João Cezar de Castro Rocha (2021), ao mesmo tempo em que discutiremos como a Associação Cultural Montfort utiliza desse recurso em seu modo de viver e ensinar o catolicismo.

2.1. A Origem da Associação Cultural Montfort

Ao acessar o site oficial da Montfort, podemos ver ao final da página principal a sessão *Quem somos* com breves informações de como a Associação se apresenta.

Logo de início, apresenta-se a informação de que a Associação Cultural Montfort foi fundada pelo professor Orlando Fedeli em 1983, seguindo as orientações de Dom Castro Mayer. Eles estão alinhados ao rito Tridentino, à luta pela celebração exclusiva da *Missa de Sempre* (nome usado por eles para designar a liturgia de São Pio V em 1570), autointitulando-se como *lefebvristas* e como combatentes do rito pós-Concílio Vaticano II da missa católica, vista por eles como sacrílega, protestantizada e maçônica, conforme veremos adiante.

De acordo com o próprio site, a Montfort tem como núcleo de suas ações a defesa da fé católica e da Igreja contra o que consideram erros do modernismo inserido no seio eclesial, advindos sobretudo do Concílio Vaticano II, bem como da visão secular de mundo.

Quanto ao nome da associação, há duas inspirações, sendo a primeira que nomeia propriamente a entidade, um tributo a São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716) e a segunda, um tributo a Simão de Montfort (1175-1218). O primeiro por ser autor da obra *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, e o segundo por ser um forte opositor e combatente do catarismo no século XIII, na chamada Cruzada contra os Albigenses.

Encontramos escrito no próprio site que, embora o modo de pensar, escrever e agir dos fundadores e membros da Montfort sejam claramente conservadores, eles fazem questão de deixar claro que, enquanto grupo tradicionalista, a sua origem e ação não se dá ou se limita nos ambientes conservadores, mas possuem uma também atuação acadêmicos, universitários e jovens, de modo geral. A Montfort transmite seus ensinamentos através de congressos, palestras e principalmente através do site, pautados numa apologética católica de conteúdo pré-conciliar, no catecismo de São Pio X, na reprodução dos ensinamentos dos santos e doutores da Igreja, sobretudo de conteúdo aristotélico-tomista, e das encíclicas dos Papas.

Ainda dentro da auto-apresentação encontrada no site, fica explícito o modo com que a Montfort trata a fé cristã numa crítica que denota uma certa provocação para outros grupos religiosos (inclusive católicos), revelando seu caráter afrontoso ao afirmar que o seu método de evangelizar é admirado por muitos, principalmente entre os jovens pelo tom da argumentação que contrasta com o sentimentalismo com que a fé é abordada, oriundo de muitos ambientes católicos.

O modo bélico e ácido, cuja missão é a defesa da fé católica a qualquer custo, é a forma com que a Associação Cultural Montfort, em breves palavras, se dá a conhecer como pode ser conferido em seu site na sessão em que é descrita a sua identidade¹.

Entretanto, para se conhecer as origens da Montfort, esse breve relato não se basta. Partiremos, então, para a discussão sobre as razões da escolha do nome, das suas origens junto à TFP, da dissidência do professor Orlando Fedeli, de seu relacionamento com seus alunos e seguidores e de como a TFP se posicionou diante da formação da Associação Cultural Montfort pelo seu fundador.

¹ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/home/quem_somos>. Acesso em: 04 de julho de 2022

2.2. A inspiração bélica do nome da Associação Montfort

Como já dito, duas foram as inspirações para o nome dessa associação de leigos católicos: São Luís Maria Grignon de Monfort e Simão de Montfort. Ora, o nome é aquilo que permite que algo seja reconhecido pela sua identidade, pela sua substância e finalidade. Sendo assim, não poderia ser diferente que a escolha do nome da Montfort já trouxesse muito da forma com que ela se mostra e age. Para tanto, vamos compreender cada uma das inspirações e a razão, segundo o fundador e seus seguidores, pela qual foram escolhidas.

São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716), foi o segundo filho de uma família bretã, teve educação católica, frequentou a partir de seus 12 anos o colégio católico jesuíta São Tomás Becket, entrou posteriormente no Seminário de São Sulpício e, em seguida, estudou na Universidade de Sorbonne. Desde o período de estudos no colégio, já sentia sua vocação. Em 1700, com 27 anos, ordenou-se sacerdote no dia de Pentecostes.

São Luís Montfort teve grande reconhecimento por sua ação evangelizadora e pela contundente defesa da fé católica contra o protestantismo, o racionalismo, o jansenismo e o galicanismo. Portanto, a vida de Luís de Montfort foi marcada por uma atividade apologética e de “luta” contra as heresias de seu tempo. É por isso que o professor Orlando Fedeli, ao responder uma carta a uma de suas seguidoras, escreve que:

O Nome da Associação Cultural Montfort foi adotado, exatamente, em homenagem, e inspirado, na obra de São Luís Grignon de Montfort, grande santo mariano, autor do Tratado da Verdadeira Devoção a Nossa Senhora, livro que lhe recomendo ler com muita atenção, e várias vezes, para bem assimilá-lo.

São Luís de Montfort viveu nos séculos XVII e XVIII, pregando o amor à Cruz e a devoção a Nossa Senhora. Esse santo combateu muito o Jansenismo, heresia que dominava o clero francês daquele tempo. Por isso, ele foi muito perseguido pelos padres e Bispos Jansenistas e Galicanos.

Você me perguntou como padres e Bispos podem apoiar a Teologia da Libertação. Respondo-lhe que os inimigos de Deus e da Fé católica sempre procuram infiltrar-se na Igreja para melhor destruí-la. E foi sempre assim. Por isso Cristo nos preveniu contra os maus pastores que vêm disfarçados de ovelhas e, por dentro, são lobos ferozes...

No século XVIII, eram os padres e Bispos jansenistas e galicanos que perseguiam São Luís de Montfort. Hoje, são os teólogos, Bispos e padres, da Teologia da Libertação, e os clérigos carismáticos, são os cardeais, bispos e padres modernistas que tentam destruir a Igreja, atuando dentro dela. Por isso, São Pio X declarou na encíclica *Pascendi*, que os piores inimigos da Igreja são os que estão dentro dela.

Cuidado, pois, com os lobos travestidos em doces cordeiros...

In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli (FEDELI, 2004²).

Sendo assim, é notável que uma das escolhas para o nome da Associação Cultural Montfort denota uma visão de Igreja perseguida por inimigos dentro e fora dela e que tem que ser defendida a todo custo, com a missão de tomar a Cruz de Cristo e enfrentar o mundo que a ela se opõe. Se São Luís Montfort abraçou essa missão enquanto viveu, e, por isso, nada melhor que tê-lo como exemplo em tempos presentes em que, segundo o fundador insiste em repetir, os erros se multiplicam.

A segunda inspiração para o nome da associação foi Simão IV (meados do século XII - 1218), conde Montfort. Simão de Montfort foi um paladino em defesa da Igreja e ficou conhecido pela sua fé piedosa e pelas suas lutas contra a heresia albigense nas Cruzadas. Partiu para a Palestina em 1198, acompanhado de cavaleiros franceses, tendo, nessa primeira empreitada pouco sucesso. A seguir, em 1202, Simão de Montfort integra a IV Cruzada. Contudo, separa-se de seus companheiros por não concordar com o assalto a Constantinopla (pois em sua visão, eles se desviaram dos propósitos da fé) e parte para a Terra Santa, obtendo grande êxito. Em 1209, segue com a IV Cruzada, convocada pelo

² Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/rcc/20040812205726/>>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

Papa Inocêncio III contra os albigenses, sendo Simão de Montfort eleito capitão da Cruzada pelo Papa.

Se São Luís de Montfort trazia um caráter apologético discursivo, Simão de Montfort trazia em seu agir o fio da espada de modo literal, com a aprovação do Sumo Pontífice que bradava para incentivá-lo: “Eia, paladino de Cristo, o sangue dos justos clama a ti para que ponhas diante da Igreja o escudo da fé contra seus inimigos! Levantate e cinge-te da espada”. Por esses motivos, Simão de Montfort foi acusado de excessos, mas “justificados” pelo fato de os albigenses agirem pelo ódio contra o catolicismo, atacando igrejas, mosteiros, conventos e fiéis católicos. Ora, era necessário, segundo Simão de Montfort e seus apoiadores, frear a violência dos hereges e a perniciosidade de suas ideias através da espada. E foi essa a resposta dada.

Tomando essas duas figuras históricas, o santo e o paladino, é possível fazer uma síntese acerca do nome e identidade da Associação Montfort, bem como o seu símbolo retratado em seu brasão.

Em uma das cartas enviadas ao site, uma das leitoras pergunta ao professor Orlando Fedeli qual o significado do brasão, símbolo da associação e que tem a imagem presente no topo do site. A resposta do fundador foi que a águia escolhida por ele foi um desenho em estilo heráldico, realizado por ele que teve como inspiração uma de suas jaculatórias feita para os seus alunos. Essa jaculatória possui a seguinte expressão: “Dai-nos Virgem pura, Fé, Pureza e Bravura.” Por essa razão, continua explicando Fedeli, que a principal virtude da alma é a fé, enquanto que relacionado ao corpo, a pureza é a principal virtude e, finalmente a bravura, é o que deve ser usada para defender com afinco essas duas virtudes. A escolha pela águia, segundo Fedeli, é porque esse animal é detentor de um olhar penetrante e que, ao mesmo tempo, fixa o Sol. Fedeli afirma que o Sol, sendo símbolo da verdade e sendo atingido e fixado pelo olhar da águia, representa a fé. Esse olhar que simboliza a fé bem direcionada, mira o Sol da Verdade que é Cristo. A explicação não se atém à águia e segue explicando o significado das flores de lis e dos lírios que são flores que nascem no lamaçal, mas que se mantêm limpas, de modo que a águia, seguindo a simbologia, porta em seu coração o lírio da pureza que, como dito, é a principal virtude do corpo. Como último símbolo, temos as espadas, uma em cada garra da águia, as quais representam a bravura com que a fé e a pureza devem ser defendidas, já aparecendo aqui um caráter de enfrentamento, bélico. Por fim, Orlando Fedeli, para corroborar com essa última simbologia, cita o Evangelho, mais precisamente o livro de

São Lucas, capítulo XXII, versículos 36 a 38, escrevendo: “Agora, quem não tem uma espada, venda o seu manto e compre uma”. (...) Ao que os Apóstolos responderam " Eis aqui duas". E Cristo concluiu: "São suficientes"³.

Com efeito, o nome da associação, bem como a escolha dos símbolos encontrados no brasão da Montfort, refletem bem os meios e modos de ser e pensar do grupo, mas mais do que isso, refletem a personalidade, a alma de seu fundador. São valores e conceitos de quem se coloca numa espécie de Cruzada Moderna, cujo caráter beligerante se torna uma busca constante, sendo, inclusive, objeto de gozo. E isso poderia ser tomado como mera conjectura, ou, ainda, uma conclusão temerária se não fosse o próprio Orlando Fedeli nos deixar por escrito o seu poema *Alma Cruzada*, feito em 1973 e que pode ser facilmente acessado no site. O poema, logo de início, evoca um caráter combativo ao relacionar a alma de Fedeli a uma arma de corte sedenta de bravura. Nesse primeiro momento do poema, Fedeli se refere de forma superlativa a ele próprio e seus desejos de virtudes e de pronta defesa da fé pela espada da sua alma:

Ah ! eu quisera de minha alma fazer uma espada,
inebriada de heroísmo, sedenta de bravura,
e que só nos combates encontrasse ventura.

Ah ! eu quisera forjar em mim uma alma cruzada,
por Deus pronta para a luta, pronta para a estocada,
uma alma pontiaguda e forte, brilhante e pura.

Ah ! eu quisera de minha alma fazer um a espada,
que cantasse dos combates a épica formosura,
e só aspirasse a glória de ser desembainhada,
que, tendo da cruz a santa forma e a amarga doçura,
fosse escândalo para alguns, e, para outros, loucura.

Branca, virginal, valente e reta , cortante e ousada,

³ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/outros/20060411154857/>>. Acesso em: 07 de julho de 2022.

Ah ! eu quisera de minha alma fazer uma espada. (FEDELI, 1973⁴).

Na segunda parte do poema, Orlando Fedeli escreve como se fosse a Virgem Maria em resposta às suas exclamações presentes na primeira parte. A Virgem responde prontamente aos desejos de Fedeli, afirmando que sim! Sua alma fora feita como espada em defesa daquilo que ele acredita ser verdadeiro e em sua visão de mundo o modo com que a fé católica deve se impor:

Ah ! eu quisera de tua alma fazer uma espada,
forjada no fogo da epopéia e na chama da proeza,
alma toda católica e sedenta de grandeza,
como a espada só brilhando se despojada.
Só. Tendo a glória de ser como Deus crucificada,
escondendo humilde na bainha o fulgor da pureza.
Ah ! eu quisera de tua alma fazer uma espada,
agressiva, justiceira, altiva e cheia de nobreza.
Obediente e heróica, pela glória de Deus enlevada.
E sem mácula, e sem medo, sem felonía e sem fraqueza,
alma-espada, símbolo sacral de honra e fortaleza,
Como eu, fiel, virginal, intrépida e imaculada,
Ah ! eu quisera de tua alma fazer uma espada ! (FEDELI, 1973⁵).

Noutra carta, um dos leitores, se colocando como anônimo, interpela Orlando Fedeli e lhe faz duras críticas acusando-o de ter saído da TFP e de reproduzir exatamente

⁴ Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/alma_cruzada/> Acesso em: 10/07/2022.

⁵ Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/alma_cruzada/> Acesso em: 10/07/2022.

o modo de agir. Eis que prontamente, Orlando Fedeli, para se defender “desembainha” a sua metafórica espada e responde:

Sabe, meu caro Sr. Anônimo, as polêmicas são como duelos. E duelos os há com várias armas. Já tive que duelar com adversários e inimigos com vários tipos de armas, sempre escolhidas por eles. Houve até um, que me desafiou a lutar a tacape. Brutal! Outro houve com quem lutei a sabre, para defender a honra de Nossa Senhora, que ele pisara. Acabei por pisá-lo como a um escorpião, graças a Deus. O que valeu -- também graças a Deus -- a conversão de alguns protestantes Não vou dizer que não gosto de duelar. Seria uma mentira. Gosto. Gosto de combater.

"Et je voudrais mourir un jour sous un ciel de feu,
en disant un bon mot pour l'honneur de Dieu!"

Gosto de "duelar", mesmo a tacape, se for o caso. Mas prefiro o florete. É bem mais elegante. E fino. E educado. E cheio de espírito e de graça. O florete permite, não tanto estraçalhar o adversário, mas apenas vencê-lo, sem ofendê-lo. Sem insultá-lo

E a polêmica, meu caro, nestes tempos de falsa paz -- da paz que vem da ONU , e não de Cristo -- nestes tempos sem cruzadas, e sem cruzados, é o único combate digno que restou⁶.

Brasão e poema se complementam num teor de reciprocidade. Há uma mistura de humildade, piedade, concomitantemente a um sentimento de grandeza e de um furor exuberante, elegantemente escrito. Palavras como: espada, cruzada, bravura, combate, luta, duelo, florete, juntamente a uma série de predicativos que oscilam entre o prélio e a doçura, entre a cólera e a candura, deixam claro o amálgama de intenções de como o fundador e o seu grupo entendem a apologética a qual abraçaram como uma valente missão de conflitos por uma causa supostamente maior.

A espada, colocada como símbolo de justiça e defesa da fé, acaba se tornando um eufemismo para a radicalidade e para um discurso agressivo e intolerante, cuja a intenção,

⁶ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/TFP/20040728175632/>> Acesso em: 10/07/2022.

segundo o professor Orlando, alunos e seguidores, é a conversão ao que eles acreditam ser a única verdade e o único modo de se viver o catolicismo.

Numa das cartas escritas em 2007 ao professor Orlando Fedeli, um leitor de Portugal salienta e elogia essa radicalidade. Na carta em questão, assim escreve o leitor do site Montfort:

Ah ! eu quisera de minha alma fazer uma espada. (FEDELI)

(...) Ouço constantemente maldizeres sobre a nossa amada Igreja, "que não acompanha a evolução dos tempos", "que só afasta as pessoas, por isto e por aquilo..." etc, etc, etc. E eu vejo-me desejando no meu íntimo: "pudera que fôssemos muito menos mas muito mais fiéis!" Vejo cometerem-se tantas atrocidades à palavra de Deus com o objetivo de "cativar as pessoas" ou "manter as igrejas cheias" que me ferem o coração.

Por um lado, porque são falsas e, por outro, porque só levam essas tais pessoas a afastarem-se. E se me chamam de radical, exulto de alegria, pois se é pela raiz que as plantas recebem o seu alimento, é também das origens que procuro o meu alimento espiritual. Quase me custa acreditar como é que aqueles que desdenham da minha radicalidade, não vejam a atualidade (e a necessidade) desta atitude.

Isto tudo só para vos dar um grande abraço e incentivo a continuarem o vosso trabalho e dizer-vos que, de certo modo, sei o que sentem quando são injuriados e acusados.

A carta segue com uma entonação de exagerada humildade e modéstia, ao mesmo tempo que sugere a necessidade de uma resposta agressiva, nos mesmos moldes do poema de Fedeli antes exposto e também nos moldes, como veremos repetidamente, das muitas cartas e respostas do site

(...) E para terminar lanço-vos um apelo, que pela minha juventude e ignorância admito estar equivocado e se assim for peço-vos que me ignoreis:

Como reagir perante a violência? Com mansidão! Tal como Jesus que, mesmo sofrendo, amou incondicionalmente aqueles que o maltratavam e caluniavam. Com amor, dando a outra face. Por

isso pergunto-me: porquê usar da troça e da ironia nas cartas em resposta àqueles que ingenuamente discordam da Igreja Católica ou que vos provocam? Não me interpreteis mal. Há que cortar a direito. Duramente se necessário! Disso não tenham dúvidas! Mas custa-me ver-vos falar da verdade naqueles propósitos.

Por isso, se acharem pertinente esta minha humilde observação, peço-vos que vos retrateis de agora em diante em justeza e cortesia para com todos. Caso contrário, mantenho-me fiel à vossa forma e aos vossos propósitos, admitindo a minha ingenuidade.

A reposta à carta já inicia com um elogio de Orlando Fedeli pela radical defesa da radicalidade de seu leitor, ao mesmo tempo que acusa o esvaziamento das igrejas católicas aos sacerdotes que não se colocam com radicalismos, isto é, àqueles que dialogam com as questões culturais, sociais e temporais. Ademais, afirma categoricamente que, enquanto esses sacerdotes – podem-se incluir também leigos – que rejeitam o extremismo esvaziam a religião, o site e a associação contribuem exponencialmente para o aumento das conversões. Assim responde Fedeli:

Quanta alegria me deu sua carta.

Gostei imensamente de sua coragem defendendo radicalmente a radicalidade. Seu argumento em defesa da radicalidade é excelente: as plantas só crescem por meio de sua raiz. É da radicalidade que vem o crescimento das plantas. É de sua radicalidade em Cristo que se alimentam as almas. É a radicalidade na fé que atrai as almas. Por isso, por repelirem a radicalidade e por quererem apenas agradar é que os maus sacerdotes estão esvaziando as igrejas.

O site Montfort, pelo contrário, atrai cada vez mais. O site Montfort viola todas as regras de propaganda e marketing, como se diz hoje.

Na Montfort, não publicamos fotos e imagens senão muito raramente. Temos textos longos, sisudos, doutrinários, por vezes áridos. Tratamos os inimigos de Deus como devem ser tratados,

aplicando-lhes o conselho de São Paulo que recomendou a Tito: "*Increpa illos dure*" Repreende-os asperamente" (Tito I, 13). E o resultado é que a Montfort é, hoje, graças a Deus, o site doutrinário católico, de longe, mais lido do Brasil, com cerca de 12.000 acessos diários por mais de 15 minutos. Acessos mensais passam já de 500.000. E os frutos de conversão são numerosíssimos.

Quanto à ironia, só a uso contra os insolentes. Só contra aqueles que se atrevem a ofender Deus e a Santa Igreja, aplicando-lhes a humilhação que merecem. Pois que na ladainha de todos os santos pedimos: "*Ut inimicos Sanctae Ecclesiae humiliari digneris, Te rogamus, audi nos*" "Que Vos digneis humilhar os inimigos da Santa Igreja, nós Te rogamos, Senhor, ouvi-nos. E Deus nos tem ouvido.

Um abraço de um irmão de cruzada.

In Corde Jesu, semper,

Orlando Fedeli⁷

Nessas duas cartas, quem pergunta e quem responde reproduzem muito bem os valores descritos tanto na explicação do brasão da Montfort, quanto o poema da espada. Há a constante presença de elementos cordiais que beiram o excesso, juntamente à prontidão para o ataque incisivo em defesa da fé. Ora, a própria despedida de Fedeli não permite dúvida que eles se enxergam como cavaleiros cruzados contemporâneos: *Um abraço de um irmão de cruzada.*

Nome, brasão, auto imagem e modo de se comportar e de se expressar reúnem as informações e características que revelam o teor bélico montfortino e que coloca a associação como sendo integrista.

2.3. A TFP como raiz e os frutos como a Associação Cultural Montfort

⁷ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/outros/20070423195318/>>
Acesso em: 10/-7/2022

No item anterior, falamos de radicalidade e, nas palavras de Orlando Fedeli, parafraseando o seu leitor, é da radicalidade (das raízes) que é possível às plantas crescerem e, da mesma forma, é da radicalidade da fé em Cristo que as almas são atraídas e convertidas. Ora, se os frutos dependem de suas raízes, de modo que há uma relação de necessidade causal entre eles, a Montfort também não poderia se distinguir de suas origens, ou melhor, de suas raízes que se encontram na TFP.

O professor Orlando Fedeli foi membro do movimento pela Tradição, Família e Propriedade (TFP) e aluno de seu fundador Plínio Corrêa de Oliveira, fundado em junho de 1960.

A TFP é classificada pelo sociólogo francês Padre Charles Antoine como sendo um movimento integrista por se manter numa postura de ultraconservadorismo, fechados ao diálogo em que possam acontecer trocas doutrinárias e mudanças progressistas nos âmbitos políticos, sociais, educacionais ou religiosos. Segundo Antoine, a TFP, enquanto grupo integrista objetiva uma ordem social e política essencialmente católica.

Um dos Papas que combateu veementemente o progressismo, como visto anteriormente, foi o Papa Pio IX, afirmando que o inimigo interno, isto é, o catolicismo liberal, é muito mais pernicioso que o inimigo externo que é o comunismo ateu. Essa premissa foi exaustivamente reproduzida pela TFP. O contexto dos inícios das atividades da TFP era de consolidação do Concílio Vaticano II, enquanto que na América Latina um novo olhar teológico se formava e tomava força, a Teologia da Libertação, tendo no Brasil como seu grande expoente o arcebispo de Olinda Dom Helder Câmara. O arcebispo foi alvo de duras críticas e provocações feitas por Plínio Corrêa em tom agressivo, como por exemplo, o artigo *O arcebispo vermelho abre as portas da América e do mundo para o comunismo* publicado em diversos jornais do Brasil em fevereiro de 1969, pouco tempo após o Ato Institucional nº 5, o que propiciou intervenções desse tipo, além do baixo assinado direcionado ao Papa Paulo VI pedindo um posicionamento contrário à constante infiltração de comunistas na estrutura eclesiástica. Outro alvo da TFP era o padre Comblin, importante personalidade do catolicismo, respeitado internacionalmente. Sendo assim, dada a importância dessas personagens e o tamanho e responsabilidades das acusações, a TFP não poderia recuar, fazendo com que a sua postura se tornasse cada vez mais radical e inclemente. Como consequência disso, o grupo fundado por Plínio Corrêa

foi perdendo força devido aos constantes ataques às estruturas hierárquicas do catolicismo.

Ainda assim, mesmo com o contínuo desgaste que vinha sofrendo, o posicionamento da TFP e de Plínio Corrêa era claramente favorável ao catolicismo ultramontano. O ultramontanismo é uma corrente de pensamento católico que tem uma supervalorização do sumo pontífice como diretor do comportamento humano e da condução da fé. O ultramontanismo, portanto, manteve-se como um distanciamento das realidades temporais em seus contextos políticos e culturais, sendo uma reação ao modernismo, defendendo uma centralização do poder eclesiástico e o romanismo. Plínio insistia na ideia de que existia um grande mal que objetivava a destruição do cristianismo e que, pelo menos há cinco séculos, este mal ameaçava gravemente a Igreja Católica. Este mal é a revolução, cuja origem, segundo ele, é inerente à natureza humana. Podemos achar o seu posicionamento acerca disso num dos livros de autoria de Plínio Corrêa, considerado uma das mais importantes obras pelos membros da TFP: *Revolução e contra-revolução*. O próprio Orlando Fedeli chegou a escrever um caderno de análise da obra de Plínio, colocando um título jocoso: *Relendo o mini Corão tefepista – Análise do livro Revolução e contra-revolução de Plínio Corrêa de Oliveira*⁸

O que essas informações significam? Qual a relação entre elas? E, principalmente, qual a relevância delas para a compreensão da Associação Cultural Montfort?

As informações extraídas desse caderno publicado no site da Montfort deixam evidente a raiz do modo de ser e agir da associação de Fedeli, confirmam o tempo em que ele permaneceu na TFP e, principalmente, o quanto ele deu continuidade à identidade tefepista, num modo muito semelhante de ser, reproduzindo o estilo de Plínio Corrêa de Oliveira. Ambas entidades se revelam ultraconservadoras, de tom ácido e provocativo em seus escritos e em suas respostas, contra o modernismo, o que chamam de relativismo e tudo o que julgam como heresia, conforme as suas óticas de igreja e de mundo, às vezes fica difícil identificar a quem pertence a autoria de seus textos.

Nesse caderno encontrado no site da Montfort em que o Orlando Fedeli chama a obra de Plínio Corrêa de *Mini Corão*, logo no início podemos ler um breve relato do tempo em que ficou lá e de sua experiência que começa assim: “Durante trinta anos

⁸ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/conteudo/imagens/livro_rcr_pdf_completo.pdf>. Acesso em: 11 de julho de 2022.

frequentei o grupo de Plínio Corrêa de Oliveira, que deu origem à TFP”. E acrescenta da seguinte forma, já anunciando como seria a sua relação dentro do grupo de Plínio: “Lá, permaneci por cerca de vinte anos no “gelo”, praticamente só, porque me acusavam de não ter o “espírito de Dr Plínio.” Assim como o que levaria à sua dissidência: “Oh beata solitude (sic)! Oh profícua solidão que me forçou a ler, a estudar e a abrir os olhos!” Plínio Corrêa era o professor de História Moderna e Contemporânea que despertara o fascínio do jovem Fedeli em suas aulas, conforme ele nos conta, seguido de seu ressentimento na mesma explanação: “Naturalmente, ele me impressionou, pois não tinha outros professores a comparar com ele, e a um moço sem conhecimentos e entusiasmado é fácil iludir.” E assim segue Fedeli sobre o início de seu convívio com Plínio Corrêa de Oliveira:

Assisti à aula dele sobre as *Três Revoluções* (Reforma, Revolução Francesa e Revolução Russa), e me encantei com o nexos entre elas. Isso foi em 1952.

Em 1959, já no grupo de Plínio, ele escreveu o trabalho *Revolução e Contra Revolução*, ao qual ele dava uma importância transcendental, julgando que o seu pequeno livrinho poderia desencadear a *bagarre*, isto é, uma grande convulsão que poria fim à era revolucionária dando início a uma nova era histórica.

Publicado o livrinho após ter sido preparado em grande segredo para evitar que as forças ocultas fizessem algo que impedisse a sua edição, não aconteceu absolutamente nada. (FEDELI, p. 03)⁹

Um ponto importante a ser considerado nesse fragmento escrito por Fedeli, é a acusação que ele faz ao autor de *Revolução e contra-revolução* de uma certa preocupação com uma possível conspiração de “forças ocultas” para boicotar a publicação da obra. Ora, essa era uma constante dentro das reuniões da Montfort, bem como em suas palestras, aulas, ou mesmo em conversas informais. Havia sempre um clima persecutório, visto que eles por se autointitular em arautos de um verdadeiro catolicismo, assim como a TFP também se autoafirmava, estavam constantemente sob ameaças. Há um padrão de

⁹ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/conteudo/imagens/livro_rcr_pdf_completo.pdf>. Acesso em: 11 de julho de 2022.

comportamento que podemos observar. Ambos grupos relacionavam essa suposta perseguição em analogia à perseguição dos primeiros cristãos e de como a Igreja Católica foi perseguida ao longo da história. Em inúmeras respostas às cartas dos leitores do site, é possível vermos o jargão usado pela Montfort: *As portas do inferno não prevalecerão*, conforme está escrito no Evangelho de Mateus, 16,8. Quando algo contraria a visão que eles possuem de catolicismo, como por exemplo, o ecumenismo, diálogo inter-religioso, diálogo entre igreja e o mundo ou quaisquer posturas contra o conservadorismo, o rito tridentino ou a favor do Concílio Vaticano II, é colocado como uma conspiração diabólica para destruir a igreja. Numa das cartas enviadas por um leitor sobre uma outra carta resposta à visita de Orlando Fedeli à Canção Nova), movimento da renovação carismática católica, o leitor ao criticar o fundador da Canção Nova, padre Jonas Abib e o movimento em si, explana:

Sabe professor, imagino uma coisa, a Verdade é imutável, a Santa Igreja Católica Apostólica Romana é Divina do Céu (sic), instituída por Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos disse que jamais *a porta do inferno prevalecerá sobre Ela, hoje ela tá (sic) pregada na Cruz como Nosso Senhor foi*, e que ninguém conheceu que Ele era o Salvador, mas acreditando nas palavras de Jesus posso dizer e até afirmar com convicção, a sua "ressureição" virá junto com sua glória¹⁰.

E assim responde Orlando Fedeli:

No meio dessa imensa traição dos teólogos, no meio desse silêncio omissivo e traidor de tantos Bispos, Deus ainda suscita almas fiéis como a sua. *As portas do inferno não prevalecerão*. Não há padre algum que possa substituir-se à Igreja. Essa colocação de Padre Jonas Abib como fonte da verdade é um absurdo. *Tanto mais que ele é uma pessoa cheia de erros doutrinários, e que não conhece a doutrina católica*. Esse fanatismo da Canção Nova, que coloca a reputação de Padre Jonas Abib acima da lei de Deus, da honra de São José e da defesa da lei de Deus, a transforma numa seita. *Não é a primeira vez na*

¹⁰ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apoio/20050307143724/>>. Acesso em: 13 de julho de 2022.

*História milenar da Igreja que movimentos pseudo místicos degenerem em seita*¹¹.

Numa outra carta, respondendo às provocações de outro leitor¹², Orlando Fedeli faz um jogo de palavras e acusa abertamente a TFP de sociedade secreta e esoterismo. Não cabe a esse trabalho colocar em questão o que a TFP faz ou não, mas em colocar em evidência as elucubrações de conspirações que são próprias dos dois grupos e que a Montfort mantém como um dos frutos que brotam a partir de galhos de uma mesma raiz que é a TFP. Assim escreve Fedeli:

Tanto você como eu, conhecíamos o que era ensinado lá, só “da boca para fora”. Porque eu e você estávamos “fora da boca” do grupo secreto, onde se ensinava que o ato conjugal era condenável.

O grupo de Plínio sempre teve duas doutrinas: uma para dentro, outra para fora. Uma doutrina pública (catolicismo conservador para enganar trouxas e sabugos), e uma doutrina esotérica, secreta, ensinada só para alguns entrosados e espertinhos. Scognamiglio sempre foi do grupo dos “espertinho”.

Agora a esperteza dele pretende dar uma rasteira nos Cardeais da Cúria Romana, visto que Dr. Plínio ensinava secretamente, que depois do Vaticano II, já não havia mais hierarquia na Igreja.

O poder na Igreja teria passado para o inerrante Profeta de Higienópolis, o imortal já falecido Plínio.

(...)

Ainda agora soube que os Provectos da TFP “publicaram” um livro no qual estaria escrito que é proibido copiar citar, memorizar, cheirar esse livro. Em suma, um livro só para eles. Ora, essa proibição é a confissão de que a TFP dos Provecos (sic) e a TFP dos Arautos são sociedades secretas que tem uma

¹¹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apoio/20050307143724/>>. Acesso em: 13 de julho de 2022.

¹² Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20100319111340/>>. Acesso em: 13 de julho de 2022

doutrina que é proibido o público conhecer. Exatamente como na Maçonaria¹³.

E se estamos estabelecendo semelhanças, outra ideia que é reproduzida é de que a hierarquia social, em que prevalecem as desigualdades sociais entre ricos e pobres, é desígnio de Deus. Plínio Corrêa de Oliveira defendia como ideal de sociedade aquela em que cada sujeito sabe o seu lugar de pertencimento, cuja dignidade se configura em aceitar a sua função social e não se ressentir por isso. Plínio afirmava que o católico pobre não poderia, de modo algum, se envergonhar de sua condição social. Para Plínio, o povo teria que ser autenticamente católico e, a partir de seu lugar no mundo, prover os recursos para que a ordem e a hierarquia social (à semelhança de toda criação de Deus), se mantivessem íntegras. Isso significa que o povo não deveria lutar por igualdade. Essa luta seria advinda do pecado, no rebaixamento da natureza humana e contra as leis naturais que reduziria os humanos em seres sensualizados, em detrimento do intelecto e da fé. Portanto, assim defende Plínio acerca da pobreza e da tentativa se buscar uma sociedade com menos desigualdades sociais:

[A plebe tradicional católica] o contrário, enfim, da plebe neopagã e revolucionária, que se envergonha de ser plebe, que sonha só com os seus direitos e detesta que se se fale de seus deveres, uma plebe que não deseja senão imitar a burguesia, enquanto não a derruba. Uma plebe que existe tipicamente em vários centros industriais do exterior, e como é de se recear que se torne em muitos lugares a nossa, se os filhos da Igreja não se acudirem a tempo com a caridade dos recursos materiais e principalmente com o dom de princípios claros, vigoroso e autenticamente católicos. (OLIVEIRA, 2002, p.38)

E se esse é o juízo que o fundador da TFP faz das classes mais desfavorecidas, seu aluno e fundador da Montfort não deixa por menos ao escrever o seu artigo *Os cães de Mirabeau de 2006*. Nele, Fedeli faz críticas de forma jocosa ao então presidente Luís Inácio Lula da Silva e se envereda a criticar o povo (ou as massas) com um certo desprezo. Assim desdenhosamente escreve Fedeli:

¹³ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20100319111340/>>. Acesso em: 13 de julho de 2022

Na atual e feliz República em que temos o encanto de sobreviver, temos um presidente que nada sabe, que não sabe de nada, e que não quer saber de nada. Um homem sábio...

Feliz o homem que sabe que não sabe! De nada!

Mas, que comenta política com imagens futebolísticas.

Exatamente como o fazem certos frequentadores assíduos de botequim, homens peritos em república, de nariz e olhos avermelhados, e com voz pastosa, ao comentarem política e futebol, em segundas-feiras de manhã, com um copo de cerveja na mão, dando solução fácil, fácil, a todos os problemas mais profundamente metafísicos:

“Nóis vai resorvê esse pobrema. Pode dexá pra nóis, que matamos essa de letra! Essa tá pra nóis, que é fáci”.

E bebericam, enquanto cachorros vira-latas, com entrada franca nesses bares infectos, se coçam usando as patas traseiras, para exilar as pulgas... Filosoficamente indiferentes.

E até parece que esses cães vira latas, coçando-se, demonstram uma alta compreensão da inutilidade da filosofia política dos peritos em república de olhos avermelhados e voz acervejadamente (sic) pastosa.

Mas os cães não votam.

Quem sabe surja uma ONG, fartamente financiada, a defender o direito de voto para os vira-latas?

Seria bem lucrativo... (FEDELI, 2006)

Mas são nas linhas seguintes que Fedeli faz alusão ao título de seu artigo. Honoré de Mirabeau foi um escritor, jornalista, ensaísta, franco-maçom e político do século XVIII, símbolo da eloquência do parlamento francês por ser um excelente orador. Para Fedeli, Mirabeau era tanto reconhecido por seu talento, quanto pelo seu cinismo. Dessa forma, estabelece um paralelo entre ele e o então presidente Lula, bem como com o povo francês, ator da Revolução Francesa e o povo brasileiro:

Mas, apesar de suas poucas leituras, Lula gosta de fazer metáforas. É seu vezo poético que lhe aflora à boca nas

entrevistas, nas quais ele sempre consegue controlar — dizem certos outros bichos certos -- o seu vocabulário normal, que dizem ser, um vocabulário chulo de gente chula. De gente que não sabe nem cartilha, nem tabuada. Nem as normas mais comezinhas de educação.

Dizem...

E como dizem que Lula gosta de metáforas, lembrei-me uma, de Mirabeau, outro demagogo revolucionário, mas venal, vendido a quem pagasse mais por sua oratória de grande talento e cinismo.

Pois dizia Mirabeau, um especialista em República e em Revoluções: “O povo é um rebanho, que, com bons cães, se leva para onde se quiser”. (FEDELI, 2006)

E é exatamente nessa última frase que vamos nos ater. Já é sabido por nós, conforme descrito no capítulo primeiro desse estudo, como pensam e agem os grupos conservadores e integristas católicos. Há uma priorização de uma hermenêutica política e social sob o crivo da religião, em que os papéis ideológicos e políticos estão submetidos a uma visão de mundo elitista e hierarquizada. Essa hierarquia parte de uma estrutura eclesial e reflete-se no modo em que, segundo esses grupos católicos, a sociedade deve ser. E se esse é o pensamento da TFP, não obstante poderia ser diferente da Montfort, visto que esta é uma gestação daquela. Os dois grupos sustentam seus ideais num anticomunismo, num ataque ao liberalismo e à moral decaída das elites, a constantes acusações de erros doutrinários de maus católicos e de um clero decadente e corrompido pelo mundo. E se esses possíveis erros acontecem no ápice da hierarquia por eles entendida, recai como uma cascata sobre as massas que, segundo o autor dessa dissertação cansou de ouvir do professor Orlando Fedeli em suas longas conversas, agem como verdadeiro rebanho: “*O povo é um rebanho, que, com bons cães, se leva para onde se quiser!*” Esbravejava com paixão, citando Mirabeau, o professor Orlando Fedeli¹⁴.

Inúmeras são as semelhanças entre TFP e Montfort, de modo que é como se uma fosse feita à imagem da outra. como numa relação próxima entre criador e sua criatura. E

¹⁴ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/politica/caes_mirabeau/>. Acesso em: 18/07/2022.

valendo, inclusive, de uma premissa de Santo Tomás de Aquino, a qual a criatura é análoga ao seu criador. A criatura não é unívoca, pois não é a mesma; nem equívoca, pois não é seu contrário, mas estabelece características em comum, provenientes de uma mesma causa. Tais características que permitem às duas associações serem classificadas como grupos católicos integristas.

2.4. A dissidência de Orlando Fedeli e o nascimento da Montfort

Orlando Fedeli permaneceu na TFP até 1983 quando, por inúmeras divergências, resolve denunciar o grupo de Plínio Corrêa de Oliveira e sair. Vamos, num primeiro momento, descrever as razões pelas quais Orlando Fedeli saiu da TFP a partir de informações deixadas escritas por ele em seu site. Ademais, há uma obra em que Fedeli explana os motivos de sua saída: *No País das Maravilhas: A Gnose Burlesca da TFP e dos Arautos do Evangelho*. Nesse livro, Fedeli acusa abertamente a TFP de seita com um culto de cunho delirante a Plínio Corrêa e à sua mãe. Esse livro, inclusive, possui o seu resumo no site da Montfort, colocado pelo próprio autor e de fácil acesso¹⁵.

Numa, entre tantas cartas enviadas à página eletrônica da Associação Montfort, uma leitora, em meio a outras perguntas, questiona se há algum tipo de envolvimento entre a Montfort e a TFP. Assim escreve a leitora:

Por último, mais uma perguntinha: vocês por acaso têm alguma ligação com o famigerado movimento TFP (Tradição, Família e Propriedade)? Sinceramente, espero que não.

Um abraço, (...) ¹⁶

A resposta de Fedeli é incisiva:

Passo a responder sua última "perguntinha": se temos "alguma ligação com o "famigerado" movimento TFP (Tradição, Família e Propriedade).

¹⁵ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/resumo-contr-pco/>>. Acesso em: 19 de julho de 2022.

¹⁶ Disponível em <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/tfp/20040728095254/>>. Acesso em: 19 de julho de 2022.

Você não imagina quão oportuna é sua "perguntinha"!

Não!!! Não!!! Mil vezes não!!!

Não temos e nem queremos ter nenhuma ligação com a TFP

Grande parte do que o público veio a conhecer sobre os erros dessa entidade, foi por meu intermédio. Porém, já se passaram tantos anos que denunciei os delírios dessa sociedade que muita gente, não tendo acompanhado minha denúncia e a polêmica que se lhe seguiu, ignora qual a relação minha com a "famigerada" TFP.

Fui, durante anos, do grupo de Catolicismo (grupo que tinha esse nome pelo jornal de Dom Castro Mayer "Catolicismo"). Esse grupo, então apoiado pelo Bispo Dom Mayer, foi fundado por P.C. de Oliveira, e, mais tarde, deu origem à TFP.

Nunca pertenci à seita que se ocultava por trás da TFP. Nessa entidade pública, fui mantido no "gelo", como lá se dizia, isto é, isolado e mal visto, porque se me acusava de "não ter o espírito de Dr Plínio". Graças a Deus, nunca o tive mesmo (FEDELI, 2001)¹⁷.

De acordo com Fedeli, os motivos que fizeram com que ele rompesse com a TFP foram vários, sendo o primeiro deles a autoproclamação de Plínio Côrrea como profeta e, em seguida, a sua imortalidade e promessa de um "Reino de Maria":

PC de Oliveira, a partir de 1965, mais ou menos, começou a declarar-se Profeta. Era uma novidade surpreendente: um Profeta morando num apartamento, em Higienópolis. Andando em carro de luxo, e comendo opiparamente.

Mais que profeta, ele se declarou inerrante. O que já era paranoia.

Mais tarde fez acreditar que era imortal!

Proclamou-se o maior santo da História, superior até aos Apóstolos!

¹⁷ Disponível em <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/TFP/20040728095254/>>. Acesso em: 19 de julho de 2022.

Prometeu fundar um "Reino de Maria" de tal modo milenarista, que nele haveria ruas de porcelana, e a "angelização" de seus sequazes. Os outros -- os que ele apodava de "fumaça preta, e os pecadores - seriam animalizados (FEDELI, 2001)¹⁸.

Orlando Fedeli, continua a sua denúncia que justifica a sua saída da Tradição, Família e Propriedade, afirmando que além de prescrever um culto a si mesmo, Plínio de Oliveira também criou um culto à sua mãe, chamada de Dona Lucília. A esses cultos, Fedeli acusa a TFP de fachada para uma verdadeira sociedade secreta em que Plínio e sua mãe são cultuados. Essa sociedade secreta estava restrita a um pequeno número de tefepista e se chamava *Sempre Viva*.

Organizou um culto delirante para si mesmo e para sua mãe, Dona Lucília, usando para isso as manobras e astúcias de seu "discípulo predileto": João Scognamiglio Clá Dias, aquele de quem o profeta de Higienópolis dizia que tinha "olhos redondos e andaluzes" (...).

Pouco tempo depois, tive as provas -- que publiquei --de que a TFP era, na verdade, uma sociedade secreta. Por trás da fachada da TFP existia uma sociedade que pouquíssimos membros da própria TFP sabiam que existia: a "Sempre Viva".

Denunciei também a existência dessa sociedade secreta, e publiquei um trabalho sobre o culto delirante que nela se prestava, às escondidas, a PCO e a sua mãe (penso em publicar logo mais, no site, esse trabalho, editado há muitos anos, para acabar com confusões e calúnias que tentam me ligar à TFP, como se tenta ligar protestantismo e Catolicismo)¹⁹.

Como era de se esperar, a TFP não se calou perante as acusações de Fedeli, pronunciando-se abertamente contra elas. No site do IPCO (Instituto Plínio Côrrea de Oliveira), podemos acompanhar quais as repostas dadas às acusações de Orlando Fedeli. A página em questão começa o seu artigo intitulado *Depois do fracasso de dez estrondos publicitários, singular tentativa de "implodir" a TFP* e cita a data de 15 de agosto de

¹⁸ Disponível em <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/tfp/20040728095254/>>. Acesso em: 19 de julho de 2022.

¹⁹ Disponível em <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/tfp/20040728095254/>>. Acesso em: 19 de julho de 2022.

1984, a qual o jornal *Folha de S. Paulo* publicou a seguinte notícia: *Dissidência na TFP causa crise interna*²⁰.

O artigo presente no site do IPCO faz referência ao que fora escrito no jornal *Folha de S. Paulo* pelo jornalista João Vitor Strauss e adverte a denúncia vinha de um certo “dissidente” (sic). Esse dissidente seria Orlando Fedeli:

Em outra página da mesma edição, em matéria assinada por João Vitor Strauss, "em um texto balburdiado por gracejos, debiques e insolências", se procura apresentar a entidade como enleada em uma crise terrível, causada por certo "dissidente", o qual teria feito revelações sensacionais sobre ela.

Quem era esse dissidente, e quais essas revelações? Para respondê-lo, cumpre recuar até meados de 1983. Naquela época, o sr. Orlando Fedeli enviou ao Prof. Plínio Corrêa de Oliveira uma carta em que anunciava sua ruptura com a TFP e enumerava os argumentos em que a fundava. A essa carta juntou duas outras, escritas anteriormente, mas que não chegara a enviar²¹.

Segundo o IPCO (nova formulação da TFP por questões jurídicas do uso do nome original), havia um conjunto de três cartas com severas acusações de erros da TFP contra a fé católica, de modo que a instituição de Plínio Corrêa se colocou em defesa dela, devido ao que eles chamaram de acusações de severa gravidade, principalmente ao que se referia *à ortodoxia e à correção do procedimento dos sócios e cooperadores da entidade face às leis da Igreja*. (IPCO) Dessa forma, a TFP conta com a ajuda de alguns de seus sócios para defendê-la e refutar as acusações feitas por Fedeli, numa compilação intitulada *Refutação da TFP a uma investida frustra* (sic), feita em dois volumes, cuja autoria encontra-se nomes expressivos para a entidade, tais como João Scognamiglio Clá Dias, Atila Sinke Guimarães, Antonio Augusto Borelli Machado e Gustavo Antonio Solimeo. A TFP segue a sua empreitada em busca de apoio ao defender-se, levando as suas refutações aos mais diversos teólogos de apressado da instituição, tais como: Cardeal

²⁰ Disponível em:
<https://www.pliniocorreadeoliveira.info/Gesta_0104_tentativa_implodir_tfp.htm#.YthBvnbMLIU>.
Acesso em 20 de julho de 2022.

²¹ Disponível em:
<https://www.pliniocorreadeoliveira.info/Gesta_0104_tentativa_implodir_tfp.htm#.YthBvnbMLIU>.
Acesso em 20 de julho de 2022.

Charles Journet, Pe. Antonio Royo Marin, O.P., o Pe. Arturo Alonso Lobo, O.P. e Pe. Victorino Rodríguez y Rodríguez, O.P.

Nesse interim, de um lado havia uma Montfort que se valia de suas acusações, e do outro, uma TFP que se vangloriava das suas réplicas consideradas como irrefutáveis. Esse conflito tomou proporções que levou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) a se posicionar em 1985 na sua 23ª Assembleia Geral contrária à TFP:

(...) notória a falta de comunhão da TFP (Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade) com a Igreja no Brasil, sua hierarquia e o Santo Padre. O seu caráter esotérico, o fanatismo religioso, o culto prestado à personalidade de seu chefe e progenitora, a utilização abusiva do nome de Maria Santíssima, conforme notícias veiculadas, não podem de forma alguma merecer a aprovação do Igreja.

(...) Lamentamos os inconvenientes decorrentes de uma sociedade civil que se manifesta como entidade religiosa católica, sem ligação com os legítimos pastores.

(...) Sendo assim, os bispos do Brasil exortam os católicos a não se inscreverem na TFP e a não colaborarem com ela" ("Folha de S. Paulo", 20-4-85) (IPCO)²².

Isso fez com que automaticamente a associação de Plínio Corrêa também se colocasse numa defensiva diante da confederação de bispos católicos e sutilmente também a atacasse. Assim podemos ler em seu artigo no site:

A CNBB alega que é "notória" a falta de comunhão da TFP com a Igreja no Brasil, sua Hierarquia e o Santo Padre. Ora, essa notoriedade é inexistente. É bem verdade que a Sociedade tomou atitudes que exprimem um desacordo com certas autoridades

²² Disponível em: <https://www.pliniocorreadeoliveira.info/MAN%20-%201984-08_CNBBeoutros.htm>. Acesso em: 20 de julho de 2022.

eclesiásticas brasileiras, por considerar que elas preparam, de fato, o caminho para o socialismo e para o comunismo. (IPCO)

Mas tais atitudes da entidade em nada transgrediram o Direito Canônico. E por isso, também em nada lesaram ou debilitaram a comunhão da TFP com a Sagrada Hierarquia.

Tão-só de passagem, é o caso de registrar a esse propósito que, poucos dias depois, tendo Frei Leonardo Boff sido suavemente punido pela Santa Sé, Arcebispos e Bispos brasileiros se declararam expressamente "inconformes" com a medida. Mas a CNBB nada fez para desaprovar tão notória, e, no caso, real, "falta de comunhão" com S.S. João Paulo II (IPCO)²³.

Esse contencioso permanece ativo entre as duas associações e agora, não somente a elas, mas a outras duas que são cisões das primeiras. Se citamos o site IPCO é pelo fato da TFP ter passado por questões internas de disputas de poder e por divergências de ideias, após a morte de seu fundador em 1995. Inclusive, o direito do uso do nome original foi à justiça, bem como o requerimento de diversas propriedades que ficaram com João Scognamiglio Clá Dias, fundador do grupo Arautos do Evangelho, dissidente da antiga TFP. O outro grupo, por conseguinte, foi o Instituto Plínio Córrea de Oliveira que tenta manter a ortodoxia das ideias do fundador.

Já a Montfort, parece reproduzir mais uma vez o comportamento da instituição a que outrora Orlando Fedeli fora membro. Se a TFP, após a morte de seu fundador rompeu-se em outras instituições divergentes, não tardou para a Montfort fazer o mesmo e dividir-se em dois grupos. E é isso que veremos agora no próximo item desse capítulo.

2.5. A dissidência dos dissidentes – de Montfort a *Flos Carmeli*

A Montfort passou por uma crise e por significativa perda de expressão com a morte de seu fundador Orlando Fedeli em 09 de junho de 2010. Se isso não bastasse, em

²³ Disponível em: <https://www.pliniocorreadeoliveira.info/MAN%20-%201984-08_CNBBeoutros.htm>. Acesso em: 20 de julho de 2022.

2018, a Associação Cultural Montfort, presidida, então, por um dos ex-alunos de Fedeli, o Alberto Zucchi, rompe com Ivone Fedeli, viúva do fundador. Mesmo antes dessa separação, ambos já se mantinham num certo grau de distância. Enquanto Alberto Zucchi juntamente com a Montfort seguem juntos com os padres do Instituto Bom Pastor (IBP), Ivone Fedeli serve-se do apoio clerical do antigo professor Edvaldo Oliveira que se tornou sacerdote.

A razão desse rompimento foi a não aprovação de Alberto Zucchi à participação de Ivone Fedeli e seus seguidores na Celebração da Palavra realizada por Dom Odilo Scherer na abertura do Sínodo Arquidiocesano de São Paulo. Embora o presidente da Montfort tivera convidado Dom Odilo Scherer para uma pregação sobre a exortação Apostólica pós-sinodal sobre o amor na família *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, a mesma condescendência não foi dada à Ivone Fedeli. Tal atitude foi considerada como uma infidelidade de Ivone Fedeli aos ideais de Orlando Fedeli (ironicamente, o significado dos sobrenomes Fedeli é, justamente, *fidel*).

Zucchi acusa Ivone Fedeli de, com essa ação, de não somente contribuir com a aceitação da missa de Paulo VI ou a *missa nova*, conforme eles comumente chamam, mas de incentivar algo sacrílego que é a celebração da Liturgia da Palavra.

Essa decisão e reprovação de Alberto Zucchi foi documentada por meio de um vídeo em que ele proferia numa de suas aulas na sede da Montfort, os motivos de se posicionar contra a decisão da Senhora Fedeli²⁴.

É preciso lembrar que para Orlando Fedeli, a celebração da missa nova era vista como um ato herético, quanto mais a Celebração da Palavra. É por essa razão que Alberto Zucchi se opõe contra o que fora feito pela viúva Fedeli. Ele reitera que tem o mesmo posicionamento que seu mentor. Orlando Fedeli inúmeras vezes se pronunciava contra o novo rito, acusando-o de heresia. Alberto Zucchi toma como subterfúgio para separar-se de Ivone Fedeli, justamente esse posicionamento do professor Orlando de chamar de herética a *missa nova*. Sobre essa acusação de Fedeli de que o *Novo Ordus* é herético, podemos conferir num de seus escritos do site ao defender Dom Lefebvre e Dom Mayer

²⁴ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Associacao.Cultural.Montfort/videos/176141436414275/>>. Acesso em: 26 de julho de 2022.

que foram excomungados pela igreja injustamente por manterem-se fiéis à missa de São Pio V e se oporem ao Concílio Vaticano II e à missa pós-conciliar:

A anulação das injustas excomunhões será o reconhecimento oficial de que Dom Lefèbvre e Dom Mayer, ao contrário de hereges ou cismáticos rebeldes, foram dois heróis da Fé por recusarem os erros do Concílio Vaticano II e da Nova Missa de Paulo VI, que eles sempre acusaram de ter sabor de heresia. Isso será a declaração indireta de que eles tinham razão no que defendiam, e que é permitido criticar os erros do Vaticano II e da Missa Nova. Logo, que o Vaticano II não foi um Concílio infalível, pois um concílio infalível tem que ser totalmente aceito e nunca recusado (FEDELI, 2006)²⁵.

E ainda sobre a *missa nova*, Orlando Fedeli continua em suas acusações, propondo que ela não é essencialmente católica, mas uma produção que se originou a partir de maçons e teólogos protestantes, conforme podemos conferir numa de suas respostas a um leitor do site Montfort:

Sobre a Missa de Paulo VI, o senhor deveria ler os estudos do Cardeal Ratzinger e as críticas que ele fazia à Nova Missa de Paulo VI, missa elaborada pelo maçom Monsenhor Anibale Bugnini -- (Esse estava na lista de Mino Pecorelli) -- e seis pastores protestantes (FEDELI, 2006)²⁶.

E continua em seus argumentos contra a Missa de Paulo VI:

²⁵ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/reabilita_lefebvre/>. Acesso em: 17/08/2022.

²⁶ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/reabilita_lefebvre/>, Acesso em: 17/08/2022.

Recomendo-lhe que leia o livro de Monsenhor Klaus Gamber "The Reform of the Roman Liturgy", elogiado pelo Cardeal Ratzinger, livro no qual Monsenhor Gamber chamou a Nova Missa de Paulo VI de "câncer", e, apesar disso, o recebeu elogios do Cardeal Ratzinger (FEDELI, 2006)²⁷.

E Fedeli continua seu argumento tecendo, dessa vez, suas acusações ao então Cardeal Ratzinger, ora, de certa forma, colocando-se favorável a Ratzinger, ora criticando-o quando o posicionamento do cardeal não condiz com o seu:

Recomendo-lhe que leia o livro de Monsenhor Klaus Gamber "The Reform of the Roman Liturgy", elogiado pelo Cardeal Ratzinger, livro no qual Monsenhor Gamber chamou a Nova Missa de Paulo VI de "câncer", e, apesar disso, o recebeu elogios do Cardeal Ratzinger (sic) (FEDELI, 2006)²⁸.

E com relação às críticas à Missa Nova e às observações quanto a Ratzinger, continua Fedeli:

Ainda agora, foi publicado em Roma o livro de Monsenhor Uwe -- Voltados para Deus -- livro prefaciado pelo Cardeal Ratzinger e apresentado em Roma pelo Arcebispo Albert Malcolm Ranjith, recém nomeado por Bento XVI como secretário para a Congregação do Culto Divino. Nessa obra, Padre Uwe mostra como é absurda a Missa celebrada com o sacerdote virado para o povo. A Missa é para Deus e não para o povo. O próprio Cardeal Ratzinger em seu livro *Introdução ao Espírito da Liturgia* defende a Missa voltada para Deus e não para o homem, não para o povo, e condena o uso do rock na missa como anti culto

²⁷ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/reabilita_lefebvre/>. Acesso em: 17/08/2022.

²⁸ Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20060520141933&lang=bra>>. Acesso em: 17 de agosto de 2022.

E o Cardeal Ratzinger fez também o prefácio para o livro de Dom Alucin Reid, e nesse prefácio o então Cardeal Ratzinger criticou alguns aspectos da Missa Nova de Paulo VI (FEDELI, 2006)²⁹.

Fedeli demonstra um certo otimismo com relação à visão do Papa Bento XVI sobre a Missa de Pio V:

Bento XVI tem mostrado que a Sagrada Liturgia tem um núcleo divino que não pode ser tocado, e que no mais ela se desenvolveu segundo a Tradição, enquanto a Missa de Paulo VI foi uma "coisa fabricada" artificialmente. Daí, Bento XVI estar preparando o decreto que liberará a Missa de sempre, a missa de São Pio V, que nunca foi proibida e que os modernistas detestam.

Depois dessa liberação, temporariamente a Missa Nova será permitida ainda, porque os padres não sabem rezar outra.

Mas, a reforma da Missa Nova será com base no Missal de 1962. E essa Missa reformada será em latim, de costas para o povo, o padre voltado para Deus, sem rock e com canto gregoriano. Fala-se até que desaparecerá o absurdo "ofertório" da Missa Nova, sendo colocado o Ofertório de sempre, isto é, da Missa de São Pio V (FEDELI, 2006)³⁰.

E na conclusão desse argumento, Fedeli faz suas profecias, de certo modo, tomadas por um ar conspiracionista como nunca fez questão de esconder em seus escritos, aulas, palestras e, sobretudo, em conversas informais:

²⁹ Disponível em:

<<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20060520141933&lang=bra>>. Acesso em: 17 de agosto de 2022.

³⁰ Disponível em:

<<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20060520141933&lang=bra>>. Acesso em: 17 de agosto de 2022.

Caso tudo isso for decretado, poder-se-á dizer -- como disse certa vez o Cardeal Arinze: "Ite, Missa Nova est", e o povo responderá: "Deo Gratias".

Parece-me bem possível que esses decretos que se anunciam, causarão a revolta de alguns modernistas. Fala-se em cisma. Alguns vaticanistas famosos disseram mesmo que a escandalosa entrevista dada pelo Cardeal Martini ao O Expresso, defendendo o oposto da doutrina católica sobre aborto, eutanásia etc, foi praticamente um lançamento de candidato a anti papa³¹.

Para quem já assistiu alguma aula do Professor Orlando Fedeli, seja pessoalmente ou por meio das mídias sociais, sabe que é recorrente em seu discurso a afirmação que um dos grandes males que se adentrou ao pensamento católico e que foi causa de inúmeras heresias foi a *gnose*. E sendo a celebração da eucaristia o rito central católico, a missa não poderia ser excluída de suas elucubrações. Dessa maneira, outra acusação a que a *Missa Nova* recebe de Orlando Fedeli e que seus alunos tomam como verdadeira é que a missa de Paulo VI é gnóstica, sendo a responsável pela perda de fé e da perdição de inúmeros membros do clero. Num de seus artigos escrito no site Montfort em 2006 sob o título de '*Por muitos` . Não `por todos` (sic)*, assim discorre Fedeli, explicando a razão do título do artigo:

Com efeito, embora o texto latino da Missa Nova fabricada pelo maçom Monsenhor Bugnini, por ordem de Paulo VI, empregue a fórmula correta na Consagração do vinho, as traduções da Missa para o vernáculo, em muitas línguas, foram infiéis ao Evangelho, escandalizando os fiéis católicos.

De fato, as palavras usadas por Jesus Cristo ao consagrar o vinho, na Santa Ceia, foram estas:

³¹ Disponível em:

<<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20060520141933&lang=bra>>. Acesso em: 17 de agosto de 2022.

"Bebei dele todos. Porque isto é o meu Sangue do Novo Testamento o qual será derramado por muitos para a remissão dos pecados" (São Mt. XXVI, 27-28).

"Isto é o meu Sangue do Novo Testamento que será derramado por muitos" (São Marcos, XIV, 24). (destaques nossos) (sic).

Num atrevimento único na história da Igreja, as Conferências Episcopais de muitos países, concordes na deturpação das palavras do próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, ousaram trocar as palavras "por muitos", colocando em seu lugar "por todos" na Consagração do vinho na Missa (FEDELI, 2006)³².

E mais uma vez atribui a culpa dessa “heresia” ao Concílio Vaticano II, denominado por ele como gnóstico. O mesmo concílio que muitos católicos ditos integristas se acusam uns aos outros como sendo *acordistas* quando realizam alguma atividade com quem comunga desse do Concílio Vaticano II, que é o caso da contenda entre Alberto Zucchi e Ivone Fedeli. Assim escreveu o professor Orlando Fedeli:

Qual a razão dessa estranha concordância de muitas Conferências Episcopais que permitiram a deturpação, consciente e atrevida, das próprias palavras de nosso Divino Salvador?

A razão foi a nova heresia da salvação universal, nascida necessariamente do ecumenismo do Concílio Vaticano II.

Com efeito, a "Gaudium et Spes – Tristezas e Angústias" afirmou uma doutrina absurda da qual iam decorrer muitas conseqüências errôneas. Tal doutrina absurda está nas seguintes palavras:

"Por isso, proclamando a vocação altíssima do homem e afirmando existir nele uma semente divina o Sacrossanto Concílio oferece ao gênero humano a colaboração sincera da Igreja para o estabelecimento de uma fraternidade universal que corresponda a essa vocação" (Concílio Vaticano II, Gaudium et Spes, Tristitia et Angustiae, nº 3. Os destaques são nossos).

³² Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/por_muitos/>. Acesso em: 17 e agosto de 2022.

Essa é uma tese gnóstica (FEDELI, 2006)³³.

E como para Orlando Fedeli a gnose é uma das raízes do grande mal ao qual a Igreja Católica estava se afundando, se rendendo ao modernismo e ao antropocentrismo, ele insiste em discorrer sobre o quanto a *Missa Nova* é herética, tanto quanto o Concílio Vaticano II por divinizar o ser humano, atribuindo a ele um caráter divino, colocando como protagonista da teologia católica e na celebração da eucaristia. Para ele, essas coisas se davam pela influência maçônica dentro da igreja a partir do princípio de fraternidade e de igualdade em que todos comungariam igualmente de uma salvação universal, independentemente de merecimentos. Assim escreve Fedeli:

Não existe nenhuma semente divina no homem. Se existisse tal semente divina, nenhum homem poderia se perder eternamente. Todos necessariamente estariam salvos. Em qualquer religião, ou mesmo sem religião, todos se salvariam, porque, havendo algo de substancialmente divino no homem, ninguém se danaria, pois todos os homens seriam, no fundo, divinos.

Esse seria então o mistério do homem que Cristo teria vindo revelar ao homem: o homem seria deus, e todo homem, por ser homem, necessariamente estaria salvo.

Daí, o antropocentrismo do Vaticano II. Daí, o ecumenismo. Daí, a fraternidade universal – tese maçônica – com a qual o Vaticano II quis cooperar. Daí, o culto do homem que Paulo VI reconheceu existir no Vaticano II. Daí, a nova Missa fabricada por Bugnini com a ordem, permissão e aprovação de Paulo VI.

Daí, a necessidade de trocar o "por muitos" – proferido por Cristo –, pelo ecumênico e otimista "por todos", exigido pelas Conferências Episcopais modernistas.

Esse era um ponto da nova Teologia, existente por trás da Missa Nova. A nova formulação na tradução vernácula da Nova Missa, além de trocar as palavras ditas pelo próprio Deus, visavam

³³ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/por_muitos/>. Acesso em: 17 e agosto de 2022.

escamotear a distinção entre redenção objetiva e redenção subjetiva. Com efeito, por redenção objetiva, a doutrina católica entende que, sendo os méritos de Cristo infinitos, eles são suficientes para salvar todos os homens.

Entretanto, isto não implica que todos os homens estejam automaticamente salvos, como pretendem certos protestantes, e como defendem os modernistas crentes que exista no homem a tal semente divina de que fala gnosticamente a otimista *Gaudium et Spes, Tristitiae et Angustiae* (FEDELI, 2006)³⁴.

Orlando Fedeli, bem como o seu legado, atribui à missa de Paulo VI o motivo do que eles julgam ser a derrocada da igreja católica rumo à apostasia. Nesse interim é que se deu o estopim da cisão do grupo com o outro grupo formado pela Ivone Fedeli. São essas as acusações que o falecido professor fazia e que ainda são mantidas vivas juntamente ao grupo por ele formado em vida e pelos novos membros:

Entretanto, isto não implica que todos os homens estejam automaticamente salvos, como pretendem certos protestantes, e como defendem os modernistas crentes que exista no homem a tal semente divina de que fala gnosticamente a otimista *Gaudium et Spes, Tristitiae et Angustiae*. (FEDELI, 2006)

A substituição do "por muitos" pelo fraudulento "por todos" incutiu sutilmente no povo que todos os homens se salvam. É de espantar que o povo deixasse de se confessar?

É de espantar que os padres não quisessem mais atender confissões?

É de espantar que os confessionários tenham sido abandonados, passando os padres a brincar de consultores psicanalíticos, sem diploma e sem competência?

³⁴ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/por_muitos/>. Acesso em: 17 e agosto de 2022.

É de espantar que o ecumenismo tenha recebido larga compreensão? Pois se todos se salvam, para que ser católico?

Todos somos bons! Todos somos até divinos! Todos estamos salvos! Foi o que ensinou implicitamente o Concílio Vaticano II.

É no que acreditam os modernistas.

Vamos festejar!!! (FEDELI, 2006)³⁵.

E se parece pouco, assim ironiza sobre a missa pós conciliar, o fundador da Associação Cultural Montfort:

A Missa passou a ser um banquete festivo e não mais a renovação do sacrifício do Calvário.

Festejemos, pois! A Missa é um banquete! Uma ceia, como ensinou Padre Martinho Lutero!...

Festejemos! Com pandeiro, cuíca e reco-reco!

Festejemos com guitarras, baterias e moçoilas dançando sensualmente, diante do altar. Do altar, não. Da mesa da ceia.

A Missa Nova procura tornar tudo profano, pois ela pouco tem a ver com a Teologia da Missa antiga.

É uma Nova Missa fabricada com a ajuda de seis pastores protestantes (GEORGES, JASPER, SEPHARD, KONNETH, SMITH, e MAX THURIAN, representando respectivamente o Conselho Ecumênico das Igrejas cismáticas, os Anglicanos, os Luteranos e a comunidade de Taizé) (FEDELI, 2006)³⁶.

³⁵ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/por_muitos/>. Acesso em: 17 e agosto de 2022.

³⁶ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/por_muitos/>. Acesso em: 17 e agosto de 2022.

Não bastando isto, Orlando Fedeli coloca as duas missas como sendo uma católica e outra não-católica. Ele afirma que durante muitos anos, os responsáveis por defender a *Missa Nova* se apegaram ao argumento de que apenas o rito latino se diferenciava do rito vernáculo apenas pela língua e não na estrutura da celebração. Segundo Fedeli, o decreto que levou à criação do Instituto Bom Pastor forçou os teólogos, clero e jornalistas, inclusive, franceses modernistas a *abrir[em] finalmente a boca e o jogo* (sic) ao se colocarem explicitamente contra a liberação de Bento XVI à *Missa de Sempre*. Assim conclui Fedeli:

(...) acabaram por declarar abertamente que o problema não era o latim, nem que era uma questão de gosto nostálgico por uma cerimônia do passado, mas sim uma profunda questão teológica: a Missa de sempre e a Missa nova teriam duas Teologias opostas (FEDELI, 2006)³⁷.

E continua com o seu estilo ácido e provocativo:

Habemus confitentem reum! (Temos a confissão dos culpados!)

Essa confissão tardia levanta agora publicamente um problema: a Nova Missa de Paulo VI, tendo outra Teologia que a Missa anterior. Qual das duas é inteiramente católica?

Claro que a Missa de sempre é totalmente católica.

É a Nova Missa de Paulo VI, feita por maçons e pastores protestantes, é a essa nova Missa causadora de tantos abusos e escândalos que cabe a pergunta: até que ponto essa Missa pode ser tida como ortodoxa? Até que ponto ela se afastou da doutrina católica?

Desde o princípio, os Cardeais Bacci e Ottaviani denunciaram que a Nova Missa de Paulo VI se afastara perigosamente da doutrina de Trento, aproximando-se da teologia protestante da ceia.

Depois, ela se tornou a fonte de abusos e de sacrilégios.

³⁷ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/por_muitos/>. Acesso em: 17 e agosto de 2022.

Essa nova Missa contribuiu tanto para a apostasia de milhares de sacerdotes, quanto para o verdadeiro êxodo de fiéis católicos para as seitas protestantes. Foi especialmente por meio dela que o povo conheceu o Concílio Vaticano II. Tanto que o próprio Paulo VI disse a Jean Guitton que jamais permitiria a liberação da Missa antiga, pois isso seria condenar simbolicamente o Vaticano II... (FEDELI, 2006)³⁸.

De acordo com o professor Orlando Fedeli, a missa sob o novo rito é um compêndio de teses maçônicas e de heresias, cheia de gnose, sendo a causa primeira da perda de fé e da ortodoxia do clero. Esses argumentos são sustentados pelo seu sucessor na presidência da Montfort, Alberto Zucchi que usa desses pontos defendidos em vida por Orlando Fedeli para sustentar a sua fidelidade aos seus ideais. Segundo Alberto Zucchi, Ivone Fedeli e seus seguidores ao se permitirem participar da Liturgia da Palavra com Dom Odilo Scherer, se mostraram traidores da Montfort e de seu fundador.

Sendo assim, Ivone Fedeli, separada da associação fundada pelo seu falecido esposo, com as bênçãos do padre Edvaldo de Oliveira, funda uma ordem feminina dedicada à Santa Escolástica. Esse ato contrariou Alberto Zucchi que sempre defendera o caráter laical da associação. Desse modo, já são dois os motivos das contendas entre Ivone Fedeli e Alberto Zucchi: a participação da abertura do sínodo feita por Dom Odilo e a clericalização da associação fundada pela senhora Fedeli com independência das diretrizes de Zucchi, reportando diretamente à Arquidiocese.

Nesse sentido, tal qual o grupo liderado por um dos membros da TFP, João Clá Scognamiglio se separara por ter como objetivo a criação de um grupo feminino em que as mulheres pudessem exercer apostolado e a espiritualidade, nesses últimos tempos, a Montfort parece repetir o padrão e reproduzir mais uma vez o comportamento de sua origem, pois de modo análogo ocorre mais um “cisma”.

2.6. “Modus Operandi”: ataques públicos às instituições e às pessoas

³⁸ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/por_muitos/>. Acesso em: 17 e agosto de 2022.

Ao longo desse trabalho já deixamos evidente que muitas das respostas do professor Orlando Fedeli, bem como de seus seguidores têm um tom ácido e, não obstante, agressivo. Dessa maneira, discorreremos agora como essas atitudes se revelam em ataques às mais diversas instituições e pessoas que não compactuam com a forma com que eles pensam. Inclusive, à próprias instituições católicas e pessoas católicas que, segundo o fundador e seus seguidores, não vivem um catolicismo verdadeiro, contribuindo assim para a destruição da igreja católica.

Elencaremos aqui alguns desses “inimigos” da Igreja, segundo o professor Orlando Fedeli, aos quais ele dirigia sua caridosa cólera.

A – Ataques à Renovação Carismática Católica

A Renovação Carismática Católica, de acordo com o site da *Canção Nova*, uma das comunidades católicas carismáticas de maior expressão no Brasil, é um movimento, cuja origem se dá no final dos anos de 1960 nos Estados Unidos da América, mais precisamente na Universidade de Duquesne em Pittsburgh. Segundo a Canção Nova, a renovação carismática é um reavivamento espiritual causado pela oração, de renovação no Espírito e da manifestação de seus dons. Na Universidade, jovens católicos reuniam-se em oração com jovens protestantes pentecostais (anglicanos episcopalianos), sendo que em uma dessas reuniões, os mesmos afirmaram que o Espírito Santo desceu sobre eles batizando-os no Espírito. Os católicos carismáticos se apropriaram dessa “mística” protestante. Ademais, é próprio da renovação carismática católica, a exaltação dos carismas. Os carismas, conforme a epístola de São Paulo aos coríntios, são os dons do Espírito Santo para a conversão dos incrédulos, para edificar quem crê e para servir a comunidade (1 Cor 12, 7). Depois do Concílio Vaticano II, a teologia carismática foi retomada sob o nome de Novo Pentecostes. A renovação carismática católica afirma que é uma expressão que possibilita um relacionamento direto com Jesus Cristo por meio da experiência do batismo no Espírito.

Pois bem, esses fatos e características são mais do que suficientes para a renovação carismática católica ser colocada pela Associação Cultural Montfort, sobretudo por Orlando Fedeli como sendo uma heresia e anticatólica.

Numa das cartas enviadas por um dos leitores do site Montfort, questionando ao professor Orlando se não haveria algo de salutar na renovação carismática, eis que ele responde:

Na Igreja não há vertentes. Nela só se admite a verdade. E a RCC é protestante de origem e de práticas. Logo, não há lugar para o carismatismo pentecostal na Igreja Católica.

Na Igreja não se admitem erros doutrinários. Esse é o único motivo de divergências. Porque quem não está com Cristo, está contra Cristo. Não há aspectos positivos no que está em erro. Quem erra a rota não chega ao porto (FEDELI, 2006)³⁹.

Numa outra carta, um dos leitores questiona a Montfort por uma possível incoerência do seu posicionamento referente à renovação carismática. Esse leitor cita o que escreve um dos membros da Canção Nova, o professor Felipe de Aquino. E mais do que isso, afirma que o movimento está em conformidade com o catecismo da igreja. O professor Orlando Fedeli lhe responde:

Você notou bem a contradição entre o que diz o site Montfort e o que diz o professor Felipe de Aquino. Este só repete o que dizem os documentos do Concílio Vaticano II, e que são expressos no Novo Catecismo.

Aconselho que estude apenas o Catecismo do Concílio de Trento, já que o Vaticano II foi um Concílio desastroso que permitiu a auto demolição da Igreja e que a fumaça de Satanás entrou na Igreja, trazendo imensa confusão e desorientação de milhões de pessoas. Inclusive do Professor Felipe de Aquino.

Confirmando o que escrevi: o Espírito Santo pode dar graças atuais que levem hereges a se converter. O Espírito Santo não pode atuar nas religiões falsas, porque isso seria o mesmo que aprová-las. E fora da Igreja Católica Apostólica Romana não há salvação. Por isso, o Syllabus de Pio IX condenou os que dizem que “pelo menos deve se esparar bem da salvação dos que estão fora da Igreja de Cristo”. Esta frase que coloquei em itálico é condenada

³⁹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/rcc/20081204003542/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2022.

pela Igreja no Syllabus de Pio IX. Por aí você vê que o Professor Felipe como o Concílio Vaticano II estão muito mal colocados (FEDELI, 2006)⁴⁰.

Numa outra carta em que o leitor critica a Canção Nova por receber Dilma Rousseff, então ministra do governo de Luís Ignácio da Silva (Lula), essa foi a resposta dada por Orlando Fedeli:

A notícia que você me envia é espantosa. Ela prova sim como a Canção Nova desrespeita a doutrina católica. Permitir que uma comunista, terrorista, membro do PT, partido oficialmente abortista e defensor do homossexualismo participe de ato litúrgico é escandaloso. Isso prova que o catolicismo da Canção Nova vale tanto quanto a fé dessa ministra.

In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli (FEDELI, 2009)⁴¹.

Poderíamos citar incontáveis ataques à Renovação Carismática no conteúdo do site da Associação Cultural Montfort, mas isso se tornaria excessivo. Sendo assim, sobre esse movimento, colocaremos apenas mais uma resposta de Orlando Fedeli a outro leitor, dessa vez atacando a Canção Nova, seu fundador, o padre Jonas Abib e o professor Felipe De Aquino:

O professor [Felipe de Aquino] é inteiramente dominado sentimentalmente pelo Padre Jonas, apesar de ser incapaz de defendê-lo das críticas que lhe movo, mas recusa tomar atitude, porque conhece esse padre há mais de trinta anos. Como se essa longa ligação pessoal fosse comprovação de ortodoxia.

O parágrafo que você cita do livreco do Professor Felipe de Aquino é lamentável. Não pensei que ele fosse chegar a esse ponto. Mas o convívio com hereges só podia dar nisso. A árvore má só pode dar mau fruto e RCC é uma árvore nascida do

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/rcc/20081128145402/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2022.

⁴¹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20081219232412/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

protestantismo, metida em terra católica para perverter muitas almas ignorantes que ficam meneando a cabeça e julgando que falam a língua dos anjos, quando, na verdade, falam na língua dupla de Babel e da serpente (FEDELI, 2005)⁴².

B – Ataques à Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação é um movimento teológico com caráter humanitário, cujo olhar se dirige aos sofrimentos dos mais pobres. A Teologia da Libertação é pautada nos valores do Evangelho e dos ensinamentos de Jesus Cristo dirigindo-os àqueles que sofrem por causa da exploração e da má distribuição de renda dos sistemas econômicos. Ela, através de uma análise crítica da realidade social, procurou prestar não somente auxílio espiritual aos mais desfavorecidos, mas também em lutar juntamente a eles pelas conquistas de seus direitos e de uma existência humana mais digna.

A teologia da libertação tem sua origem, majoritariamente, na América Latina entre os anos de 1960, pós Concílio Vaticano II e Conferência de Medellín na Colômbia. Ela foi desenvolvida por teólogos entre os quais Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Juan Luiz Segundo e, Jon Sobrino, e ganha força, sobretudo, nas Comunidades Eclesiais de Base. Foi nos anos de 1980 que sua presença e ação se tornam mais marcantes.

Esse movimento supradenominacional e que se posiciona a favor da inclusão social e política, pauta-se nas Ciências Sociais e Filosofia para fazer uma exegese dos ensinamentos cristãos com o objetivo de libertar os mais pobres dos grilhões das injustiças sociais, políticas e econômicas. Ademais, a teologia da libertação se coloca de modo positivo à inculturação da fé e ao ecumenismo. Por esses motivos, muitos teólogos conservadores se opõem a ela, sob acusações de ser o materialismo marxista maquiado de cristianismo e de relativizar a fé cristã. Em contraposição a essas acusações, seus defensores a descrevem como uma nova interpretação antropológica e de análise da fé cristã, dando a ela um caráter mais humanitário, isto é, sendo fiel à clemência dos ensinamentos de Cristo.

⁴² Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/rcc/20050325181738/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

Tendo em vista isso, já é mais que suficiente para inferir que um grupo conservador como a Associação Cultural Montfort se colocaria de forma agressiva contra a Teologia da Libertação e seus adeptos.

Entre mais uma das tantas cartas publicadas no site, encontramos um leitor indignado com um canto do folheto da missa dominical da Campanha da Fraternidade de 2008. O leitor afirma que nesse canto está mais do que explícita uma mensagem subliminar (sic) de apologia à revolução cultural comunista dentro da igreja católica. Na resposta, como não poderia ser diferente do que já vimos, Orlando Fedeli responde:

Esse canto, inserido num folheto de Missa, é claramente originado pela seita herética marxistóide conhecida como Teologia da Libertação, fundamentada nas heresias do ex frei Boff, e patrocinada pelo Sinédrio marxista encastelado na CNBB. Esses cânticos utopistas envenenam o povo e insuflam a luta de classes e a rebelião armada.

Ainda recentemente Dom Saracho, Bispo de Presidente Prudente, declarou-se favorável à invasão de propriedades particulares no Pontal do Paranapanema. Pior ainda: esse Bispo declarou que era preciso "manter o clima de insegurança". Declarou que sabia que fazer isso era ir contra a lei, mas que era preciso para forçar o governo a fazer reforma agrária. Esse Bispo é então um agitador comunista confesso.

Como um Bispo pode fazer declarações desse jaez afrontando a lei de Deus e a lei dos homens e nada acontece? Claro que um Bispo que faz declarações revolucionárias e confessadamente criminosas como essas, torna compreensível como é grande a penetração da heresia no alto clero hoje. É de surpreender então que os Bispos estejam resistindo ao *Motu Proprio* de Bento XVI liberando a Missa de sempre? Enquanto isso, há Bispos que tentam proibir que eu faça palestras em locais públicos e civis... Que honra para Montfort (FEDELI, 2008)⁴³.

⁴³ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20080213030704/>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

Nesse fragmento acima em que o Fedeli responde seu leitor, é possível ver inúmeros ataques a diferentes instituições e pessoas. Isso sem contar jargões pejorativos e recorrentes na linguagem dos conservadores, tais como: *herético*, *marxistóide* (sic), *agitador comunista*, *revolucionárias*, *criminosas*, sem contar, evidentemente, o típico comportamento ressentido.

A Teologia da Libertação é completamente herética. Frei Boff defende que a Virgem Maria é a hipóstase do Espírito Santo, isto é, que Ela seria a encarnação do Espírito Santo. Um delírio de heresia.

A Teologia da Libertação é marxista, comunista, socialista, defende a luta de classes e que Deus é imanente no mundo. Frei Boff declarou que recusa um deus superior ao universo. Em sua palestra Pelos Pobres Contra a Pobreza, em Teófilo Ottoni, ele declarou que é ateu desse Deus lá em cima, esse velho barbudo que quer se impor aos homens dando dez mandamentos.

Além do erro de aceitar Marx, Boff e a Teologia da Libertação aceitam todas as doutrinas modernistas. Boff segue Bultman.

Não há heresia moderna que a TL não aceite e ela trabalha ativamente para o PT e o Partido Comunista visando a expansão e a instalação do comunismo. Em palestra, Boff declarou que os teólogos da libertação não deveriam sair da Igreja para melhor destruí-la. Isso nos foi contado por uma autoridade católica, que era jovem leigo e assistiu Boff dizer isso há muitos anos atrás. E foram essas palavras cínicas que fizeram esse rapaz se converter e se tornar sacerdote católico. Hoje é uma pessoa de alta autoridade na Igreja.

Logo que puder atacarei, em um trabalho, as heresias da Teologia da Libertação (FEDELI, 2007)⁴⁴.

Tal qual Orlando Fedeli afirma na resposta acima, há incontáveis trabalhos e ataques no mesmo teor no site da Associação Cultural Montfort contra a teologia da libertação, à CNBB, às comunidades eclesiais de base e a tudo que por eles é julgado

⁴⁴ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20070515084202/>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

como braços da teologia da libertação e de uma maquinação comunista. Nota-se, ainda, que há uma fala conspiracionista, como se houvesse um plano secreto de destruir a igreja e implementar um partido comunista. Isso fica ainda mais evidente nessa resposta de Orlando Fedeli a outro leitor que escreve indagando à Montfort por serem favoráveis a armar a população:

Que confusão a sua! Você está identificando a CNBB com a Igreja. A CNBB não é a Igreja. Esse é um erro clamoroso.

A Igreja condena o socialismo, e afirma que ninguém pode ser católico e socialista ao mesmo tempo.

O PT é oficialmente socialista e concretamente comunista.

E a CNBB criou o mito Lula, e sempre apoiou Lula e o PT. (FEDELI, 2005)⁴⁵.

E segue em seus devaneios conspiracionistas:

O PT é oficialmente favorável ao aborto.

A Igreja excomunga quem defende o aborto,

A CNBB apóia Lula apesar de ele favorecer o aborto e ter aprovado o uso de embriões (seres humanos) para experiências.

A Igreja condena a greve de fome como suicídio, ou como tentativa de suicídio.

Um Bispo da CNBB está fazendo greve de fome. Quando se ouviu coisa igual?

A CNBB apoiou o Bispo que escandalosamente está fazendo greve de fome... (FEDELI, 2005)⁴⁶.

E a resposta segue em tom de acusação e de usurpação de argumentos, tão evidentes que seria desnecessário explicar cada uma. A CNBB, por exemplo, não se posiciona contra a

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20051001145753/>>. Acesso em: 31 de Agosto de 2022.

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20051001145753/>>. Acesso em: 31 de Agosto de 2022.

propriedade privada, mas reprovava a má distribuição de terras em que poucos se apropriaram de muito e muitos não tem o pouco para plantar e morar.

A Igreja reconhece o direito de propriedade como um direito natural, e diz que é pecado mortal pegar o que é de outros, e mesmo cobiçar o que é dos outros.

A CNBB ajuda e incentiva o MST a invadir propriedades alheias, coisa condenada por dois mandamentos da lei de Deus⁴⁷.

Na mesma resposta, Orlando Fedeli parece ignorar os dados de segurança pública ao qual a CNBB faz menção e novamente faz mal uso das premissas do direito natural à defesa da vida:

A Igreja reconhece o direito natural de legítima defesa.

Agora o PT – como fizeram sempre os partidos comunistas para tomar o poder – promove o desarmamento da população, enquanto procura tomar o Estado com mensalões e mentiras, elegendo um pizzaiolo-mór comunista para Presidente da Câmara de Deputados.

A CNBB apoia o desarmamento do povo. Mas ela provavelmente se calará quando as armas dos comunistas fuzilarem os católicos (FEDELI, 2005)⁴⁸.

Dentro do escopo da Teologia da Libertação, como já citamos ao mencionar a sua origem, estão as comunidades eclesiais de base. Um leitor escreve ao site para saber se existe relação entre a teologia da libertação e essas comunidades e, mais uma vez, a resposta é bem taxativa, defendendo, inclusive o militarismo, como podemos conferir nessa resposta dada por um outro membro da Associação Cultural Montfort:

Como deve ser de seu conhecimento as CEB's (Comunidades Eclesiais de Base) foram idealizadas e desenvolvidas pelos

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20051001145753/>>. Acesso em: 31 de Agosto de 2022.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20051001145753/>>. Acesso em: 31 de Agosto de 2022.

padres ligados a Teologia da Libertação, como meio de conscientização das massas.

Tal conscientização, na realidade, visava conduzir as pessoas ao Marxismo. Foi através das CEB's que estes mesmos padres promoveram a agitação social, que visava ataques aos governos militares, agitações no campo com o MST e nas cidades com diversos movimentos, entre eles os sem-tetos.

Foi ainda através das CEB's que o PT foi fundado, e tem neste movimento sua grande força.

Mesmo em nossos dias as CEB's continuam ligadas a doutrinação marxista. Aqueles que não aderem a esta doutrinação acabam por aderir a Renovação Carismática (GARDEN, 2004)⁴⁹.

C – Ataques a outras religiões

Além das críticas ácidas aos movimentos católicos que diferem do que a Associação Cultural Montfort entende por catolicismo, também estão aquelas dirigidas a outras religiões, seguindo o mesmo teor. Veremos agora algumas das respostas dadas por Orlando Fedeli às cartas e o modo com que a Montfort se posiciona a outras religiões.

- Protestantismo e pentecostalismo

A Montfort possui um número expressivo de correspondências advindas de pessoas protestantes e pentecostais, sejam elas para se colocarem à disposição do diálogo, para confrontarem o site e o catolicismo ou, mesmo, para compartilharem a experiência de conversão ao catolicismo.

Nas respostas a essas cartas, tanto do fundador, quanto de seus alunos, há um misto de ataques hostis com falas veladas de uma suposta preocupação e caridade, visto que eles são, segundo a autodefinição, um grupo apologético preocupado com a salvação das almas e de conversão ao catolicismo. Grande parte dos ataques ao protestantismo pela Montfort, advém das respostas acerca da renovação carismática católica e dos

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/politica/20040723163053/>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

questionamentos que católicas fazem sobre ela. Numa dessas cartas, um leitor afirma que os católicos poderiam aprender coisas boas com os protestantes, como por exemplo, o acolhimento. Esse mesmo acolhimento que, segundo o leitor, acontece na renovação carismática católica. Assim responde Orlando Fedeli:

Você me pergunta: “Se aprendemos coisas santas de nossos irmãos protestantes porque não podemos utilizá-los??”

Meu caro(...), do protestantismo nada podemos aprender de bom.

Nosso Senhor nos disse que a árvore má não pode dar bom fruto.

Como é que você, nessa árvore má, encontrou frutos bons?

Teria Nosso Senhor errado, ou será que você é que se engana catando frutos maus, na árvore maldita da heresia, pensando que são frutos bons?

Claro que você é quem está errado.

Eu o aconselho, portanto, que você mude de pomar e que colete frutos em outra árvore que não a da heresia protestante (FEDELI, 2004)⁵⁰.

E as respostas com esses conteúdos não se dirigem apenas aos protestantes e aos pentecostais, mas também aos católicos que dizem combater o protestantismo, mas seguem algum movimento não aprovado pela Montfort.

Numa dessas cartas, um leitor afirma ser católico, pertencente à Renovação Carismática Católica, combater o protestantismo e, segundo ele, pescar almas de pessoas dessa religião e trazê-las para a Igreja através do diálogo. Em resposta a essa correspondência de 2017, um dos integrantes, André Roncolato Siano, da Montfort responde:

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20040708144443/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2022.

Depois que o Concílio Vaticano II estabeleceu o tal “diálogo” como principal regra de conduta dos católicos, a confusão triunfou.

Foi em nome desse “diálogo” que faz muitos bispos comemorarem a Revolta dos Hereges protestantes, dos quais Lutero, o heresiarca, era brutalmente contra o Papado e contra os bispos.

Foi em nome do “diálogo” que hoje muitos padres rezam missas macumbíferas (sic), conhecidas como “missas afro”.

É em nome desse famigerado “diálogo” que bispos vão em reuniões em lojas maçônicas e a elas se associam.

É em nome do “diálogo” que surgiram os padres guerrilheiros dentre os quais se destacam os jesuítas latino americanos.

É em nome do maléfico “diálogo” que os pseudo-artistas da RCC se confraternizam alegremente em shows com pentecostais que ofendem Cristo nas sagradas espécies.

É em nome do viperino “diálogo” que é possível levar a imagem de Nossa Senhora Aparecida num imoral desfile de carnaval ou para coloca-La sob os pés de Buda num templo pagão.

Em nome desse contraditório “diálogo” que fundadores de movimentos modernos exigem de seus adeptos a submissão absoluta e silenciosa.

É em nome do nefasto “diálogo”, que foi tirada a fibra dos católicos, transformando-os apenas em aduladores de padres Fábios, Marcelos, Joãozinhos, Zezinhos, Reginaldos, Júlios e tantos outros que só fazem destruir o que resta de catolicismo.

É também em nome deste maldito “diálogo” que os bispos calam e perseguem os padres que querem praticar a doutrina tradicional da Igreja.

É, sobre tudo, em nome desse diabólico “diálogo”, que tudo pode se tolerar menos a Verdade e a Sã Doutrina. (SIANO, 2017)⁵¹.

E complementa tacitamente:

Acho que você percebe, que a Montfort não é nada dialogante. Se me permite o trocadilho modernoso: nosso “carisma” é o combate e nossa “pastoral” é a polêmica. (SIANO, 2017)⁵².

- Espiritismo Kardecista

O espiritismo kardecista no Brasil é uma religião que foi, ao longo das últimas décadas, tomando um significativo espaço, sobretudo, por causa do médium Francisco Cândido Xavier (1910 – 2002). Sendo assim, era de se esperar que as pessoas escrevessem para o site Montfort, sejam elas católicas com dúvidas a respeito do espiritismo ou, mesmo, pessoas espíritas para contestarem. Dado isso, um dos envios de cartas para o site, constam dúvidas de um jovem católico que solicita a Orlando Fedeli que lhe esclarecesse algumas dúvidas sobre o kardecismo, sua doutrina, a visão espírita sobre Jesus Cristo, o evangelho espírita e o que o diferencia da umbanda e do candomblé. Assim responde Orlando Fedeli, a começar pelo evangelho segundo o espiritismo:

No mundo Ocidental católico os espíritas tinham que se apresentar como uma expressão do cristianismo para poder adquirir mais facilmente novos adeptos. Daí a pretensão de conciliar as doutrinas gnósticas do espiritismo com o catolicismo e o cristianismo, elaborando evangelhos segundo o espiritismo, que nada mais são do que uma deturpação grosseira dos textos e do sentido do Evangelho. (FEDELI, 2000)⁵³.

Segue em sua explicação, dizendo sobre a comunicação com os mortos:

Os médiuns que pretendem ter comunicação com os espíritos dos mortos, na verdade – quando não agem fraudulentamente – têm

⁵¹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/rcc/20171104233058/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2022.

⁵² Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/rcc/20171104233058/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2022.

⁵³ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20040720214221/>>. Acesso em: 06 de setembro de 2022.

comunicação com os espíritos demoníacos. Essa é a razão porque as Sagradas Escrituras condenam toda espécie de necromancia (consulta aos mortos para conhecer o futuro). (FEDELI, 2000)⁵⁴.

Sobre a diferenciação entre o kardecismo e as religiões de matrizes africanas, como a umbanda e o candomblé, Fedeli responde de forma notavelmente preconceituosa, principalmente acerca dessas duas últimas confissões de fé:

Os espíritas procuram distinguir a sua seita dos que praticam a macumba (sic), candomblé etc, porque sabem que esses cultos assustam as pessoas, e não porque haja uma diferença substancial entre eles, embora existam diferenças causadas por motivos culturais e de pormenor religioso. (FEDELI, 2000)⁵⁵.

E ao indicar uma leitura para o leitor de seu site, enfatiza que o livro é bom, mas não o suficiente por não esclarecer melhor a suposta ação demoníaca nas sessões de espiritismo:

Você poderá encontrar mais informações no livro de Frei Boaventura Kloppenburg – “Espiritismo para católicos”.

Essa obra, embora tenha algo de racionalista e restrinja muito o papel do demônio nas sessões espíritas, tem muitas citações interessantes de Allan Kardec, mostrando as contradições da doutrina espírita. (FEDELI, 2000)⁵⁶.

- Religiões de Matrizes Africanas

As religiões de matrizes africanas como a umbanda, o candomblé e a quimbanda, por exemplo, sofrem ataques desrespeitosos e posturas preconceituosas e de intolerância de forma indiscriminada por diversos setores religiosos e sociais, muitas das vezes, inclusive, com teor racista. Esse tipo de comportamento não é exclusivo, portanto, em grupos mais conservadores ou integristas, mas como não poderia ser diferente, novamente, iremos encontrar esses tipos de investidas no site Montfort.

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20040720214221/>>. Acesso em: 06 de setembro de 2022.

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20040720214221/>>. Acesso em: 06 de setembro de 2022.

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20040720214221/>>. Acesso em: 06 de setembro de 2022.

Numa carta em tom de denúncia, um leitor descreve que houve a celebração de uma missa em que o padre convidou integrantes de um terreiro de umbanda para participarem do rito com o intuito de exercer o ecumenismo. Essa foi a resposta de Orlando Fedeli:

O que você nos conta é uma coisa escandalosa e sacrílega.

O que esse Padre fez, em nome do ecumenismo, foi um gravíssimo sacrilégio e um escândalo.

Aconselho que você escreva ao Bispo local, protestando contra essa cerimônia inacreditável.

Esse é o resultado do ecumenismo vigente: vale tudo em matéria religiosa. É o maior indiferentismo religioso o que se está praticando. E o indiferentismo religioso foi mil vezes condenado pela Igreja.

Curioso que esse clero que tolera até a macumba (sic), e que dá a comunhão a adeptos de um culto condenado pela Igreja, manifeste tanta raiva dos que permanecem fiéis à Igreja e à Missa de sempre.

Para os católicos fiéis, não há ecumenismo, nem tolerância.

São contradições desse clero modernista. (FEDELI, 2003)⁵⁷.

Certa vez um leitor se dirigiu ao site, pedindo orientação a Orlando Fedeli quanto à prática da capoeira, se é lícito a um católico praticá-la, visto que tem suas origens nas culturas afro-brasileiras. Segundo o leitor, um amigo recomendou que não deveria praticar essa arte marcial, pois seria incompatível com a fé católica. Orlando Fedeli, pois, responde:

A capoeira é uma forma de luta muitíssimo influenciada pelo candomblé, e, por isso, não recomendo que você, e ninguém, a pratique. Os gestos e movimentos dessa dança e luta são quase que sinais mágicos que não convém praticar. Quem pratica

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20040825091308/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2022.

capoeira fica predisposto a ir à macumba, tanto essas coisas estão interligadas.

Seria conveniente, já que é bom praticar um esporte, que você praticasse outro esporte. Se for um modo de luta oriental, é preciso guardar-se para não admitir a filosofia budista existente por trás delas, e nem praticar gestos rituais que nelas se fazem. (FEDELI, 2003)⁵⁸.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/outros/20040812232656/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2022.

CAPÍTULO III – CAPÍTULO III – “IN CORDE IESU SEMPER”: AS AMOROSAS MISSIVAS DO ÓDIO – ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO PROFESSOR ORLANDO FEDELI ÀS CARTAS ENVIADAS POR SEUS LEITORES.

Nesse terceiro capítulo analisaremos as respostas às cartas enviadas ao site da Associação Cultural Montfort, sobretudo aquelas respondidas pelo professor Orlando Fedeli, as quais as despedidas ao final de suas repostas são acompanhadas da seguinte sentença: *In corde Iesu Semper*. Contraditoriamente ao sentido caridoso com que Orlando Fedeli se despede de seus leitores, são recorrentes os textos que expressam opiniões ácidas e ofensivas a outras igrejas e religiões, as vias políticas às quais a Montfort é contrária, bem como políticas favoráveis à diversidade de gênero, cotas públicas, movimentos sociais de grupos em vulnerabilidade, assim como outros grupos católicos que destoam da sua visão de catolicismo.

Com isso, associada à análise dos textos e cartas encontrados no site Montfort, teremos como base teórica três obras para seguirmos nosso labor. Essas obras são *Guerra cultural e retórica do ódio – Crônicas de um Brasil pós-político* de João Cezar de Castro Rocha (2021), *No lugar de Deus – Ensaio (neo)teocráticos* e *A força do passado na fraqueza do presente – O tradicionalismo e suas expressões* de João Décio Passos (2020; 2021). Associadas a elas, continuaremos utilizando o conceito de cristofascismo desenvolvido pelo teólogo Fábio Py, estabelecendo com ele uma comparação entre o que poderemos inferir como discurso de ódio nos escritos montfortinos.

A obra de Rocha (2021) discorre sobre as causas que contribuíram para a eleição do atual presidente Jair Messias Bolsonaro, numa construção paulatina que se sustentou através de uma lógica de informações falsas e de um discurso de ódio, nomeados pelo autor como *retórica do ódio*. Nessa perspectiva, o autor defende que esse discurso tem como intenção o oposto ao diálogo, sendo que não vê o outro como um adversário, mas como um inimigo que deve ser eliminado (tanto no campo simbólico, quanto no âmbito do concreto). Outro conceito que o autor discorre e que nós valeremos ele é o de *guerra cultural*. Segundo esse autor, há uma insistente nomeação de inimigos a qualquer custo, mesmo que os argumentos se pautem em dados que desprezam a realidade objetiva. Um dos aspectos mais marcantes entre grupos religiosos que se colocam como reacionários -

e com a Montfort não é diferente - é o combate ao imaginário *kit gay* e à *ideologia de gênero* que, embora não haja sustentação argumentativa para afirmar a sua existência, que atualmente ainda estão presentes nas falas de muitos cristãos, sobretudo entre os ultraconservadores. Ademais, essas ideias tiveram protagonismo para eleger candidatos de extrema direita no Brasil e Jair Bolsonaro foi um deles. Da mesma obra ainda, exploraremos os conceitos abordados na obra de Rocha que são: *desqualificação nulificadora*, *hipérbole descaracterizadora*, *analfabetismo ideológico* e *idiotia erudita*, todos eles relacionados ao *modus operandi* da Associação Cultural Montfort que demonstra plausível de se valer do cristofascismo.

A segunda obra, de Passos (2021), discorre sobre o anacronismo que certos grupos religiosos católicos apresentam em sua visão teológica e, conseqüentemente, visão de mundo, manifestando-se em nacionalismos e em sectarismos político e religiosos exagerados, cheios de agressividade e ressentimentos. O autor nos fornece a ideia de uma (neo)teocracia em que se espera por uma autoridade política advindas da vontade de Deus e expressas nas narrativas de seus líderes e planos de governos. A última eleição em que Jair Bolsonaro saiu vencedor deixa claro esse tipo de situação em que inúmeras vezes versículos bíblicos foram utilizados fora de contexto e como frase de efeito para solidificar a sua campanha. Esse recurso continua a ser usado pelo atual presidente e seus seguidores para legitimar seu mandato, decisões e posturas excludentes com aqueles que não se *com-formam* com os ideais do bolsonarismo e que, inúmeras vezes coincidem com o pensar de grupos cristãos tradicionalistas, como os católicos integristas que é o nosso objeto de estudo.

De mesma autoria (Passos, 2020), discorrendo mais objetivamente sobre o tradicionalismo, podemos ver que há uma certa nostalgia idealizada em que o olhar para o passado suprime a realidade presente em nome de um, segundo o próprio autor, antídoto contra os males da modernidade. Um exemplo, temos os católicos integristas, como é o caso da Associação Cultural Montfort. A associação se encaixa, como demonstraremos adiante, numa ótica sobre a realidade em que a resposta para aquilo que seus membros julgam serem os males da modernidade está na retomada e manutenção dos valores e modos de agir e pensar do passado, mais precisamente do medievo.

Para tanto, tendo como sustentação o que já fora exposto como cristofascismo, comportamentos que denotam ataques públicos às instituições e pessoas divergentes, militância político-religiosa, sentimento de seita (no sentido de dissidências e

“infallibilidade” da palavra do fundador), culto à personalidade e a confiança de uma figura autoritária e, ao mesmo tempo, carismática. Seguimos, pois, em nosso trabalho.

3.1 – Guerra Cultural e os paladinos da “Nova Cruzada”.

Guerra cultural é um conceito que se tornou mais que recorrente nos meios católicos integristas, mas que não se encontra com exclusividade entre eles. A guerra cultural foi adotada como um jargão quase que necessário entre os grupos de direita, religiosos ou não. Mas foi entre os cristãos que tomou notável força, pois é considerada um subterfúgio para destruir os valores do cristianismo e daquilo que por seus seguidores é considerado como “alta cultura” (em geral, conteúdos culturais advindos da Europa antes do Modernismo).

No livro *Guerra cultural e retórica do ódio – Crônica de um Brasil pós-político*, Rocha (2021) demonstra o caminho percorrido ao longo da redemocratização e que culminou na eleição de Jair Bolsonaro. Nesse interim, o que nos é importante é a participação integrista nesse processo, mais precisamente, o quanto a Montfort utilizou e se utiliza desse conceito, beneficiando assim, para a disseminação de posturas intolerantes que, por fim, contribuíram para o advento desse governo. O autor desenvolve os seus escritos tomando como referência a técnica discursiva chamada por ele como *retórica do ódio* de Olavo de Carvalho para elucidar o caos social e o analfabetismo ideológico como desprezo da realidade objetiva. Embora não tenhamos a pretensão de discutir o olavismo, esses conceitos abordados por Rocha extrapolam a esfera das falas e comportamentos de Olavo de Carvalho e seus seguidores, se repetindo em grupos reacionários, ainda que se mostrem anti-olavistas, sendo a Montfort um deles.

Para Rocha, a guerra cultural consiste na divisão maniqueísta entre “nós” e “eles”, isto é, uma oposição em quem detém a verdade e quem detém a falsidade, uma luta pelo bem contra o mal. Numa relação direta, a Montfort, mais do que defender que a igreja católica é a única religião verdadeira, se auto intitula detentora dessa única verdade (ainda que sob uma aparente humildade afirme o contrário – que só reproduz o que a Igreja verdadeiramente ensina), colocando-se como defensora do que a igreja deveria, aos olhos de seus membros, realmente ser:

É natural que a mentira odeie a verdade. Se até Nosso Senhor Jesus Cristo foi odiado e morto por dizer a Verdade, por que nós, do site Montfort, que repetimos a verdade que Ele nos ensinou, não seríamos odiados como Jesus Cristo?

Aliás, Ele mesmo preveniu que aqueles que o seguissem seriam odiados por causa de seu nome. (FEDELI, 2004)⁵⁹.

Isso significa que quem não é reconhecido de modo análogo ao reflexo de um espelho é mais do que um adversário, é um inimigo. E como tal, deve ser eliminado. Essa eliminação de identidades, seja de modo sutil ou de modo explícito e contundente é uma das formas em que a Associação Cultural Montfort se coloca diante daqueles que são vistos como adversários. Ou melhor, inimigos. No site da Montfort, na seção *Cadernos – Apresentação*, podemos claramente ler:

O estudo é para a vida intelectual, o que a oração é para a vida espiritual. Sem o estudo ou o aprendizado, porém, a vida espiritual torna-se superficial e meramente sentimental, e a fé pode facilmente ser destruída por argumentos falaciosos dos **inimigos da Igreja**. É o estudo da doutrina que fundamenta a fé, pois, diz a Escritura 'Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus'.

Apresentamos nesta seção apostilas com estudos mais aprofundados sobre diversos temas relacionados ao catolicismo, ensinando a **verdade católica** e **combatendo os erros**. Aqui o leitor poderá entender, se defender e sobretudo **atacar a doutrina dos inimigos da Igreja**. **Arme-se** de argumentos contra os protestantes, contras (sic) os materialistas e contras os maus pastores. (Grifos nossos)⁶⁰.

As palavras colocadas em destaque acima revelam bem o teor bélico da Associação Cultural Montfort: *inimigos*, *a guerra entre a verdade católica e os inimigos da igreja*, *combate aos erros*, *atacar doutrina dos inimigos da igreja* e, por fim, e não menos notável, *arme-se*.

⁵⁹ Disponível em: [h<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apoio/20040728125650/>](https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apoio/20040728125650/). Acesso em: 27 de setembro de 2022.

⁶⁰ Disponível em: [<https://www.montfort.org.br/bra/cadernos/>](https://www.montfort.org.br/bra/cadernos/). Acesso em: 27 de setembro de 2022.

Num pequeno trecho de poucas palavras já é possível perceber o que se anuncia. Nesses cadernos há uma compilação apologética, conforme o leitor pode conferir no site Montfort, de ataques e mais ataques (como acabamos de ver em tom quase imperativo) a todos aqueles que pensam de forma diferente do universo de Fedeli e seus seguidores.

E antes de continuarmos a dar as características da guerra cultural, vamos acompanhar mais alguns dos escritos de Orlando Fedeli que culminam no tom bélico da guerra em defesa da verdade contra os inimigos da igreja. Esses últimos conceitos aparecerão de forma quase maçante. Mas sejamos fiéis aos textos, visto que essa repetição também é parte desse recurso retórico.

Há um artigo escrito para a revista *Veritas* em 1985 por Orlando Fedeli, cujo título é *Rumo a Lepanto*. O artigo faz questão de salientar que, conforme o leitor pode encontrar em sua nota de rodapé, foi escrito em 1985 e, que segundo o autor, foi antes da queda do comunismo. Essa informação é relevante, à medida que muitos dos ataques dos grupos integristas estão vinculados ao que eles acreditam ser comunismo.

O título do artigo faz clara alusão à Batalha de Lepanto do século XVI em que a esquadra católica conhecida como *Liga Santa* entrou em combate contra o exército dos otomanos na disputa da região do Mar Mediterrâneo. A Liga Santa - formada por impérios católicos e Estados pontifícios - acaba vencendo a esquadra otomana, colocando, assim, um fim à expansão muçulmana. Estamos falando de guerra. E o artigo de Fedeli também. Se houve uma guerra em nome de Deus há cinco séculos, para Fedeli ela continua, ainda que de outra forma. Por isso, em tom heroico ele escreve sobre a missão da Montfort em guerrear. E esse guerrear deve ser sob as palavras do “general” Fedeli.

O escrito de Fedeli começa com um verso do poeta espanhol José María Pemán (1987-1981) que evoca em tom de heroísmo à batalha de Lepanto. Não é de se estranhar a escolha de Fedeli, já que Pemán era um apoiador confesso do ditador espanhol Francisco Franco e do Movimento Falangista, cuja inspiração era o fascismo.

Logo no primeiro parágrafo do texto, é possível ver um padrão constante entre os escritos de Fedeli que é o de se colocar (não somente ele, mas também a Associação Cultural Montfort) de maneira humilde, mas ao mesmo tempo em posto de guerra, ou seja, nas palavras de Fedeli, a Montfort não é um transatlântico, mas uma humilde galera (embarcação) no caótico oceano da crise moderna em que está o catolicismo. E brada:

Somos pequenos. Somos fracos. Somos poucos. Mas a verdade católica é nosso tesouro. Lutar pela verdade – *Veritas* – é nosso ideal. Lutar por Aquele que disse: "*Ego sum Veritas*", Cristo, Nosso Senhor. (FEDELI, 1985)⁶¹.

E segue em suas analogias que oscilam entre a pequenez da embarcação e a ostentação de suas virtudes ornadas a ouro. O que até não seria um problema se esse recurso fosse usado para enaltecer aquilo em que se crê e se ama (como é comum nas religiões e suas divindades), mas como meio de se colocar como únicos detentores da verdade e de deslegitimar os diferentes. Mais do que isso, essa missão e visão de mundo é sustentada e iluminada pelo próprio Deus, conferindo a essa frágil, mas pomposa embarcação tudo o que ela precisa para atacar os seus inimigos:

É o sol da verdade católica que doura nossa frágil galera. Ela só é de ouro porque carrega em suas arcas, no fundo de sua alma, o tesouro das verdades do credo católico apostólico romano. É o espírito de fé que palpita em sua branca vela marcada com a cruz de sangue. É o vento da Cruzada que a impele. E singramos para Lepanto. (FEDELI, 1985)⁶²

Ora, quem se oporá à galera montfortina se é ela portadora da verdade, construída com ouro e portadora dos tesouros de Deus? Quem se levantará contra a cruz de sangue que pode fazer alusão ao sacrifício salvífico de Cristo ou, ainda, o sangue dos mártires? Somente um herege, um inimigo, alguém suficientemente malino para se entrepor aos arautos de suas verdades únicas. E é assim que se constrói o pensamento bélico dos integristas e, tal qual, da Montfort. Portanto, se colocam como verdadeiros cruzados e vivem (ainda que em sua realidade construída) uma Cruzada Moderna, não somente contra seus opositores, mas contra inimigos. E, como inimigos, devem ser atacados com todas as forças.

Combateremos com todas as nossas forças o progressismo e o modernismo, que assolam o campo católico, o comunismo e o socialismo, e todas as doutrinas igualitárias e totalitárias que destroem a civilização cristã.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/historia/editorial/index.php>>. Acesso em: 06 de outubro de 2022.

⁶² Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/historia/editorial/index.php>>. Acesso em: 06 de outubro de 2022.

Queremos lutar ainda que tenhamos apenas a lança de um argumento. Ainda que sejamos poucos. Ainda que estejamos sós. Jamais cederemos à revolução panteísta e totalitária, à revolução gnóstica e igualitária.

Somos católicos. Lutaremos por Deus. Sorriem de nossa pretensão. Com razão se consideram nossas forças. Julgam insensata nossa causa? Certamente, se a aquilatam com olhos humanos. Mas é a cruz de sangue em nossas velas, é a cruz do batismo em nossas almas que nos dá razão e força para lutar. (FEDELI, 1985)⁶³.

E o texto vai terminando com a exaltação da Batalha de Covadonga (em que os católicos retomam a Península Ibérica da conquista dos muçulmanos no século VIII), dos colonizadores portugueses e, até mesmo dos não menos violentos bandeirantes que, segundo Fedeli, foram inspirados e movidos pelos ventos da graça divina. O mesmo vento que move a humilde embarcação de ouro da Montfort. E finaliza com a seguinte autoafirmação e o imperativo bélico: *Católicos somos. Lutaremos por Deus.* (FEDELI, 1985)⁶⁴. Como se Deus, dentro da própria perspectiva ontológica cristã, precisasse que alguém lutasse por ele. Embora metafísica e teologia não sejam os objetos do nosso estudo, essa visão de Deus legitima que se lute em seu nome e é a causa das mais diversas crueldades presentes na história. E nos nossos tempos não é diferente.

Nessas poucas, mas contundentes, palavras do professor Orlando Fedeli já é possível reconhecer o teor bélico que se encaixa no conceito de guerra cultural que, segundo Rocha, além desse conteúdo envolve, além do caráter belicoso, uma concatenação de teorias da conspiração, conduzindo a uma desinformação que tem como causa final um caos cognitivo.

Esse caos, embora seja difícil de se sustentar dada as inveracidades de suas premissas, acaba por encontrar espaço em quem está sujeito a se submeter aos discursos e modo de pensar consoantes. Isso ocorre por uma inversão cognitiva em que não se obtém um conhecimento indo de encontro com o objeto, analisando-o e conferindo sua

⁶³ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/historia/editorial/index.php>>. Acesso em: 06 de outubro de 2022.

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/historia/editorial/index.php>>. Acesso em: 06 de outubro de 2022.

veracidade, mas de forma inversa: o sujeito vai de encontro com as fontes e argumentações que confirmam o que ele já pensava sobre determinado assunto e toma como verídico. Com efeito, não há a preocupação ou sequer ocorre a busca pelo que é verdadeiro, mas sim a confirmação daquilo que se quer tomar como verdade. Em poucas palavras, busca-se confirmar os próprios preconceitos em nome de Deus, da igreja, da pátria, família e tudo o que puder ser inserido como valores tradicionais e conservadores.

E assim é com a Associação Cultural Montfort e seus seguidores. Muito do que se escreve em suas fontes (principalmente as que se encontram na internet) deslegitima os argumentos de seus adversários, tomando por suposições que se tornam, aos olhos de quem busca confirmação ou se associa ao seu modo de pensar, automaticamente uma conclusão válida e verdadeira. A confirmação do que acabamos de escrever não é nada difícil e, para tanto, vamos analisar uma carta de 2009 de um leitor direcionada a Orlando Fedeli. Nela, o leitor do site elogia o professor Orlando, mas contesta-o e defende alguns posicionamentos que são para o fundador da Montfort motivo de repulsa e horror. E isso foi presenciado diversas vezes pelo autor deste texto que o leitor segue.

O título dessa carta, dado pelo próprio Orlando Fedeli, já explicita o tom jocoso e agressivo do que há de vir: “Igualdade na ignorância, fruto da Revolução Francesa”. A carta começa com o leitor se dizendo apreciador da disciplina de História, mas afirma reconhecer que o que se aprende na escola são mentiras impostas pelas instituições de ensino. Nisso, já podemos ver que há, como dissemos anteriormente, uma identificação de quem procura a Montfort com suas teorias conspiracionistas. Mas a carta continua e agora começam as críticas aos conteúdos montfortinos. Assim, podemos ler:

Apesar de não concordar com o ponto de vista do senho Fedellis (sic), gosto de ler seus artigos um pouco "inflamados" ao defender a Igreja Católica (é a sua religião!). Mas, neste artigo, para mim ficou a impressão de sectarismo e um certo preconceito social ao defender a aristocracia, que não devia se igualar aos "inferiores"!! (2009)⁶⁵.

⁶⁵ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/historia/20090104204112/>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

A dúvida, em questão, na carta enviada ao site se concentrava na Revolução Francesa que, mesmo com seus excessos, de acordo com o autor da carta, teve suas benesses aos estabelecer uma sociedade livre e, sobretudo laica. Palavras que, como veremos adiante, são dignas de serem exorcizadas pela Montfort. E a carta termina com nosso audacioso autor elogiando os escritos de Orlando Fedeli, mesmo não concordando com ele e dizendo que mesmo sendo criado na igreja católica e forçado a fazer os sacramentos, optou por ser um *livre pensador* (sic).

A resposta de Orlando Fedeli segue o seu padrão, colocando-se de forma modesta e humilde, agradecendo e se dizendo não merecedor de elogios, pois quem merece, segundo Fedeli, elogios, adesão e devoção é a verdade a qual ele defende:

Muito obrigado por suas palavras de elogio pessoal. Mas a verdade que defendo é que merece elogios, adesão e devoção.

Ao receber elogios pessoais, lembro-me de Jesus a quem os judeus saudavam dizendo "Salve Mestre, advinha quem te bateu"⁶⁶.

Em seguida, Fedeli assume a postura aguerrida para responder a quem ousa a lhe desafiar em suas verdades:

Você se diz livre pensador e repete o que a mídia diz da Igualdade, da Liberdade e da Fraternidade.

A Fraternidade foi quem montou a guilhotina.

Liberdade de pensar, hoje, significa repetir como papagaio o que a mídia é paga para repetir até o povinho e os intelectuais decorarem como verdade. A Liberdade de pensar está atrelada à propaganda que impinge essas “ideias” revolucionárias que não passam de slogans.

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/historia/20090104204112/>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

Liberdade da Revolução Francesa, hoje triunfante, é a liberdade de burrico de olaria que vai “sempre para a frente”, trotando continuamente em círculo, fazendo girar o eixo a que está acorrentado.

Hoje, graças ao triunfo da Revolução Francesa, só há liberdade para a mentira e para o crime⁶⁷.

E como arauto da verdade, diminui a importância de inúmeros autores renomados, como é possível verificar em seus escritos, mas indica seus textos como referências confiáveis:

E a Igualdade é um mito. Peço-lhe que leia meu estudo intitulado *Igualdade e Desigualdade: considerações sobre um mito*. Nesse estudo, cito inúmeras provas da desigualdade de direitos. Foi Deus que nos fez semelhantes. Portanto, não iguais⁶⁸.

E as ironias, anedotas e, por que não ofensas, rebuscadas continuam num teor ácido:

Uma vez, num colégio em que dava aulas, uma professorinha muito ignorante, me desafiou, dizendo-me: “Somos iguais”.

Respondi-lhe respeitosamente: “Professora, somos diferentes”.

Ela não me deixou dar argumentos e insistiu teimosa: “Somos iguais”.

Não era um argumento. Era uma teima. Respondi-lhe: “Professora, se fôssemos iguais teríamos a mesma opinião”.

Houve risos, e ela se calou. Mas duvido que tenha entendido. Ficou lá pensando...

Hoje ela deve ser do PT. (FEDELI, 2009)⁶⁹.

⁶⁷ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/historia/20090104204112/>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

⁶⁸ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/historia/20090104204112/>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

⁶⁹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/historia/20090104204112/>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

Nesse fragmento de Fedeli é possível identificar inúmeros elementos que demonstram a desqualificação do outro, ainda que haja uma tentativa inválida de tentar camuflar a abordagem desrespeitosa. Ademais, “e o PT, hein?” Parece que essa interjeição muito utilizada contra pessoas que criticam uma direita (independentemente de se intitulem de esquerda, centro ou direita) que carece de argumentos e a tudo recorre a uma culpa petista, já existia há muitos anos antes de nossa pesquisa. Orlando Fedeli já se utilizava desse recurso em suas elucubrações e conclusões que contrariam boa parte dos historiadores, filósofos, sociólogos e estudiosos afins. Segue, portanto, mais uma demonstração disso:

Meu caro, até a ignorância dos igualitários comunistóides do PT é diferente daquela dos igualitários bolivianos sequazes do Evo Morales.

E você acha, por acaso, que possa existir sabedoria igual à do Lula?

O Chávez não concorda. Para o Chávez, sabedoria igual a dele, Chávez, não existe. E, enquanto o Chávez se auto contempla, o Lula, que não sabe de nada, sacode a cabeça, lamentando a ignorância sem par do Chávez, que não sabe que é de Brasília que se irradia a Luz para o mundo. E logo dá uma sapientíssima entrevista, provando que “nóis” é que somos o maior.

Será que você compreendeu, então, que sempre uma aristocracia domina o mundo. (sic)

Hoje, graças à Revolução Francesa, reina a Igualdade.

Na sabedoria... metalúrgica brasileira. Na sabedoria, mineralógica, boliviana. Na inteligência, militarista, da Venezuela.

Tempos felizes os nossos.

E lá vem o Obama, com Hilary e Clinton a tiracolo, para completar a sabedoria do mundo atual.

Cósmica.

Vivemos uma Revolução cultural! (FEDELI, 2009)⁷⁰.

Novamente o PT! Mas também a resistência em compreender que a igualdade a que se refere o texto em questão está no estabelecimento de um contrato social em que uma sociedade deve ser pautada na igualdade de oportunidades, deveres e direitos. Não há a defesa de um reducionismo que tentaria tolher os indivíduos de suas identidades. Contudo, o professor Fedeli não entende ou não quer admitir isso, visto que ele defende que a sociedade deve manter uma casta aristocrática.

E ainda que o assunto seja Revolução Francesa, há sempre uma maneira de colocar o Partido dos Trabalhadores em pauta, já que a referida revolução, aos olhos de Fedeli, gerou as identidades do PT, da CNBB, das sociedades secretas e até da Marta Suplicy:

Pergunte de onde vem, e onde se esconde o dinheiro do PT...

Mensalão, mensalão! Quantas verdades se escondem em teus andrajos!... Liberdade, Igualdade, Fraternidade é o que defendem as sociedades secretas, a CNBB, e uma descendente da aristocracia lusitana que foi candidata a prefeita, e que teve sobrenome de um plutocrata ex- imigrante italiano. (FEDELI, 2009)⁷¹.

Segundo Rocha (2020 p.32), a guerra cultural é como um universo cinza, monocromático e monocórdico em que a previsibilidade é uma de suas características, de modo que é possível inferir o que será dito antes mesmo de sê-lo. Isso vem sendo demonstrado nas estruturas dos escritos do professor Orlando Fedeli ao longo desse trabalho. A repetição é um recurso retórico para dar ênfase àquilo em que se quer fazer acreditar. Se por um lado é usada pelos gurus de seus respectivos movimentos, ainda que com uma linguagem mais requintada, por outro ecoa nas bocas e escritos de seus seguidores como reproduções acrílicas e cheias de certezas. Termos clichês e frases de impacto anticomunistas, ideologia de gênero, os inimigos de Deus e da igreja, a esquerda, os hereges, seguidos de entonações de humildade e de estar a serviço de uma missão dada

⁷⁰ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/historia/20090104204112/>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

⁷¹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/historia/20090104204112/>>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

por Deus, tornando por fim, uma bravata heroica. “Rumo a Lepanto!”, bradara Orlando Fedeli e, nos valendo da repetição, reescrevemos parte de seu brado: “Combateremos com todas as nossas forças o progressismo e o modernismo, que assolam o campo católico, o comunismo e o socialismo, e todas as doutrinas igualitárias e totalitárias que destroem a civilização cristã.”

A guerra cultural, segundo Rocha, é o eixo de visão de mundo e o motor da militância dos grupos que se posicionam de forma maniqueístas: nós e eles. E, novamente, enquanto eles, não entendemos como adversários, mas como inimigos que devem ser combatidos e eliminados. E para isso, a linguagem é um instrumental eficaz. Como podemos ver na resposta ao leitor defensor da Revolução Francesa, da liberdade e laicidade do Estado, há uma desqualificação do interlocutor, por meio da fala de Fedeli que, ainda que tente passar uma certa tonicidade de elegância, acaba se deixando vencer pelas paixões ou, seguramente, pelo que podemos classificar como um velado discurso de ódio a exemplo da frase: “(...)num colégio em que dava aulas, uma professorinha muito ignorante, me desafiou (...)”, ou então: “(...) até a ignorância dos igualitários comunistóides do PT (...)”.

E se estamos falando de linguagem como ferramenta para montar a estratégia montfortina, comum a grupos integristas e aos gurus da extrema direita, temos que abordar o que Rocha chama de “idiotia erudita” e “retórica do ódio”. A idiotia erudita é o conceito abordado por Rocha (2020 p.48), o qual é acompanhado de uma retórica própria que, segundo o autor, se manifesta como uma adequação do discurso a um público determinado com o intuito de atingir uma intenção que, no caso da idiotia erudita e da retórica do ódio, se manifestam no desenvolvimento de uma técnica linguística que propicia a desqualificação desumanizadora do outro, direcionada a um contingente específico de pessoas que são convencidas que estão sob ameaças de inimigos constantes.

Ora, dado o teor das falas, ofensas e desqualificação do interlocutor é fácil entender porque se chama retórica do ódio. Mas por que idiotia erudita? Qual a explicação dessa expressão aparentemente paradoxal?

Dadas as teorias conspiratórias em que a Montfort recorrentemente alerta, defendendo a Igreja de Cristo e atacando seus inimigos, como eles insistem em se posicionar, é importante compreender a lógica por dentro dessas conjecturas (ou a falta dela). Embora a Montfort e seus seguidores façam questão de exaltar a erudição e a lógica,

para sustentarem sua visão de mundo, é comum subverter à própria lógica, isto é, começam a sua argumentação quase sempre partindo da conclusão. Com efeito, é a conclusão que determina as premissas e não o contrário.

Vamos tomar como exemplo a tão referida ameaça comunista e seu projeto para destruir o ocidente. Na maioria dos escritos de Orlando Fedeli, ele já parte disso como uma verdade consolidada. Essa que deveria ser a conclusão (mesmo nunca acontecendo, tal qual o apocalipse esperado por muitos grupos cristãos que devem ser sempre adiados por seus cálculos não condizerem com a realidade), carece de premissas. Então, logo que ele afirma algo de modo conclusivo sobre o comunismo, seguem os seus malabarismos para sustentar com o que ele *acha* que pode confirmar a sua súbita conclusão.

Repetimos a pergunta: por que idiotia erudita?

Porque é um recurso linguístico que usa de citações de autores importantes, dados históricos, linguagem muita das vezes polida, mas que acompanham distorções dessas citações, desses dados históricos em benefício do conteúdo que o emissor da mensagem deseja que o outro tome por verdadeiro. Essas informações são colocadas em excesso de modo mesclado e rapidamente difundidas como verdadeiras.

Para que isso fique mais claro, vamos tomar alguns exemplos de como a Montfort se utiliza tanto da retórica do ódio, quanto da idiotia erudita para sustentar o seu próprio mundo.

Há um artigo no site que não foi escrito por Orlando Fedeli, mas por um dos membros da Montfort chamado Eder Silva. O referido artigo é intitulado de *A recomendação ecumênica de Padre Marcelo Rossi*⁷².

Nele, Silva faz críticas às posturas ecumênicas e à forma com que o sacerdote da Renovação Carismática Católica exerce o diálogo inter-religioso. Silva começa o seu texto, logo na primeira linha, chamando as declarações do Padre Marcelo Rossi de vazias e anticatólicas, além de acusar a ele de *showman* e, de modo pejorativo, dizer que o movimento católico carismático é protestante. E como se não bastasse, continua nas duas

⁷² Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

linhas seguintes, comparando a renovação carismática de ser uma árvore, cuja seiva herética proveniente do protestantismo afasta cada vez mais da ortodoxia.

E assim inicia o segundo parágrafo, anunciando o teor das críticas e sustentando aquilo que enunciáramos como idiotia erudita e a retórica do ódio:

Não iremos, e tampouco queremos, destacar todos os erros desse sacerdote especializado em profanar o calvário de Cristo, transformando-o numa sacrílega “baderna carismática”, acompanhada de danças, histerias e corinhos sensuais. Para este artigo, analisaremos apenas algumas linhas de uma recente e ecumênica orientação desse padre que, além de constituir péssimo exemplo para os católicos, afastou-se completamente da doutrina católica sobre a Caridade. (SILVA)⁷³.

O nosso trabalho nem intenciona verificar se a postura do Padre Marcelo Rossi que está sendo criticada está de acordo ou não com as normativas católicas. Portanto, reiteramos, nosso objetivo é analisar os conteúdos da Montfort, seu fundador e seus membros.

Padre Marcelo, ao ser citado no artigo que estamos analisando, fez uma afirmação que vai diametralmente contrária ao imperativo encontrado na apresentação da sessão *cadernos* do site, como já elucidamos anteriormente: “Aqui o leitor poderá entender, se defender e sobretudo atacar a doutrina dos inimigos da Igreja. Arme-se de argumentos contra os protestantes, contras (sic) os materialistas e contras os maus pastores”. Foram estas as palavras do padre expostas no próprio artigo de Silva:

“Sei que os católicos realmente estão diminuindo a cada ano. Mas não devemos atacar os evangélicos. Eu, inclusive, gosto e tenho vários amigos dessa religião, além de gravar muitas músicas evangélicas” (Padre Marcelo Rossi. Mídia Max, 23/07/2012)⁷⁴.

⁷³ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

⁷⁴ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

A afirmação do sacerdote é de que não há justificativas para atacar pessoas de outra religião, no caso, evangélicos e que ele mantém um relacionamento saudável com essas pessoas, inclusive gravando muitas de suas músicas. Mas de acordo com o que defende a Montfort, como não é para atacar alguém considerado herege? Ter amizade? Ou pior, gravar músicas? E o espírito bélico e de caráter ofensivo para preservar aquilo que se acredita como as verdades de Deus e de sua igreja que precisam ser defendidas de seus inimigos? Como não odiar aquilo que se tem por inimigo e como erro? Essas perguntas são mais do que motivos para que haja uma reação dos católicos integristas da Montfort.

Silva acusa Padre Marcelo de fazer declarações gnósticas, afirmando que o sacerdote defende que há uma partícula divina dentro de cada um. E a partir dessa acusação, conclui que essa é a causa de seu ecumenismo. E segue em sua retórica belicosa:

A aceitação dessa doutrina esotérica conduz necessariamente a uma relação positiva com os hereges. Afinal, por que polemizar ou condenar se as falsas religiões também são depositárias da verdade e portadoras de sementes divinas? Portanto, segundo a concepção gnóstica do Padre Marcelo Rossi, seria preciso compartilhar experiências com os sectários através de uma amizade pacífica e unificadora da religião. (SILVA) ⁷⁵.

E finaliza o raciocínio com o seguinte corolário:

Essa é, muito provavelmente, a causa da bajulação do padre Rossi aos filhos da serpente. (SILVA) ⁷⁶.

Nesses curtos fragmentos, já é possível verificar a retórica do ódio que Rocha (2021) define como uma técnica e, como tal, pode ser ensinada e aprendida. Não é à toa que o modo com que Silva discorre o seu texto, muito se assemelha ao estilo Fedeli de se

⁷⁵ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

⁷⁶ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

expressar. Segundo Rocha (2021), a retórica do ódio é uma técnica linguística utilizada por um determinado grupo que tem por propósito desqualificar e desumanizar o outro, de forma que tenta convencer um público específico de que todo aquele que pensa ou age diferentemente do seu modo de agir ou pensar é um inimigo que oferece ameaça. No caso da Associação Cultural Montfort, todo aquele que vive uma vida contrária ao que eles entendem por catolicismo.

De maneira alguma, estamos dizendo que o nosso exemplo, o Padre Marcelo Rossi está imune a críticas, mas estamos nos referindo ao modo como elas são feitas e de como são dirigidos e escolhidos os predicativos para se referir àqueles que não pertencem ao nicho da Montfort. A retórica do ódio cria “verdades” a partir de suas suposições, incorrendo em contradições lógicas, ao partir de uma conclusão tomada por verdadeira, para depois tentar justificá-la por suas premissas. Continuando essa análise no mesmo artigo, podemos ver como Silva se utiliza desse recurso ao querer contra-argumentar à declaração do sacerdote usando das Sagradas Escrituras, mais precisamente dos Salmos:

É fácil demonstrar que o ensinamento desse padre carismático não corresponde ao que ensina Cristo, a Igreja e os santos. A simples definição de caridade faz compreender seu erro de proteção e exaltação dos lobos oriundos da revolta protestante. Começemos pela Sagrada Escritura.

Os Salmos, que por sinal não devem soar agradáveis aos ouvidos ecumênicos, são extremamente reveladores da caridade que devemos a Deus e ao próximo.

Evidentemente, não se trata do amor “Ágape” segundo a visão esotérica do padre Marcelo Rossi, e sim do verdadeiro amor, segundo a infalível Palavra de Deus.

Padre Marcelo Rossi recomenda respeito e amizade com os hereges. Rei Davi, que não era um soberano ecumênico e bajulador, ensina-nos o explícito oposto: “Oxalá extermineis os ímpios, ó Deus, e que se apartem de mim os sanguinários! Eles se revoltam insidiosamente contra vós, perfidamente se insurgem vossos inimigos. Pois não hei de odiar, Senhor, aos que vos odeiam? Aos que se levantam contra vós, não hei de abominá-los? Eu os odeio com ódio mortal, eu os tenho em

conta de meus próprios inimigos” (Salmo CXXXVIII, 19-22) (sic). (SILVA)⁷⁷.

E ao longo de seu texto, podemos também ler:

O padre Rossi proíbe atacar os “evangélicos”, ainda que, pela destruição e manipulação arbitrária da Sagrada Escritura, estejam arrastando muitas almas para o inferno. Ele não quer combater o câncer protestante que se alastra pelo mundo, inclusive entre os católicos, por obra da Renovação Carismática Anti-Católica (sic). (SILVA)⁷⁸.

No primeiro fragmento, Silva insinua que quem defende o ecumenismo não aprecia o referido livro do antigo testamento e, a partir daí, usa dos Salmos para de forma anacrônica e sem relação, comparar os ímpios aos quais Rei Davi se referia a quem defende o diálogo e o ecumenismo. Ademais, usa do termo grego *Ágape*, título de um dos livros de Marcelo Rossi, para fazer uma sátira ao padre e acusá-lo de esotérico. E Silva continua com sua retórica cheia de ódio: “Enquanto Davi proclama detestar a companhia dos ímpios e malfeitores, o sacerdote carismático declara ter gosto e amizade pelos maus que afastam impiamente as almas de Deus” (SILVA). Já no segundo fragmento acima, Eder Silva já se faz juiz e carrasco das almas do padre e dos evangélicos, aos quais o padre defende o diálogo e o respeito, atacando também, como podemos ler, o movimento carismático católico como “anticatólico”.

Silva passa dos Salmos para o Novo Testamento, citando a Epístola de São Paulo a Tito, afirmando que, ao contrário do Padre Marcelo Rossi, o apóstolo não era nada carismático, não se exibia com seu dom de “enrolar línguas” e que falava de modo a ser entendido. E mais do que isso, Silva ressalta o não-ecumenismo de Paulo, citando-o e comparando-o de maneira ácida e contrária ao sacerdote:

[São Paulo] Não era amigo de lobo. Ocupadíssimo com as coisas de Deus, não tinha ele tempo e muito menos desejo de cantar e dançar musiquetas sensuais na Missa. Ele era bispo e católico. E, por isso, pregou severamente contra os hereges:

⁷⁷ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

⁷⁸ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

"Com efeito, há muitos insubmissos, charlatães e sedutores, principalmente entre os da circuncisão. É necessário tapar-lhes a boca (...) repreende-os severamente, para que se mantenham sãos na fé" (Tito 1, 10-13).

São Paulo calava a boca dos hereges.

Padre Marcelo dança e canta com os hereges.

São Paulo repreendia-os severamente, para convertê-los para Deus.

Padre Marcelo atua como advogado dos inimigos da Virgem, tratando-os amigavelmente e cooperando para a perdição definitiva dos pecadores.

Quanta impiedade! Um sacerdote aliado aos blasfemadores da Virgem Maria. Justo ele que tanto se diz devoto de Nossa Senhora! (SILVA)⁷⁹.

Novamente, o estilo Montfort de escrever e de fazer apostolado se arma de ataques e de forma retórica: mistura os argumentos e apela para aquilo que tanto é criticado por eles, a saber, um certo grau de sentimentalismo. Ora, São Paulo combatia os hereges, calava-os, como não o imitar, ainda que o contexto seja outro? Como dar razão a um padre que advoga a favor dos inimigos de Nossa Senhora e que, ainda por cima, está contribuindo para que as almas dos católicos e dos evangélicos sejam condenadas ao fogo eterno do inferno ao invés de convertê-los? O leitor percebe que ao expor esses argumentos a um determinado grupo que está predisposto a lê-los, muitas das vezes, sem contrapor, é incitar um sentimento de repulsa a outrem? É em períodos do texto como esse que se faz presente novamente a idiotia erudita. Citam-se autores da bíblia, frases de santos e pensadores para fazer um malabarismo retórico e sustentar a visão de mundo monfortina que, evidentemente, se um deles lerem isso, dirão que não é a visão deles, mas a *Verdade Única* passada pelo próprio Deus à sua igreja, imutável, livre de interpretações humanas subjetivas, do tempo e do espaço, às quais a Montfort e seus membros são “humildes” arautos e guardiões. Por isso, Silva insiste: *No escrito dos Santos*

⁷⁹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

encontramos a mesma doutrina sobre a caridade católica sintetizada no seguinte princípio: “Corrigir os que erram e instruir os que não sabem”.

Mas a Montfort sabe. E, por isso, corrige. E ataca. E diminui o outro, reduzindo-o a herege, condenado, traidor, entre os inúmeros predicativos ofensivos que podemos ler. E Silva soube usar o método Fedeli de ser, quase reproduzindo como numa “cópia e cola” as frases que exaustivamente Orlando Fedeli repetia, muitas das vezes sem contexto. Frases que o autor desse estudo já decorara de tanto ouvir pessoalmente de seu antigo professor, como sentenças de Santo Agostinho, São Luís Maria Grignon de Montfort, Santo Tomás de Aquino e São Jerônimo, encontradas neste artigo ou em tantas cartas respondidas no site Montfort.

Silva fala tanto em salvação, em conversão e em caridade, mas do modo Montfort de ser: sem que haja diálogo. Para ele é necessário defender a contenda para converter os “hereges”. Assim a estratégia é atacar sempre. Ouvir, jamais. Conviver com os que pensam diferente, menos ainda. E se, de alguma forma, existe ódio do outro lado - nesse caso, dos evangélicos-, não é adequado estabelecer pontes de diálogo, convivência ou tolerância, mas, segundo Silva, no mais explícito estilo Montfort e Fedeli de argumentar, é necessário combater:

Diz a Sagrada Escritura que Deus colocou ódio, a guerra, e não amor ou a bajulação entre essas duas descendências [católicos e evangélicos]. Não existe diálogo ou ecumenismo entre os filhos da Mulher e os filhos da serpente infernal. Somente os padres traidores desse século para pretenderem fazer uma aliança amorosa entre a raça da Virgem e a raça do diabo.

Padre Marcelo Rossi tem amizade com a raça da serpente. É bajulador dos filhos das trevas. Acaricia o lobo que devora suas ovelhas. Enquanto as serpentes “evangélicas” despejam calúnias e blasfêmias contra a Mãe de Deus, padre Marcelo os trata com amor e carinho, cantando alegremente a ciranda traidora do ecumenismo. (SILVA)⁸⁰.

⁸⁰ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

E ao final do artigo, se despede quase que num plágio do fundador da referida associação: “Pela Santificação do Clero, te rogamos Virgem Maria! In Corde Jesu, semper. Eder Silva”. (SILVA)⁸¹.

A escolha por um artigo escrito por alguém que não Orlando Fedeli não foi acidental. A ideia é mostrar uma mesma estrutura estilística, a qual os elementos que podemos identificar como retórica do ódio e idiotia erudita se repetem como numa fórmula pronta, confirmando o que João Cezar de Castro Rocha (2021) afirma serem possíveis de serem ensinadas, aprendidas e reproduzidas de forma acrítica, mas com a maquiagem da erudição.

Esse tipo de discurso, segundo Rocha (2021, p.84), se vale de uma espécie de hipérbole em que acaba por descaracterizar o objeto central do tema pela perda deliberada do sentido de proporção dos ataques encontrados nos argumentos. De acordo com ele, essa técnica visa uma postura autoritária em que a causa final é levar os seguidores, alunos ou leitores a uma plena concordância. De forma absoluta dos conceitos e ideias expostas. Além disso, há sempre o uso de conceitos extremistas e apelativos, segundo Rocha (2020, P.84), com generalizações que esvaziam o enunciado - Os Salmos, que por sinal não devem soar agradáveis aos ouvidos ecumênicos ou Somente os padres traidores desse século para pretenderem fazer uma aliança amorosa entre a raça da Virgem e a raça do diabo” - que não permitem uma reflexão mais aprofundada, mas uma aceitação imediata por quem está lendo, por exemplo, filhos da serpente, hereges, inimigos da igreja, detratores da Virgem Maria, entre tantos outros que podemos localizar no artigo crítica ao Padre Marcelo Rossi. Essas afirmações, por serem vagas, ainda que não se sustentem em verdades, não são facilmente contrapostas ou questionadas, justamente por incitarem as “certezas” de quem as busca previamente.

Portanto, a guerra cultural demanda um confronto em que se busca a hegemonia de valores considerados como superiores e verdadeiros, os quais são defendidos por um ou outro grupo (ROCHA, 2021, p, 124). E nessa disputa, não obstante se auto intitulam modernos cruzados na preservação de uma única verdade. Cada qual dono da sua, mas acreditando piamente que estão do “lado certo” e que forçosamente se coloca diante do outro como na obrigação de ser aceita e, para isso, se necessário, o instrumental a ser

⁸¹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-recomendacao-ecumenica-do-padre-marcelo-rossi/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

utilizado é a retórica do ódio. E Rocha completa, ainda, sobre a guerra cultural, fazendo referência às consequências dela no governo de Jair Messias Bolsonaro, ao escrever que ela não permite a diversidade, mas tornando a eliminação do diferente um mal disfarçado culto a morte. (ROCHA, 2021, p. 126). O autor de *Guerra cultural e retórica do ódio*, continua a sua observação acerca da tomada do poder executivo federal da esquerda por meios democráticos através da eleição de Luís Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT), numa direita e extrema direita que se colocando como oposição, tomam para si um caráter contraditoriamente revolucionário. Assim expõe Rocha:

(...) o subversivo de direita; o iconoclasta engravatado da missa das 11h; o carola rebelde da revolução permanente pela preservação da família; o cristão que, em lugar de oferecer a outra face, prefere mesmo quebrar a cara dos ímpios; entre tantas encarnações improváveis que dominam a paisagem política nesses últimos anos. (ROCHA, 2021)

3.2 – A desqualificação nulificadora e a hipérbole descaracterizadora como a desfragmentação da retórica do ódio

Como já vimos anteriormente, a retórica do ódio tem como objetivo identificar e se dirigir contundentemente contra um inimigo específico e assim desqualificá-lo e eliminá-lo de forma simbólica a ponto de reduzi-lo a um nada, favorecendo o analfabetismo ideológico, propiciando a irrupção de uma vergonhosa idiotia erudita. A retórica do ódio faz crescer um extravagante anti-intelectualismo alicerçado num exagerado e mal absorvido compilado de referências bibliográficas (ROCHA, 2021, p 161).

A retórica do ódio, diferentemente do discurso de ódio, não depende de uma reação subjetiva, mas é em todo o seu discurso bem objetiva e isenta de ambiguidades. É direta e intencional. A retórica do ódio, aliada à idiotia erudita, mistura autodidatismo e autoengano, confundindo a faculdade do pensar com a infantilo-juvenil “lógica da refutação” (Rocha, 2021, p. 162). Vale salientar novamente que ao escrever sobre esses conceitos, João César de Castro Rocha se referia ao guru bolsonarista Olavo de Carvalho, entretanto esses mesmos conceitos encontram segura aplicabilidade nos grupos

integristas católicos, como é o caso do nosso objeto de estudo: a Associação Cultural Montfort.

Rocha explica que a *desqualificação nulificadora* tem como intenção reduzir o adversário a um nada. Isso porque a alteridade é tão desprezada que o interlocutor é visto como um outro absoluto, de modo que ocorre a desumanização de todo sujeito que não seja o reflexo das convicções do grupo. E por se tratar de uma técnica, a desqualificação nulificadora é aprendida, ensinada, aperfeiçoada e proliferada nos meios digitais, nas redes sociais e, por meio dos engajamentos obtidos pelas interações, pode atingir a esfera privada de milhões de pessoas pelo WhatsApp e Telegram com suas correntes de informações e *fake news* (ROCHA, 2021, p. 163).

Encontrado o seu alvo, essa técnica parte para um linchamento contínuo desse sujeito ou grupo em questão, levando seus seguidores e massas digitais a um grau de excitação em que o apaziguamento se torna quase impossível. (ROCHA, 2021, p.14)

Rocha segue explicando sobre a desqualificação nulificadora com relação aos artifícios utilizados por Olavo de Carvalho que contribuíram para o fortalecimento da extrema direita e teve como ápice a eleição de Jair Messias Bolsonaro. Entretanto, este não é propriamente o nosso objeto de estudo, sendo que nosso objetivo é demonstrar como essa técnica é notavelmente viável e utilizada pelo integrismo católico, a exemplo da Associação Cultural Montfort. Rocha faz a sua explanação dividindo-a em níveis, aos quais nós nos manteremos fiéis enquanto a forma, mas nos valeremos dos conteúdos montfortinos e de Orlando Fedeli para nosso estudo. Isso significa que a cada nível, demonstraremos que a Montfort pode seguramente substituir a explicação voltada ao olavismo, já que estabelecem esses pontos em comum.

3.2.1 – Corrupção paródica do nome próprio

De acordo com Rocha, esse primeiro nível da desqualificação nulificadora se equipara a um truque infantil e que por esse motivo alcança grande sucesso entre os seguidores de quem o profere, no nosso caso, o professor Orlando Fedeli. Esse recurso consiste em diminuir o adversário através do deboche, da sátira de seu nome próprio.

Embora esse procedimento tenha sua origem na literatura grega e latina, Rocha o nomeia como um verdadeiro *cambalacho linguístico*.

Sendo assim, vamos colocar algumas das respostas de Orlando Fedeli aos seus leitores em que ele faz trocadilhos com os nomes próprios de seus adversários, usando da corrupção paródica de seus nomes. O primeiro caso em que demonstraremos se dá numa resposta a um leitor que escreve fazendo uma crítica ao padre Fábio de Melo pelo fato do sacerdote ter escrito em um de seus livros que tanto a ressurreição de Cristo, quanto a presença real na eucaristia não necessitam ser literais, podendo ser simbólicas. Assim escreve o leitor do site a Orlando Fedeli:

Olá, Prof. Orlando Fedeli,

Salve Maria !

Fábio de Melo adepto do herege Teilhard de Chardin, ultrapassou ainda mais seus limites e em seu livro "Carta entre amigos" nega a Ressurreição de Jesus e a presença real de Jesus na eucaristia !!!! E até agora ninguém fez nada, nenhum bispo denuncia as heresias desse Padre herege que continua a perder almas. A convivência e o silêncio do clero brasileiro consentindo com as heresias é uma desgraça para a Igreja católica no Brasil⁸².

Nos atentemos à resposta dada por Fedeli ao seu remetente:

Pior que uma palhaçada romântica, para encantar moçoilas sem fé e de cabeça vazia, é a heresia que essa padreo (sic) lança seguro de que não será sequer advertido. Pelo contrário, esse show-padre está garantido de ter o apoio dos Bispos modernistas da CNBB, encantados de terem um padre moderninho desse tipo.

O que dá finalidade mais alta à existência de um verdadeiro sacerdote é a celebração da Missa. É o poder fazer a consagração do pão e do

⁸² Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20090703131525/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2022.

vinho que torna presente Cristo inteiro com seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade, sob as espécies ou aparências de pão e de vinho.

Padre Melo não crê em nada disso.

Por isso ele é um Padre “diferente”. Melosamente melado.

O oposto do modelo de Padre que foi o santo Cura de Ars, patrono dos sacerdotes verdadeiros, que creem na Eucaristia e que vivem dela.

Padre Fábio de Melo não vive da Eucaristia. Vive do aplauso para o seu galantismo. (FEDELI, 2009)⁸³.

Tal qual Rocha explica sobre fazer um cambalacho linguístico e de fazer uma paródia do nome próprio do adversário, Fedeli faz um trocadilho com o sobrenome do padre Fábio de Melo ao escrever *melosamente melado*. Isso sem levarmos em consideração a acidez dos ataques ao padre.

Num artigo publicado no site Montfort, escrito por Orlando Fedeli, podemos ver claramente a corrupção paródica dos nomes próprios do padre Fábio de Melo, bem como um deboche ao padre Joãozinho, sacerdote com o qual Orlando Fedeli travou inúmeras “batalhas”, conforme o leitor pode facilmente conferir em diversos artigos do site montfortino. O artigo intitula-se, pois, da seguinte forma: Bafo de Fel em Favo de Mel: Padre Joãozinho entra em parafuso metafísico. Além de uma escrita de mau gosto, é semelhante a uma chacota feita por adolescentes:

As acusações da Montfort contra as heresias de dois sacerdotes moderninhos abalaram a segurança doutoral de um deles. Padre Joãozinho, diante dos ataques que sofreu em seu blog na Canção Nova contra seu conceito de presença real, acabou postando defesas manquitolas de sua heresia e armando arapucas intelectualmente pouco honestas com um texto do Papa Bento XVI, para pegar passarinhos desavisados. Nem beija-flor aceita favo de mel com bafo de fel. Por isso, logo a Montfort, e alguns sacerdotes, imediatamente denunciaram

⁸³ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20090703131525/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2022.

a arapuca intelectualmente desonesta montada por esse Padre. (FEDELI, 2009)⁸⁴.

E o texto segue sua estrutura no mesmo estilo ácido e debochado, usando da corrupção paródica, transformando o diálogo no mais fiel estilo “cruzado de internet” de ser. Inclusive, corrobora com o que havíamos escrito sobre o constante contencioso travado pela Montfort, juntamente ao padre Joãozinho:

Mas não basta. Ele precisa repelir o que escreveu, reconhecendo seu erro. Quem publicamente ensinou algo errado, tem que publicamente dizer que errou e que repudia o que escreveu de heterodoxo. E “caridosamente” – ou só “com ternura” diplomática? – ele se esforça por esboçar um acordo, chamando o “povo” (sic) da Montfort de “nossos amigos opositores”.

Esses padres moderninhos são dialéticos até nas amizades... Dias atrás, estava Padre Joãozinho, junto com Padre Fábio de Melo, doutoralmente defendendo as heresias dele. Agora, largou-o em plena batalha, dizendo: “Ele que se defenda”.

A nós ele atacava duramente, e agora nos diz seus “amigos opositores”. Porém, apesar de nos chamar de amigos, continua a nos lançar azedas alusões. Com bafo de fel. (FEDELI, 2009)⁸⁵.

E assim finaliza Orlando Fedeli o seu artigo com sua típica tonalidade bélica:

Por hoje, só cuidamos do bafo de fel.

Chegará a vez do favo de mel.

São Paulo, 19 de agosto de 2009.

Orlando Fedeli (FEDELI, 2009)⁸⁶.

⁸⁴ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20090703131525/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2022.

⁸⁵ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20090703131525/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2022.

⁸⁶ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20090703131525/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2022.

3.2.2 – Estigmatização, caricaturização e sacrifício simbólico do outro

Outro nível da desqualificação nulificadora, segundo Rocha, consiste em transformar o interlocutor ou adversário numa caricatura, sacrificando, assim, de modo simbólico a sua identidade. (ROCHA, 2021, p. 166)

Dessa forma, ao invés de se concentrar nas refutações dos argumentos em que não estão em concordância com o pensamento da Montfort, são lançados predicativos que desqualificam o opositor, fazendo com que seja tratado de forma pejorativa. Isso inclui, até mesmo, a criação de palavras em tom jocoso para a desclassificação e redução simbólica do outro. Nesse exemplo, podemos citar um artigo em que Orlando Fedeli se indis põe com Frei Betto, a começar pelo título: “Fingindo rezar, Frei Betto mostra-se blasfemo e herege completo”. Assim começa o artigo:

Apareceu no site Adital uma paródia sacrílega e blasfema do famigerado comunista semi-frei Betto, que, para sagrada indignação de nossos leitores, publicamos abaixo.

Até quando na Igreja Católica se tolerará sem punição – quero dizer, sem excomunhão pública e nominal - que esse comunista vestido de frade dominicano continue a conspirar, com suas palavras e atos, o que há de mais sagrado na Igreja?

Até quando se permitirá que ele desonre o que há de mais sagrado na Igreja de Deus?

Até quando se permitirá que esse comunista vestido de dominicano, ou de janota, continue a profanar até a prece de Cristo?

Até quando se permitirá que esse semi frade destrua o que há de mais sagrado para obter “vanglória insensata” para seu “ego inflado” pela mídia marxistóide? (FEDELI, 2009)⁸⁷.

⁸⁷ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/frei-betto-fingindo/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2022. “Adital” mencionada no texto é a Agência de Informação Frei Tito para a América Latina e Caribe, ligada ao Instituto Humanitas Unisinos.

E assim, o texto segue com uma cansativa repetição de predicativos pejorativos, ou como escreve Rocha, num pleonasma que se impõe de forma hipnótica, cuja finalidade está além da crítica ou da oposição das ideias, mas tem claramente a intenção de insultar:

Seria bem necessário que a CNBB se pronunciasse? Por que não se pronunciar? Por ser ele um pseudo religioso?

Por que se omitir? Por ter sido guerrilheiro e, depois, assessor do Lula e do PT?

O silêncio, nesse caso, não seria cumplicidade?

E a omissão não é conivência?

Agora, foi o Pai Nosso o objeto da profanação desse comunista amigo de Fidel.

Quando se aplicará a esse sacrílego semi frade o que São Paulo manda a Tito:

“Porque há ainda muitos desobedientes, vãos faladores e sedutores, principalmente entre os da circuncisão aos quais é necessário fechar a boca” (Tito, I,10).

Por isso, apelaremos ao Papa Bento XVI:

Santo Padre, “inrepa illum dure” (Tito, I, 13).

São Paulo, 29 de Janeiro de 2010

Orlando Fedeli (FEDELI, 2010)⁸⁸.

Nesse momento já está mais do que perceptível o quanto o diálogo é difícil quando as ideias são contrárias à Montfort ou ao que ela defende ser catolicismo. Continuar um diálogo nesse tom de argumentação é tarefa hercúlea. E quem diz categoricamente isso é

⁸⁸ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/frei-betto-fingindo/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2022. “Adital” mencionada no texto é a Agência de Informação Frei Tito para a América Latina e Caribe, ligada ao Instituto Humanitas Unisinos.

o próprio Orlando Fedeli, conforme podemos ler numa de suas respostas às cartas dos leitores:

Meu caro, você diz um despautério, quando afirma que "a Igreja só tem a se enriquecer com o diálogo franco e aberto sobre questões de fé". A Igreja foi constituída por Deus como Mestra infalível da verdade. Ela não se "enriquece" com a doutrina ou pensamento de quem quer que seja, pois já possui toda a Verdade que Deus lhe deixou. Por isso Cristo não disse aos Apóstolos: "Ide e dialogai", e sim "Ide e ensinai".

Vejo que você é uma das vítimas do famoso "Diálogo"... Pois saiba que quem dialoga é porque não sabe. Quem sabe - como a Igreja - ensina. Quem não sabe, ouve e aprende. (FEDELI, 2002; grifos nossos)⁸⁹.

Nesse fragmento encontra-se a postura sectária de quem não abre o espaço para o “diálogo”, ao mesmo tempo que se coloca veementemente contrário a ele. E é nisso que reside ideologias como a do cristofascismo, ou seja, a postura autoritária de indução de verdades imutavelmente concebidas e que qualquer posicionamento que entre em desacordo é taxado, como Fedeli acima escreve. Daí, de despautério para pecado, de pecado para condenação pessoal e dela para a corrupção da sociedade por valores contrários ao que se entende por Reino de Deus é apenas um caminho a ser trilhado, conforme os últimos acontecimentos políticos do Brasil vêm demonstrando. Isto é, a instrumentalização de posturas religiosas engessadas para sustentar um modelo de governabilidade que, conforme já explicamos nos capítulos anteriores, se adequa ao fascismo. E tudo em nome de Deus, da pátria, da propriedade privada, da lei natural e da família. E para se manter na razão, o outro, novamente, é colocado a um grau de insignificância e de inimigo, de redução de sua identidade, como podemos observar no caso do Frei Betto. Não é o insulto pelo insulto, mas é o insulto como instrumental consciente de desqualificação. E como a repetição também é parte integrante desse *modus operandi* de argumentar, o leitor já pode perceber que comunismo, por exemplo, é um conceito que aparece quase que de forma indiscriminada e que, de acordo com Rocha,

⁸⁹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20040813164051/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

esse recurso funciona como uma peça-chave do quebra-cabeças retórico, estigmatizando os inimigos de sempre, pois as suas constantes “ameaças” justificam todos os devaneios e arbitrariedades. Uma vez identificados os inimigos, a sua eliminação por completo é a única alternativa plausível (ROCHA, 2021, p. 169). A não ser que esse inimigo se converta à doutrina católica sob a ótica da Associação Cultural Montfort e de seu fundador.

A partir desses dois níveis já vistos por nós, podemos agora chegar ao terceiro nível da desqualificação nulificadora que, embora já tenhamos falado sobre ele, trataremos como um tópico individualmente, seguindo a forma com que João César de Castro Rocha faz em sua obra.

3.2.2. A eliminação do outro

Como podemos ver, Rocha traça um percurso de sucessões argumentativas que possibilitam o entendimento da desqualificação nulificadora. Segundo Rocha, a corrupção paródica do nome próprio, seguida da estigmatização e caricaturização do outro têm como produto a sua eliminação, nem que seja num primeiro momento simbólica (ROCHA, 2021, p. 169)

A retórica do ódio, tendo como uma de suas bases a desqualificação nulificadora e, em seu último nível, a eliminação do outro, se sustenta através de arcabouço labiríntico em que o raciocínio se prende a teorias da conspiração, sem as quais muitas das elucubrações de Orlando Fedeli se demoliriam facilmente. Quer maior exemplo do que a tão perniciosa ameaça comunista que tanto fala Orlando Fedeli? Ou melhor, as tão incisivas conclusões de que seus interlocutores são agentes a serviço da destruição da igreja católica?

E é assim que se seguem os escritos de Fedeli, por exemplo, no artigo intitulado Demolidores da Igreja. Nele, Fedeli discorre sobre a obra *A Volta À Grande Disciplina* editada em 1983 do padre João Batista Libânio (1932-2014), chamando-a de profética, inteligente e de linguagem clara, colocando-a como um importante manual para a compreensão, como bem diz o título do artigo, do projeto de demolição do catolicismo:

Como lamentamos ter conhecido uma obra tão clara e tão inteligente somente agora, em 2007, 24 anos após ela ter sido editada!.

Entretanto, apesar de ela ter atingido quase a velhice em matéria editorial, o que se lê nesse livro é atualíssimo. Dir-se-ia profético, tanto o que nele se lê está acontecendo agora. É um livro escrito com inteligência e em linguagem bem clara. Sem o linguajar brumoso típico dos padres do pós-concílio. Padre Libânio não esconde o que os hereges Modernistas querem fazer, e o que eles fazem hoje: a demolição da Igreja e a tentativa de instaurar uma igreja essencialmente evolutiva, dialética, espiritual e gnóstica. (FEDELI, 2009)⁹⁰.

Padre Libânio faz uma analogia da igreja com um canteiro de obras em que diversas empresas trabalham juntas, mas não necessariamente de forma coordenada, sendo que uma dessas metafóricas empresas trabalha na demolição do edifício antigo; uma outra busca roubar o material para reconstruir esse mesmo edifício que está sendo destruído pela primeira empresa; uma terceira empresa, possuindo a planta original desse mesmo edifício, intenciona fazer adaptações necessárias às novas circunstâncias que surgem; por fim, uma quarta empresa, busca inspiração numa planta diferente da original. Fazendo a leitura dessas afirmações do padre Libânio, num parágrafo do mesmo artigo, Fedeli faz um amálgama de acusações, todas com a intenção de anular a plausibilidade da importância de seus acusados, reduzindo-os, portanto, a sujeitos cuja relevância deve ser anulada em nome da manutenção da ordem eclesiástica e já dando nomes aos possíveis agentes da “primeira empresa”:

A primeira empresa – a Demolidora -- quer destruir a Igreja Católica Apostólica Romana como sempre existiu. Ela é constituída pelos modernistas, que triunfaram no Concílio Vaticano II, e aos quais se referiu Paulo VI, quando falou do misterioso processo de autodemolição da Igreja. É a empresa dos Rahner, Lehmann, Urs Von Balthasar, De Lubac, Schillibeecks, Congar, Chenu, e, naqueles tempos conciliares, também de Joseph Ratzinger. Mas, evidentemente, Padre

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/libanio/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

Libânio riria se lhe dissessem que nessa ação demolidora há uma atuação diabólica. O diabo não existe para os teólogos stalinistas. E se eles constatassem a sua existência, eles o proclamariam “El Comandante Supremo de la Revolución”. (FEDELI, 2007)⁹¹.

O restante do artigo, Orlando Fedeli seguirá discordando, acusando e criticando o padre Libânio quanto a diversos pontos teológicos. Mas, novamente, cabe lembrar que teologia não é nosso objeto de estudo. Portanto, não levantaremos o problema se, do ponto de vista do catolicismo, as críticas são pertinentes ou não. O que nos importa é a forma com que os discursos podem ser construídos a partir de uma retórica belicosa:

Claro, então, que dissentimos diametralmente do autor em tudo. Estamos em posições diametralmente antagônicas. Pois o autor em foco é um seguidor da herética Teologia da Libertação, que melhor deveria ser chamada Teologia da Escravização... Stalinista. (FEDELI, 2007)⁹².

E Fedeli segue em suas conclusões, acusações e sentenças eclesiásticas, mesmo sendo um leigo. E é nessa fala que identificamos a anulação do outro, ou seja, Fedeli reivindica a punição de padre Libânio a ponto de sugerir a sua expulsão:

Se Padre Libânio deixa bem claro que pertence a esta quarta “empresa” de demolição e de imaginação de uma Nova Igreja completamente sem relação com a Igreja Católica, não se compreende como se tolera que ele permaneça dentro da Igreja Católica. Todos esses demolidores só ficam na Igreja para destruí-la. Todos eles deveriam ser excomungados e expulsos imediatamente.

É cinismo incrível declararem que pretendem destruir a Igreja Católica e permanecerem nela. É absolutamente inexplicável que as autoridades da Igreja permitam a esse demolidor – Padre Libânio -- permanecer na

⁹¹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/libanio/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

⁹² Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/libanio/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

Igreja, demolindo-a sistemática e friamente! E declarando expressamente o que deseja fazer: destruir a Igreja Católica e construir uma outra igreja completamente diferente da Igreja Católica.

Como nada se faz contra isso? Como nada se faz contra esse Padre que escreveu isso em 1983, e que até hoje permanece em seu trabalho de quinta coluna e de traição? (FEDELI, 2007)⁹³.

De acordo com Rocha, essas conjecturas colocadas a bel prazer, usando fontes históricas, nomes e conceitos, mas enumeradas de forma usurpada e sem uma relação necessária, com acusações que são parte do devaneio conspiratório e conclusões de ímpeto pessoal é o que dá *a plausibilidade argumentativa à alucinação do texto* (ROCHA, 2021, p. 171).

Com efeito, para João César de Castro Rocha, a desqualificação nulificadora é um meio pelo qual se sustenta a retórica do ódio. De acordo com ele, há uma necessidade de inventar diversos inimigos, acreditar em supostas ameaças, além de um mecanismo de sacrifício que dá vida ao bode expiatório (e por que não, no caso de Orlando Fedeli, o mártir), direcionando a violência contra um alvo específico, com o objetivo de dar um direcionamento ao sentimento de ressentimento coletivo. (ROCHA, 2021, p. 174) O autor de *Guerra cultural e retórica do ódio* afirma, pois, que a desqualificação nulificadora é uma das características que bem definem a retórica do ódio, mas é necessário compreender também um outro procedimento que a caracteriza que é a hipérbole descaracterizadora.

A *hipérbole descaracterizadora*, segundo Rocha, é uma espécie de redundância que se manifesta como uma maneira autoritária de impor a argumentação, pois ela inibe o posicionamento crítico e desmotiva quaisquer questões que sejam levantadas. Isso porque tudo o que deveria ser dito já o foi. E mais! Foi dito e repetido inúmeras vezes. (ROCHA, 2021, p. 175)

Esse recurso se exprime também numa forma forçada de generalização, ou seja, de *exageros*. Não obstante encontramos nas falas de grupos tradicionalistas integristas uma generalização acrítica, exagerada e repetitiva de que todo integrante de determinada

⁹³ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/libanio/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2022.

confissão de fé é de um modo, ou todo sujeito que se simpatiza com um espectro político é de outro modo, e no pior dos casos, isso ocorre a todo aquele que tem um pensamento minimamente divergente. E as classificações dadas a esses sujeitos ou aos seus grupos de posicionamentos contrários são, no mínimo pejorativas, quando não perniciosas.

A redundância presente na hipérbole descaracterizadora intenciona manipular o entendimento do leitor, visto que a insistente repetição do que fora afirmado faz engendrar o acolhimento das premissas e conclusões. Essa interpelação de diferentes formas sobre um mesmo argumento conduz a algo semelhante à experiência iniciática, ao invés de uma reflexão filosófica. (ROCHA, 2021, p. 17)

Esse tipo de instrumental “argumentativo” é muito comum no site da Associação Cultural Montfort, como o leitor pode perceber nos outros exemplos por nós citados, bem como uma breve visita em suas páginas na internet.

Dado que hipérbole é um exagero, uma ampliação dos sentidos das coisas e que no caso a nossa hipérbole em específico ela tem como intenção desqualificar o sujeito de quem se fala ou o objeto falado, vamos ilustrar nosso estudo com mais exemplos. Há no site Montfort uma crônica de Orlando Fedeli em que ele tece duras críticas ao cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. O título dessa crônica é Corintiano, graças a Deus ou "Como o Corinthians salvou São Jorge!". Fedeli começa seu texto dizendo que estava num aeroporto esperando por um amigo e, nessa espera, resolve entrar numa livraria. Logo de início, começa a descrevê-la, assim como emitir juízos sobre os livros e seus respectivos públicos. Não cabe em nosso trabalho fazer uma análise das qualidades literárias de livrarias que, como comércio que são, têm como intenção vender. E se o lucro é a causa final, a diversidade de títulos e público é algo a ser esperado. Ademais, levantar a questão do que seria ou não um livro “digno” de ser lido, levantaria outro problema recheado de subjetividades (coisa que Orlando Fedeli deixa mais do que explícito, como veremos). A análise, portanto, que faremos é sobre, justamente, o conteúdo e características das críticas de Fedeli, a sua redundância, seus exageros e seu modo de desclassificar o seu alvo:

Como ao final das feiras se vendem os restos dos frutos e verduras a baciadas, em livraria de aeroporto, na primeira banca, — e em ambiente muito higiênico, oposto ao dos finais de feiras — se expõem os últimos livros de sucesso num mundo intelectualmente decadente.

Os sucessos na decadência...

Os sucessos do momento. Que, depois de amanhã, estarão destinados ao esquecimento absoluto.

Os títulos eram fúteis. Por vezes lúbricos, com fotos escandalosas. Baboseiras esotéricas ou orientais, para madames donas de lulus, aficionadas de Paulo Coelho, comprarem, fingindo que crêem em alguma coisa.

Alguns títulos políticos. Livros sobre ídolos esportistas. E daí para baixo, numa mixórdia pseudo intelectual deprimente.

Não era fim de feira.

Era fim de cultura. (FEDELI, 2004)⁹⁴.

Feita essa introdução rica em detalhes, Fedeli adentra-se para o assunto o qual ele quer tratar que são as críticas, ou na melhor retórica do ódio, os ataques a Dom Paulo Evaristo Arns, nomeando-o, inclusive de Núncio de Fidel Castro no Brasil, fazendo alusão a que o cardeal seria um propagador do comunismo no país:

Em meio a essas obras primas da literatura atual, deparei-me com um livro de um Cardeal da Santa Romana Igreja, como se dizia solenemente, nos tempos de solenidade, quando havia Cardeais solenes.

O livro era a última produção do Núncio de Fidel Castro no Brasil, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, graças a Deus, já aposentado, mas ainda produzindo obras de alto nível teológico. O título o fazia merecedor de destaque... em livraria de aeroporto: “CORINTIANO, GRAÇAS A DEUS” (Ed. Planeta, São Paulo, 2004).

Sem dúvida, “l'exemple est rare et digne de mémoire” (“O exemplo é raro e digno de memória) que um Cardeal da Santa Romana Igreja escreva um livro sobre futebol!

⁹⁴ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/corintiano/index.php>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

Pior ainda: sobre sua preferência clubística! E atribuindo essa qualidade de ser torcedor de um clube de futebol à graça de Deus! (FEDELI, 2004)

⁹⁵.

Nesse fragmento é possível enquadrar outros conceitos por nós trabalhados, além da hipérbole desqualificadora. O exemplo é a idiotia erudita, pois Fedeli usa de um arcabouço retórico para atacar o cardeal, mas usurpa o argumento ao demonstrar não entender (ou querer não entender) que o título da obra é uma figura de linguagem, colocando-a de maneira indignada como se fosse algo blasfemo contra a graça de Deus. E assim segue:

E como o Cardeal Arns sempre fez “opção pelos humildes”, não faltam, no livro, fotos dele mesmo, até como seminarista, um rapazinho com cara de indigestão amarga e já revoltada, antes mesmo de passar pela iniciação marxista do seminário.

Claro que não comprei o livro. Já havia cometido, tempos atrás, o erro de gastar meus poucos reais do salário — muito irreal — de professor aposentado, adquirindo um livro de memórias desse Cardeal. A decepção intelectual foi tão grande que me prometi não jogar fora nunca mais nem um centavo sequer com obras dessa sumidade cardinalícia. (Sumidade aí não vem de sumo, mas do verbo sumir). (FEDELI, 2004)

⁹⁶.

E após destilar todo seu arsenal belicoso montfortino (na proposital redundância) contra o autor, o cardeal Arns, Fedeli, finalmente, se coloca a falar da obra e a explicar o significado de sua crônica. O fundador da Associação Cultural Montfort escreve que ao

⁹⁵ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/corintiano/index.php>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

⁹⁶ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/corintiano/index.php>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

chegar em determinada página do livro de Dom Paulo Evaristo, se recorda de assuntos que eram tratados entre o cardeal e o Papa Paulo VI, como elevadas questões teológicas, ironizando, claro, visto que é bem sabido o posicionamento dos integristas com os Papas vinculados ao Concílio Vaticano II. E o assunto, especificamente, colocado por Fedeli foi a *cassação de santos* (sic). Vejamos:

E folheando o livro, deparei-me, à página 99, como um trecho saboroso e inacreditável, indicativo da profundidade teológica com que Dom Paulo Evaristo Arns e Paulo VI tratavam altas questões da Igreja. Vejam se não é incrível. Mas, antes de dar a citação, convém recordar o que aconteceu há poucas décadas, que para os vertiginosos tempos em que sofremos, parece ser já a era arqueozóica.

Pois naquela era “arqueozóica”, Paulo VI resolveu dar um escândalo, para o miúdo povo de Deus, como se dizia na Idade Média: repentinamente cassou vários santos. Como cassou santos? Cassou, sim! E por que? Porque, segundo Paulo VI, não havia documentação histórica suficiente para embasar a existência desses santos cultuados, alguns deles, há quase dois mil anos pela Igreja Católica.

Deles, dizia-se que tinham existido. Dizia-se que haviam sido santos, mas...

Cadê a certidão de nascimento deles? (FEDELI, 2004)⁹⁷.

O texto segue, nesse momento, com ataques e ironias ao Papa Paulo VI. Contudo, nossa intenção é nos debruçarmos sobre os períodos da escrita em que a hipérbole é utilizada, nos valendo de certos trechos (como o acima) apenas para contextualizar como se estrutura todo esqueleto retórico, com seus sinuosos labirintos cheios de ofensivas para, finalmente, ter a estocada derradeira (muito provavelmente o professor Orlando Fedeli se sentiria lisonjeado com essa metáfora):

Santa Filomena que fizesse o milagre de arranjar sua certidão de nascimento, caso contrário, ela seria cassada do rol dos santos. E como

⁹⁷ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/corintiano/index.php>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

ela não arranhou nenhuma certidão de que havia existido, Paulo VI a cassou do rol dos santos junto com uma penca de outros.

Eram os tempos em que, no Brasil, se cassavam deputados. E contra essas cassações, o Núncio de Fidel no Brasil, Dom Evaristo Arns protestava com voz firme e melíflua: era absurdo, segundo ele, cassar deputados comunistóides, certo, mas eleitos pelo povo! (FEDELI, 2004)⁹⁸.

Como explicado, a hipérbole descaracterizadora tem em sua estrutura a repetição, o aumento, a generalização. E nesse texto nós podemos observar estes elementos aparecendo, bem como em outras citações de Fedeli nesse mesmo trabalho, mesmo que se apresentem como uma outra roupagem. “(...) num mundo intelectualmente decadente. Os sucessos na decadência...”; “E daí para baixo, numa mixórdia pseudo intelectual deprimente”, “(...) como se dizia solenemente, nos tempos de solenidade (...)”; “a última produção do Núncio de Fidel Castro no Brasil”; “cara de indigestão amarga e já revoltada, antes mesmo de passar pela iniciação marxista do seminário”; “um trecho saboroso e inacreditável, indicativo da profundidade teológica”; “o Núncio de Fidel no Brasil, Dom Evaristo Arns protestava com voz firme e melíflua: era absurdo, segundo ele, cassar deputados comunistóides (...)”. Com certeza, o leitor se lembrará de conceitos iguais ou semelhantes em citações anteriores.

E agora vem o fechamento do texto com título e o motivo da indignação de Fedeli:

Contra as cassações de santos, porém, Dom Paulo não protestou. Ou melhor, recorreu apenas para que Paulo VI não cassasse São Jorge.

Dom Paulo Evaristo Arns conta, nesse livro fantástico por ser escrito por um Cardeal, que escreveu um bilhete a Paulo VI, rogando pela continuação do culto a São Jorge.

(...) E, por causa do Corinthians, São Jorge não foi cassado!

⁹⁸ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/corintiano/index.php>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

Dessa vez, não foi São Jorge que salvou o Corinthians, mas foi o Coringão quem salvou São Jorge.

Milagres da nova Igreja, nascida do Vaticano II. (FEDELI, 2004)⁹⁹.

E encerra:

Se isso não tivesse sido publicado em livro, por uma Cardeal, dir-se-ia que era uma calúnia integrista para denegrir (sic) Paulo VI e Dom Evaristo. Não é calúnia integrista. É relato modernista.

É com essa profundidade teológica—corintiana—que na Igreja nascida do Vaticano II se permite cultuar ou deixar de cultuar um santo nos altares.

Parece brincadeira!

Mas não é.

É tragédia.

Tragédia que, como diz o Catecismo — o velho Catecismo — tragédia que clama aos céus vingança.

Exsurge, Domine, Domine, quare obdormis?

Exsurge ! (FEDELI, 2004)¹⁰⁰.

Rocha afirma que esse recurso é típico de grupos de direita e extrema-direita, o qual confere a esse embaralhamento retórico um caráter de verossimilhança, mesmo às associações mais sem fundamento e às conclusões mais alopradas (2021, p. 178).

⁹⁹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/corintiano/index.php>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/corintiano/index.php>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

E sobre a conclusão do argumento, assim escreve Rocha: *Se a ilação-matriz é aceita sem reserva, então, qualquer conteúdo se torna aceitável; mesmo as afirmações mais absurdas se tornam aceitáveis.* (ROCHA, 2021, p. 180) Isso significa que há um argumento pautado na confiança da autoridade de quem profere, de modo que não importa o tamanho do devaneio, ele será prontamente aceito por quem está predisposto a concordar. É assim com os escritos de Orlando Fedeli e a aceitação por seus seguidores, como é também muito claro e evidente nas inúmeras declarações do presidente Jair Bolsonaro, indo contra dados objetivos da economia, autoridades de saúde numa pandemia mundial, falta de decoro e ética, mas que está longe ser apenas aceito ou tolerado pelos seus fiéis seguidores, mas ovacionado.

Portanto, de acordo com João César de Castro Rocha, a hipérbole descaracterizadora assola intencionalmente as intersecções, os meios apresentados entre os pontos fundamentais dentro da argumentação. Ou seja, vai de um extremo ao outro sem pausas, numa quimera de conceitos desconexos que impedem o olhar crítico. (ROCHA, 2021, p. 181) O uso de sentenças em latim, francês ou qualquer outro idioma, citações de autores de filosofia, teologia ou literatura, têm como intenção florear e dar forma visual ao texto, muito mais do que tentar sustentar o edifício argumentativo. E mais! Quando se há o questionamento diante de um outro ponto tratado, há a típica resposta agressiva, sob a maquiagem de uma humildade metódica. Questionamento que só existe por parte de quem está de fora do grupo ou chegando, pois a palavra da autoridade, no caso, Orlando Fedeli, (ou no atual contexto político, Jair Bolsonaro) é sagrada e incontestável. As palavras desses líderes são como ecos da voz divina para seus respectivos grupos, característica marcante do cristofascismo.

3.2.3. Da nostalgia teocrática à neoteocracia

Em seu livro *No lugar de Deus – Ensaios (neo)teocráticos*, Passos (2021) discorrerá sobre as relações do passado, bem como as atuais entre a teologia e a política. Segundo Passos, há uma volta aos princípios pré-modernos da cultura, sociedade e da política, numa busca por se legitimar através das narrativas integristas da religião, ainda que dentro de um Estado denominado laico. Muitas das vezes, essas ações se dão num olhar negligente, quando não excludente e violento diante do diferente, da diversidade

cultural, de gênero, étnica e de credo. Nessa postura sectária e intolerante, a ética e o amor ao próximo, alicerces do cristianismo, são sublimadas, diante da realidade da sociedade civil moderna, em nome da recuperação de uma moral do passado. É nesse contexto que Passos descreve o que ele chama de nova teocracia ou neoteocracia.

De acordo com Passos (2021, p. 4), os governos que se valeram do nome de Deus para construir a sua história política foram maioria nas constituições dos diferentes povos em diferentes épocas, fazendo com que a inter-relação entre os poderes divinos e terrestres se estabelecessem como estrutura fundante das identidades dos povos antigos e medievais do ocidente, avançando, inclusive, para a modernidade e contemporaneidade, se adaptando às novas realidades. Dessa forma, é fácil constatar que a democracia e a busca pela estruturação do pensamento laico são muito recentes, bem como as tentativas de dispensar o vínculo entre política e Deus das estruturas governamentais. Isto é, de desvincular as autoridades temporais das autoridades espirituais, cuja finalidade é contemplar de modo universal os diferentes indivíduos de uma sociedade. É preciso, pois, separar o modelo antigo de teocracia exercido na formação do cristianismo da cosmovisão que se consolidou através de imagens e ideias religiosas adotadas pelo fundamentalismo religioso (ou integrista) atual que, de alguma forma, procura se estabelecer dentro das estruturas laicas de governo.

Segundo Passos (2021, p. 48), a teocracia que estava, aparentemente, superada, reaparece tomando força dentro dos regimes de ultradireita que surgem com significativa força no contexto atual, não somente no Brasil, mas no mundo como um todo. Passos afirma que esses modelos teocráticos atuais emergem sem se preocupar com disfarces, misturando símbolos antigos e novos, confissões e cosmovisões de fé distintas que a pouco tempo se colocavam como diametralmente opostas. São, justamente, a essas novas configurações que Passos chama de *neoteocracia*. Assim são chamadas porque não se constituíram como as teocracias do passado, ao fundarem as suas raízes nos regimes democráticos tidos como laicos e por se aproveitarem de condições híbridas religiosas e culturais.

Mas no que consiste, portanto a neoteocracia? Passos (2021, p. 51) defende que o conceito de neoteocracia está inserido no mesmo ambiente político-cultural que dá forma às outras expressões que carregam o prefixo “neo”, tais como: neonazismos, neotribalismo, neofascismo, neoconservadorismo, entre outros. O uso desse prefixo evita

que se incorra em anacronismos históricos, permitindo evocar expressões políticas do passado, usando-as com as devidas cautelas no contexto contemporâneo.

Ao se falar em neoteocracia, Passos (2021, p. 51) faz a distinção de três tipologias históricas de teocracias:

I – A primeira das três é a que narra a formação das grandes civilizações arcaicas, misturando fatos da realidade com as origens míticas, isto é, uma cosmogênese envolta em relatos místicos, cuja governabilidade não se encontrava apartada. São as teocracias ontológicas, cujo governante possuía ascendência divina e se encarnava no tempo e no espaço, mantendo uma postura que unia as naturezas de divindade, de governo e da própria lei.

II – A segunda forma de teocracia é aquela em que o cristianismo se desenvolveu, isto é, a um governante que lidera e legisla em nome de Deus, de modo que as suas decisões são embasadas e sustentadas por uma suposta decisão divina. Essa teocracia ocorria a partir de dois modelos: o monarca de direito divino que passava sua missão ao seu sucessor legítimo; o monarca que recebia diretamente do Papa o direito e o dever de governar em nome de Deus.

III – A terceira forma é a neoteocracia. Ela não reproduz mais os antigos símbolos, não sustenta a origem divina do governante, não tem o poder transmitido por direito divino, tampouco o governante é escolhido pelo Sumo Pontífice, mas se dá de uma maneira mais funcional, ou seja, aquele que irá governar é o representante de uma função religiosa em nome da vontade de um grupo social e político. Nessa terceira forma de teocracia, o líder político surge como o efeito de um movimento histórico, dentro de um contexto específico, representando o projeto político que tem como pano de fundo os planos de Deus e que, de certa forma, representa também os interesses de uma população que conchama por um ideal conservador e com valores pautados na religião tida como regra. Esse governante tem natureza individualizada, sendo um emissário pessoal desses interesses. Entretanto, possui também um caráter paradoxal inerente do contexto moderno: ele permite a que metafísicas diferentes, bem como estruturas religiosas diferentes sejam “atendidas”, diferentemente da exclusividade que se tinha no medievo e sua teocracia.

Passos (2021, p.59), portanto, denomina essa neoteocracia como sendo sincréticas ou ecumênicas, ainda que tenham em suas bases elementos cristãos.

E é nesse tipo que a Associação Cultural Montfort tem as suas particularidades. Isso porque ela está inserida num contexto histórico da terceira forma de teocracia, isto é, a neoteocracia, mas vive com um sentimento, um olhar para o passado em que a idade média é vista como um ideal a ser retomado, inclusive, ao defender a volta da monarquia com um rei autenticamente católico. Contudo, é importante salientar que, antes de pensar num retorno à monarquia, segundo Fedeli, era necessário haver uma retomada dos princípios católicos na sociedade, visto que para ele, a monarquia por si só, resolveria apenas o problema político, mas não real problema que para o fundador da Montfort é religioso e moral.

Quando perguntando por um leitor, qual a sua visão sobre a monarquia, Orlando Fedeli assim responde:

Quanto ao problema teórico-- o da Monarquia, haveria que distinguir ainda o caso doutrinário teórico, e sua oportunidade de aplicação ao caso brasileiro, hoje.

A Igreja sempre ensinou que a melhor forma de governo é a Monarquia, porque é a que mais se assemelha ao governo do próprio Deus e ao da Igreja, que é monárquica. É claro que aceito essa doutrina da Igreja, e não poderia ser diferente.

(...)

Porém, outra questão é se a Monarquia, hoje, e no Brasil, em concreto, resolveria alguma coisa. Estou absolutamente convencido que não.

Pelo contrário. Uma instauração da Monarquia só a comprometeria.

O problema do mundo, hoje, é moral e religioso, e não político. A Monarquia seria um remédio político, que em nada influiria na solução da crise atual, que é bem mais profunda do que a Política. Só um Papa é quem pode solucionar a crise atual da Igreja e do mundo. Porque a crise do mundo provém da crise da Igreja. Foi porque o sol da Igreja se obscureceu é que a lua --o Estado -- perdeu a luz. (FEDELI, 2004)¹⁰¹.

¹⁰¹ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/politica/20040722122712/>>. Acesso em: 25 de novembro de 2022.

Mas noutra resposta a um outro leitor, deixa bem claro o seu posicionamento concernente à relação entre igreja e Estado:

Todas as coisas foram feitas por Deus, e todas as criaturas O devem homenagear como a seu Criador. Céus e terras, montanhas e colinas, nuvens e tempestades, louvam a glória de Deus. Também as obras dos homens, indiretamente, podem ser ditas criaturas de Deus, e, por isso, Dante chama as obras de arte de "netas de Deus".

O Estado só existe, porque Deus quer a sua existência, e o Estado deve, ele também, dar glória a Deus. De onde se segue que o Estado deve reconhecer a Religião verdadeira e favorecê-la, dando-lhe todo apoio possível.

Normalmente, o Estado deve estar unido à Igreja, assim como o corpo deve estar unido à alma. Assim como a separação da alma e do corpo deteriora o corpo, pois que ele perde a sua forma metafísica, assim a separação entre Igreja e Estado faz deteriorar a vida política e social. E é o que vemos, hoje.

(...)

Uma volta da Monarquia, nas condições religiosas e morais atuais, só prejudicaria a própria Monarquia e seria inútil para a sociedade, pois que o mal do qual a sociedade está morrendo é moral e religioso, e a monarquia, sendo política, não resolveria a crise religiosa e moral. Acresce a isso, que os atuais Príncipes do Brasil, se tornaram, por voto, escravos de um pseudo profeta [Plínio Corrêa de Oliveira], e aderiram a um pensamento religioso errado, e isto prejudicaria muito o país, caso eles assumissem o Trono. Coisa, aliás, impossível de acontecer, hoje, e que, se acontecesse, seria péssimo, por causa do sectarismo tefepêico (sic) desses príncipes. Aliás, eles são incapazes de

governar, destruídos que foram por um pensamento e um culto delirantes. (FEDELI, 2004)¹⁰².

Como podemos perceber nos escritos de Orlando Fedeli, o modelo de teocracia que ele propõe é um que seja exclusivamente pautado na doutrina católica. Significa, com efeito, que a Montfort defende uma forma teocrática que é a intersecção entre as formas I e II propostas na obra de Passos. Isso porque, embora Fedeli diga que a monarquia seja o modelo ideal de governo por ser análogo à estrutura divina que é hierárquica, assim como a igreja católica, ela sozinha, sem passar por inúmeras correções submetidas aos dogmas católicos não somente é inócua, como também é perniciososa.

Segundo Passos (2021), todas essas formas de teocracia trazem uma natureza de poder absoluto que têm em suas práticas as sínteses desse poder, ainda que se expressem de maneiras diferentes. Esse poder absoluto está personificado numa autoridade projetada em Deus e em sua suposta vontade. Suposta porque há, evidentemente, uma vontade que é reflexo do líder em questão, continuada e refletida em seus seguidores. Dessa forma, a consciência política que se inaugura é fruto dessa estrutura psicossociológica. O Deus todo-poderoso, escreve Passos “(...) é, sem dúvida, o alter ego do líder todo-poderoso; nele se encontram encenações do governo autoritário, habitam suas imagens e jorram suas energias políticas onipotentes” (2021, p. 60) E continua ao afirmar que toda projeção teocrática é, na verdade, a auto projeção de um líder que acredita que tem uma missão divina para com esse Deus todo-poderoso. Sendo assim, está presente também essa onipotência nesse líder, seja dentro do escopo político ou como a cabeça de uma instituição que reflete as suas preferências políticas e religiosas. Essa onipotência encontra-se presente em seus atos, falas e escritos que, segundo Passos (2021), está imbuída na autoprojeção do guia que se considera possuidor e representante do poder supremo. Essa postura era uma constante no professor Orlando Fedeli diante seus alunos mais antigos e também aos “neófitos” da Montfort, ainda que sob uma aparência de modéstia (nem sempre), como já vimos nos fragmentos das respostas de Fedeli por nós aqui mencionados.

¹⁰² Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/politica/20040722122712/>>. Acesso em: 25 de novembro de 2022.

Passos (2021) cita a psicanálise de Freud ao defender que uma das fórmulas de desvendar a lógica fascista, a compatibilidade entre o “eu” interior, mito e fascismo está intimamente ligada na compreensão da interdependência entre mito-poder-violência. Assim escreve Passos:

Poder autoritário será sempre a concretização histórica de um mito que se encarna na totalidade de um regime. Não haveria, assim, um regime absoluto ou absoluto ou autoritário sem um mito fundacional que o origina permanentemente e do qual emanam os poderes de edificar e destruir. (PASSOS, 2021)

É nesse interim que o cristofascismo toma forma: há elaboração de um discurso de gênese autêntica e imutável legitimada sob um poder maior. No caso da Montfort, isso fica evidente à medida que nos escritos de Orlando Fedeli defende-se uma igreja católica imutável, de sempre, eterna... Com liberdade da escrita dos conceitos que significam a mesma coisa, reproduzimos de forma repetitiva para enfatizar o quanto eles aparecem nos textos de Fedeli, o que demonstra um anacronismo e uma falta de percepção de que a igreja, enquanto instituição, está situada no tempo e no espaço, comungando de diversas culturas e historicidades. Se se parte da premissa de que Deus é transcendente, mas também imanente, que é autor da história, mas se revela na história, não há como ter uma igreja embotada em que o diálogo com o mundo, ciência, cultura, costumes e demais mudanças seja excluído. Isso, partindo apenas da cosmovisão cristã. E restringindo ainda mais, na cosmovisão católica. Ao se fechar num amalgamado de verdades engessadas e que há um representante e defensor dessas verdades que estão sendo corrompidas, cuja intenção é propagar e fazer ser aceita a sua visão de mundo, teológica, política e sociais, promulgando a obediência irrestrita e o ataque violento aos diferentes, temos mais do que necessário para classificar essa postura como fascista, ou no caso da Associação Cultural Montfort, como cristofascista.

Há, portanto, na Montfort, uma busca por uma hegemonia em que o catolicismo deve ser a base fundante da sociedade, da política e do Estado.

3.3 – Catolicismo de Janus?

Nesse terceiro tópico nos fundamentaremos na segunda obra de João Décio Passos (2020), intitulada de *A força do passado na fraqueza do presente – O tradicionalismo e suas expressões* para explicar um catolicismo que tem seu olhar saudosista para o passado para explicar as crises do presente. Um olhar que tenta a todo custo trazer de volta, principalmente da idade média, o modo de viver e compreender a religião e as instituições políticas e sociais.

É por esse motivo que nos valeremos da expressão Catolicismo de Janus, isto é, um catolicismo que está sempre olhando para o passado ideal, almejando um futuro igualmente ideal, mas que não consegue enxergar e viver o presente.

Janus é um deus da mitologia romana que possui duas faces, sendo uma voltada sempre para a frente, representando o devir e outra face sempre voltada para trás, a qual representa a contemplação do passado, bem como as origens e términos das coisas. É por essa razão, por exemplo, que o primeiro mês do ano recebe o seu nome: janeiro é o mês que se inicia, que se abre ao porvir, mas que permite olhar para o que se passou. Janus é a divindade da mudança e o intermédio entre os demais deuses e as preces dos seres humanos. Janus significava, portanto, o dualismo. Além disso, configurava também o guardião dos portais em que os soldados romanos passavam em períodos de guerra.

No deus Janus, passado e futuro coexistem numa única identidade divina, sendo que demonstra a interdependência entre os eventos futuros e os eventos passado, numa relação de causalidade. E isso que iremos estabelecer a partir desse momento: as relações entre o título da obra de Passos *A força do passado na fraqueza do presente* (2020) e as características da divindade romana e a maneira de enxergar e se colocar no mundo da Associação Cultural Montfort, principalmente no que escrevera o seu fundador.

Começaremos explicando como se dão as afinidades políticas com o tradicionalismo católico. Para Passos (2020, p. 127), o tradicionalismo católico, tanto no presente, quanto no passado, se identificava com os governos tidos como de direita, sendo, inclusive, facilmente detectável nos últimos acontecimentos históricos ocidentais e suas alianças. Passos, afirma, ainda que os espectros de ultradireita são essencialmente conservadores e tomam como missão a manutenção de um modelo de mundo pautado na ordem natural, assim como as formas de governabilidades devem estar fundamentas nessa

mesma ordem. Ora, se há uma identificação da verdade e com o que é bom com a ordem natural, aquilo que se colocar em oposição é visto como ilegítimo e denunciado como um perigo iminente.

Os grupos integristas enxergam a modernidade como uma negação dessas “verdades de sempre”, cujas crises atuais, sobretudo, de fé e moral são compreendidas como causa primeira para as outras crises políticas, econômicas, etc. Para eles, essas crises estão na raiz da tentativa de solucionar os problemas a partir de conjecturas humanas e científicas, excluindo Deus e a igreja católica do protagonismo. Passos (2020, p. 130) diz que a modernidade, ao buscar dentro do seu próprio capital simbólico a solução de suas crises, culminará num ciclo interminável de *crise-solução-crise*. Para o integrismo isso só cessará na medida em que Deus for colocado novamente no centro de todas as coisas, a igreja católica e seu clero como intermédio da vontade de Deus na Terra e um Estado e sociedade fundamentados nessa lógica. Logo, o que acabamos de descrever é o que acontecia no passado, mais precisamente no medievo. Não é à toa que Orlando Fedeli ao se referir à contemporaneidade, a descreve como um tempo de corrupção moral e religiosa, enquanto que exalta a idade média, chamando-a, inclusive, de *Idade das Luzes*. Como em todos os momentos históricos, a idade média teve seus grandes feitos, como também foi marcada por acontecimentos que a macularam. Insistimos: assim como todos os outros períodos da história, sendo que com a modernidade e a contemporaneidade não é diferente. Basta pensarmos nos últimos regimes totalitários e as duas grandes guerras do século XX. A questão, no entanto, é discorrer sobre a ideia que determinado intervalo temporal do passado tem as respostas e os subsídios para resolver os problemas presentes, dadas as verificações de suas eficácias em momentos anteriores.

Ao fazer uma busca dentro do site da Associação Cultural Montfort, procurando por Idade das Luzes, é possível constatar a existência de centenas de resultados. Passemos à análise de alguns deles, isto é, o olhar de Janus se dirigindo para o passado transmutado num ideal saudosista.

O primeiro artigo que iremos discutir se chama *In Lumine Tuo* e foi escrito por Orlando Fedeli. Nesse artigo, Fedeli, procura explicar porque a idade média dever ser chamada de Idade das Luzes, já que foi nela que ocorreu o apogeu do cristianismo. Assim escreve Fedeli:

"*In lumine tuo, videbimus lumen*" (Sl 36,10). Na tua luz, veremos a luz.

Estas palavras que a Santa Igreja aplica propriamente a Jesus Cristo, Senhor Nosso, podem ser também analogicamente referidas à Idade Média. Porque, à luz dessa época, que marcou o apogeu da Cristandade, pode-se contemplar a luz da verdade católica, o "*lumen Christi*".

"Idade Média, idade das trevas". É o que dizem os pseudo-eruditos dos subúrbios da cultura, julgando-a uma era de ignorância e de fanatismo.

(...)

E a Idade Média ilumina toda a História com uma tríplice luz: a luz da verdade, a da justiça e a da beleza. (FEDELI)¹⁰³.

Janus olha para o passado, concomitantemente ao seu olhar para o futuro. Da mesma forma, escreve Passos (2020), modelos religiosos e políticos do passado são reformulados e postos como uma solução para as crises da modernidade. Esses modelos são conservados de forma residual, como projetos que resistiram ao presente e como arcabouços de uma verdade única. Dessa maneira, o tradicionalismo, tal qual presente nos grupos integristas, assumem seu retorno ao protagonismo político e religioso, ao atingirem o patamar de um discurso palatável pelas massas, oferecendo diagnósticos e soluções radicais e imediatas. Esse é o olhar do catolicismo de Janus, o qual estamos defendendo, pois nesse olhar para o passado, na tentativa de se projetar para o futuro que, como propõe Passos (2020), o presente tomado pela crise aguda dos valores tradicionalistas, um futuro promissor em que essa crise seja atenuada e superada, parece inviável, tornando-se, portanto, uma utopia. Com efeito, o integrismo se agarra ao projeto de trazer à superfície os costumes do passado como a única saída plausível, não se importando se nessa retoma desesperada ações belicosas e radicais acompanhem suas tomadas de ações.

Um grande exemplo que podemos citar com relação à Associação Cultural Montfort e o catolicismo de Janus é a defesa pela missa tridentina ou como eles a denominam: "A Missa de Sempre". Embora há todo aquele já sabido malabarismo retórico para defender a missa no rito latino como sendo *de sempre*, é fácil perceber o

¹⁰³ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/veritas/historia/inlumine/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2022.

erro ao levantar o problema se Cristo sempre celebrou a missa assim. Ou, mesmo, sem precisar voltar muito no tempo, se ela é o rito tridentino, a missa de São Pio V, isto é, do século XVI, não é seu conteúdo estrutural que a faz ser com exclusividade perene ou não. Essa questão de missa de sempre é uma forma de olhar para o passado, condenar o presente e almejar o futuro utópico. Em outras palavras, catolicismo de Janus.

Vamos analisar alguns escritos de Orlando Fedeli encontrados no site Montfort em que ele demonstra essa preocupação com relação à *missa de sempre*. Num artigo intitulado Paulo VI: Liberar a Missa de São Pio V é condenar o Concílio Vaticano II por meio de um símbolo, Fedeli aponta que há uma resistência do Papa Paulo VI em liberar a missa tridentina, pois dessa maneira, a consequência disso seria assumir que o Concílio Vaticano II - tão condenado pelos integristas - seria passível de condenação:

Portanto, a Nova Missa exprime uma nova teologia diversa da teologia de Trento. A Nova Missa é a expressão da teologia democrática e antropocêntrica de Igreja da Lumen Gentium do Vaticano II. Por isso, permitir a Missa antiga de São Pio V é abandonar a teologia do Vaticano II, e, como afirmou rotundamente Paulo VI, isso equivale a condenar o Concílio simbolicamente.

(...)

A liberação da Missa de sempre é, no fundo, pelo menos simbolicamente, uma condenação do Concílio Vaticano II.

E Bento XVI vai liberar a Missa de sempre.

Logo... (FEDELI, 2006)¹⁰⁴.

Fedeli coloca os motivos teológicos pelos quais faz a sua defesa à missa tridentina e condena a o que ele chama de missa nova, bem como as críticas ao Papa Paulo VI. Contudo, vale salientar novamente que não iremos nos enveredar para a discussão teológica em si, mas na demonstração dessa negação do presente na história, buscando

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/missa_concilio/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

recorrentemente ao passado e se projetando à utopia do futuro. Numa carta enviada por um leitor de Recife a Orlando Fedeli é feito o seguinte questionamento sobre a *missa nova*:

Tenho eu direito de rejeitá-la [a *missa nova*] segundo minha consciência. Mas, o que fazer no Domingo, Dia do Senhor, já que a Santa Missa Tridentina não há (por enquanto) aqui em Recife?

Que situação...

Peço que corrija-me (sic) se falei mal. Porém, se não, o que fazer?¹⁰⁵

E essa foi a resposta dada por Orlando Fedeli:

A liberação da Missa de sempre é, no fundo, pelo menos simbolicamente, uma condenação do Concílio Vaticano II.

E Bento XVI vai liberar a Missa de sempre.

Logo... (FEDELI, 2006)

Seu raciocínio é bem certo e exposto de modo bem claro. Meus parabéns! Você estuda e raciocina bem.

Peço-lhe até licença para citar seus raciocínios e documentos que ajudariam a muitas pessoas.

Haveria que dizer ainda que só está dispensado de assistir essa Missa protestantizante, aquele que conhece perfeitamente o perigo que ela traz para a Fé. Quem não tem plena consciência do perigo que ela traz para a Fé, não é obrigado, em consciência, a deixar de assisti-la, a menos que nela se pratiquem atos gravemente sacrílegos e na medida que a pessoa compreenda que aquilo é sacrilégio. Escreva-me sempre. Um abraço bem amigo.

In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli (FEDELI, 2007)¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/doutrina/20070123150808/>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://www.montfort.org.br/bra/cartas/doutrina/20070123150808/>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

São incontáveis os artigos, cartas e todo tipo de escritos em que há a defesa de uma igreja pré-conciliar, com sua liturgia, costumes, vestimentas clericais e o que mais for anterior ao Concílio Vaticano II, numa constante condenação ao modo de ser da igreja no presente, acompanhada da esperança de um devir que nunca chega. Há uma dura resistência em admitir que as mudanças propostas pelo magistério da igreja sejam legítimas, ao mesmo tempo que se conspira que há intenção real delas é a destruição da barca de São Pedro.

Num artigo de Fedeli, *Justiça e coragem de Bento XVI*, fica bem claro essa busca num passado que deveria ser o porvir. Fedeli escreve sobre a anulação da excomunhão dos bispos Lefebvre e Mayer por se colocado em oposição às mudanças concebidas pelo Concílio Vaticano II. O mesmo tempo que Fedeli recorre ao pretérito, lança seu olhar para um futuro dirigido por uma ação messiânica do então Papa Bento XVI:

Anular o decreto de excomunhão desses dois heróis da Fé – Dom Lefebvre e Dom Mayer – assim como anular a excomunhão dos Bispos por eles sagrados em 1988, significa um golpe duríssimo nos modernistas e em seus sequazes que consideram o Vaticano II um Concílio infalível.

Ora, esses Bispos injusta e vaziamente (sic) excomungados em 1988, desde que perceberam os erros ocultos nas dobras ambíguas da letra do Concílio Vaticano II, e desde que a Missa nova foi aprovada, e sem a abrogação (sic) da Missa de sempre, corajosamente sempre se opuseram aos erros modernistas do Vaticano II e da Missa Nova. Por isso, eles foram violentamente odiados e ferozmente perseguidos pelos modernistas e progressistas de todos os matizes. Até mesmo pelos de matiz conservador, sempre prontos a fazer depois de amanhã o que os modernistas radicais faziam anteontem. (FEDELI, 2009)

E Fedeli olhando para o passado, deposita sua esperança num futuro espelhado no passado e que também não chega. E a especulação conspiratória chega ao nível de colocar Bento XVI como sendo o Papa mártir do terceiro segredo de Nossa Senhora de Fátima:

Portanto, estão completamente errados aqueles que afirmam que atacar o Vaticano II é cair em heresia, como tantas vezes se acusou o site Montfort.

Para enfrentar toda a imensa alcatéia modernista, Bento XVI demonstrou coragem extraordinária. Coragem heróica em defesa da Fé. Bem aventurado ele que sofrerá perseguição furiosa do inferno e dos filhos do demônio por causa disso.

E quem, conhecendo a história, não vê que desse modo ele se arrisca a ser assassinado? Como não ver que ele pode vir a ser morto como o Bispo vestido de branco da visão do Terceiro Segredo de Fátima?

Claro que ele pode morrer de gripe ou de outra doença qualquer, e que seja um outro o Papa da profecia de Fátima. Mas se esse Papa for Bento XVI não será de espantar.

E Bento XVI sabe disso.

(...)

E se o pontificado dele não segue o que dele se esperaria naturalmente, então o que acontece no pontificado de Bento XVI só se pode explicar sobrenaturalmente. *Digitus Dei est hic*. O dedo de Deus está aí.

Dom Bosco, em seus famosos sonhos sobre os fatos que aconteceriam com a igreja, afirmou que viria um Papa que traria de volta a nau da igreja para a coluna da Hóstia consagrada e para a coluna de nossa Senhora. Traria a Igreja de volta para a Missa de sempre e para a devoção à Santíssima Virgem.

Ora, o pontificado de Bento XVI tem sido um contínuo retorno a posições anteriores ao Vaticano II, um retorno à Missa de sempre. (FEDELI, 2009)

Nesses fragmentos há de tudo um pouco: visão profética, possível martírio, santo heroísmo, a plausibilidade de negar o Concílio Vaticano II e a “missa nova”, ao mesmo tempo que se volta para os baluartes de Trento e sua “missa de sempre”. É o prender-se a uma nostálgica memória, projetando-a no futuro, num anacronismo que nega a abertura

da igreja ao diálogo com o presente. É a deturpação de uma visão religiosa que se permite manter sua sacralidade ao mesmo tempo que conversa com o que é secular. É a deturpação de um catolicismo vivo em nome do “catolicismo de sempre”? É a deturpação da visão de Janus, o Deus pagão, num catolicismo de Janus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário político brasileiro atual só pode ser compreendido se considerarmos, entre as diversas chaves de leitura, o viés religioso. Se a presença dos evangélicos de matriz fundamentalista tem se destacado no cenário brasileiro, não podemos ignorar a matriz integrista de grupos católicos conservadores.

As hipóteses utilizadas na pesquisa que resultou nesta dissertação foram as seguintes:

- O modo de pensar dos grupos integristas, enveredando-se pelas tomadas de decisões políticas, instrumentalizam o pensamento cristão, numa interpretação muito própria que conduz à permanência e hegemonia de um projeto de poder, conduzindo ao que chamamos de cristofascismo.

- Compreendendo o conceito de cristofascismo e suas relações com uma visão de mundo ultraconservadora, reacionária e de apoio ao totalitarismo, a Associação Cultural Montfort, os movimentos que lhe deram origem e os dissidentes podem ser classificados como cristofascistas.

No primeiro capítulo, nós estudamos como o “casamento” entre política e religião foi estruturante ainda na história recente. Dentro dessa realidade, inúmeros conflitos ideológicos e teológicos surgiram entre diferentes visões políticas, bem como as múltiplas confissões de fé. E não somente entre as religiões diferentes, mas dentro de uma mesma estrutura, como foi e é com a Igreja Católica, tanto na sua estrutura hierárquica, quanto nos movimentos de leigos. Foi a partir do século XIX, sob acusações de um modernismo dentro da igreja que ia contra a sua doutrina e tradição, que os primeiros grupos integristas se formavam sob o pontificado de Pio X (1903-1914). Os integristas defendiam uma teologia pautada na ortodoxia, numa rígida exegese e no pensamento escolástico, principalmente de Santo Tomás de Aquino. Foi com os textos de 1907 da encíclica *Pascendi Dominici Gregis* e o decreto *Lamentabili Sane Exitu*, e em 1910, o juramento antimodernista *Sacrorum Antistitum* que o integrismo começa a tomar forma. Contudo, além desses documentos da igreja e das diferenças pontuais entre os ditos integristas e modernistas, outro acontecimento marcaria essa divisão. Um dos principais motivos dessas rupturas da homogeneidade de pensamento teológico foi o Concílio Vaticano II nos anos de 1960, o qual se colocou como uma abertura de diálogo com as questões do mundo moderno, adequando a doutrina católica, seus ritos e modo de lidar com os fiéis

às novas demandas seculares. O setor mais conservador do clero católico, apoiado por leigos que compartilhavam de seus ideais, se organizaram para formar um grupo de resistência dentro da igreja, em nome da conservação dos costumes pré-conciliares. Esse movimento teve como expoente o cardeal Dom Marcel Lefebvre e, no Brasil, Dom Castro Mayer.

O integrismo, contudo, não se resumiu a uma tentativa da retomada da tradição católica, mas em tomar para si a tradição, monopolizando-a e dando uma superestima aos postos hierárquicos da igreja, cujo intuito era a centralização do poder. Juntamente, ocorreu um fechamento do catolicismo integrista às novas demandas seculares. Isso fez com que o caráter autoritário da igreja fosse hipertrofiado, degenerando a tradição. A igreja, portanto, sob a ótica integrista, não deveria dialogar e se adaptar às novas lógicas do mundo e suas mudanças, mas era o mundo que deveria se voltar para a tradição da igreja e conservar os valores que se adequassem a ela, enquanto que o que divergia deveria ser abolido.

Com essa ideia de “combater” o que era contrário ao tradicionalismo, surge a expressão “guerra cultural”, a qual se coloca como uma força em oposição aos paradigmas liberais e modernos, partindo de um contencioso semântico em que a busca pela dominação dos valores existenciais e morais se manifesta, majoritariamente, pelas linguagens e narrativas direcionadas ao seu público específico.

Essas narrativas têm seu ponto de partida na moral cristã, como a defesa da família tradicional (composta de homem, mulher e filhos e a indissolubilidade do matrimônio), a condenação de outras formas constitutivas de família e a diversidade de gênero, a rejeição ao diálogo inter-religioso e ao ecumenismo e o combate ao comunismo, valendo-se de um discurso belicoso, cujo arsenal é dotado de um vocabulário específico e apelativo para denunciar os males do mundo. A justificativa, para tanto, é a defesa de uma ordem natural fundamentada nos valores eternos criados e transmitidos pelo próprio Deus. Essa ordem natural é análoga à hierarquia celeste e, deve, pois, ser cumprida no âmbito terreno.

No Brasil, em meados do século XX, se inicia um forte movimento antimodernista com destaque para a TFP e para a sua dissidente, a Associação Cultural Montfort. Esse movimento se fortaleceu durante a ditadura militar, se colocando contrariamente a uma suposta ameaça comunista que rondava o país, juntamente com os valores modernistas que ameaçavam a tradição cristã. Para isso, os conservadores católicos brasileiros fizeram

uso de uma retórica reacionária de tom triunfalista, com o intuito de derrotar o marxismo cultural e de se opor veementemente à laicidade do Estado.

Com essa postura conservadora e anticomunista adotada pelos grupos integristas católicos, houve um flerte com os ideais fascistas. Dessa forma, a ala mais conservadora da igreja inicia um “recrutamento” de católicos de ação, agindo como apóstolos e militantes leais à hierarquia eclesiástica e que tivessem as qualidades necessárias para serem considerados bons cristãos católicos para resgatar as almas seduzidas pelas ideologias advindas do socialismo e comunismo.

Advindo do integrismo católico, juntamente com o fundamentalismo protestante, o cristofascismo tomará forma e se desenvolverá no Brasil, sendo um dos fatores, , em 2018, que possibilitaram a eleição de Jair Messias Bolsonaro como presidente do país – justamente, com uma fala bélica, maquiada de valores cristãos, mas diametralmente oposta a esses mesmos valores.

No segundo capítulo foi abordado o modo de agir do integrismo, bem como os meios por ele utilizados para atingir aos seus objetivos, entre eles, a manutenção e a divulgação dos valores católicos tradicionais. Além disso, tratamos também da história da Associação Cultural Montfort, fazendo um levantamento dos escritos encontrados no site da associação e de como o seu fundador, sobretudo, se coloca diante da realidade do mundo e do catolicismo.

Logo de início, ao acessar o site Montfort, já é perceptível concluir o seu modo “cruzado”, belicoso de ser em defesa do que eles acreditam ser a verdade única e indissolúvel católica, atacando o que consideram erros modernistas oriundos do Concílio Vaticano II. O próprio nome da associação remete a esses valores, sendo que fazem alusão a São Luís Maria Grignon de Montfort (santo católico que escreveu o *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*) e de Simão de Montfort, opositor e combatente do catarismo no século XIII, na chamada Cruzada contra os Albigenses. Nessas duas figuras históricas, que unidas pelo nome formam o nome da Associação Montfort, percebemos como se dá a identidade da instituição, cujo caráter é apologético e belicoso contra os inimigos da igreja. Essa belicosidade e a apologética manifestam-se num discurso que mistura erudição (mesmo que muitas das vezes sem sentido com o que está se expondo), ironias e provocações aos seus discordantes. Essa forma de se manifestar é presente também quando é abordado o assunto da matriz institucional da

Montfort, isto é, o grupo o qual Orlando Fedeli pertencia antes de fundar sua associação. Esse grupo é a TFP, fundada por Plínio Corrêa de Oliveira. Nos escritos da Montfort, em crítica à TFP, fica claro que mesmo havendo uma rejeição aos métodos da associação fundada por Plínio Corrêa, os métodos e estilos permanecem os mesmos, assim como os seus inimigos. E a Montfort, nesse interim, também teve uma dissidente, a *Flos Carmeli*, fundada pela viúva de Orlando Fedeli por divergências relacionadas a uma celebração feita por Dom Odilo Scherer que levaria ao atual presidente da associação fundada por Orlando Fedeli, Alberto Zucchi, a acusar Ivone Fedeli de *acordista* e de aceitar se envolver com quem aceita o Concílio Vaticano II. Isso corrobora o quão semelhante é o *modus operandi* das instituições integristas, sua necessidade de estabelecer inimigos, contendas, limites entre “nós” e “eles”, assim como o teor persecutório e conspiracionista, revelados num constante ambiente de “guerra”. Essa guerra se revela entre seus dissidentes, entre movimentos católicos que não compactuam da identidade integrista, contra outras denominações religiosas, tanto quanto às mais diferentes visões políticas que são colocadas todas como sendo anticatólicas.

No terceiro capítulo, analisamos cartas e documentos publicados no site da Associação Cultural Montfort utilizando dos conceitos trabalhados nos capítulos anteriores e relacionando-os com os escritos e respostas do fundador e membros da Montfort aos leitores do site da associação, corroborando com as nossas hipóteses de que os grupos integristas se fecham para o diálogo, colocando-se de forma bélica diante de uma imaginária ameaça comunista, agindo com intolerância para com quem pensa e professa uma fé diferente, acusando-os de erro, propondo a eliminação do “inimigo” e se autoproclamando “cruzados” contra a “guerra cultural”, fatores que fazem da instituição objeto de nossa pesquisa, cristofascista por meio de suas pregações religiosas, conjuntas às suas propagandas político-ideológicas.

É por essa razão que o terceiro e último capítulo recebe o nome de “In corde Iesu Semper”: As amorosas missivas do ódio – Análise das respostas do Professor Orlando Fedeli às cartas enviadas por seus leitores”, cujo nome faz referência à maneira com que Orlando Fedeli, o fundador da Montfort, se despedia de seus leitores em suas cartas (“No coração de Jesus Sempre”), para demonstrar caridade e palavras autênticas de amor que visavam a conversão de seus interlocutores. Sendo assim, ao analisarmos os escritos montfortinos, comparando-os aos conceitos presentes na obra de João Cezar de Castro Rocha, intitulada de *Guerra cultural e retórica do ódio – Crônicas de um Brasil pós-*

político, bem como *No lugar de Deus – Ensaaios (neo)teocráticos* e *A força do passado na fraqueza do presente – O tradicionalismo e suas expressões*, de João Décio Passos. Percebemos notadamente que o teor das respostas e artigos da Associação Cultural Montfort enquadram-se nos conceitos propostos por esses dois autores, assim como o conceito de “cristofascismo” desenvolvido pelo teólogo Fábio Py. Isso porque, Rocha ao abordar a “retórica do ódio”, descreve como o discurso que elege um inimigo comum, que divide a sociedade entre “nós que somos bons” e “eles que são maus”, dotados de uma moral religiosa e conservadora que está em conformidade com o que a associação fundada por Orlando Fedeli tem por missão. Esse discurso, segundo Rocha, tem duas principais características, que são a desqualificação nulificadora e a hipérbole descaracterizadora, sendo que a elas cabem, respectivamente reduzir a um “nada” o seu interlocutor e usar de exageros e generalizações sem contextualizações necessárias para desclassificar o outro. Ambas muito presentes nos escritos de Fedeli e seus alunos. Ademais, para Rocha é esse discurso intolerante, sectário, ofensivo e dotado de distorções da realidade que culminará na eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018.

E se há um inimigo ou inimigos que devem ser combatidos, há, de acordo com Rocha, um constante ambiente de conflito que é a “guerra cultural”. E a Montfort também se encaixa nesse conceito, à medida que na escolha de seu nome e símbolos, bem como de referências às cruzadas, ao combate em defesa da fé, ao convite para recrutar novos combatentes para proteger a tradição católica dos ataques do mundo, usa de uma linguagem e de uma tomada de ação que remete ao caráter bélico.

Já as obras de Passos, discorrerão sobre os anacronismos presentes nos grupos conservadores católicos em que há uma visão teológica ressentida, exagerada e agressiva, aliada ao nacionalismo e ao sectarismo político e religioso. Ademais, Passos também aborda a nostalgia sentida por esses grupos, de modo a causar uma distorção da realidade em nome daquilo em que se crê, criando, inclusive, antídotos políticos e teológicos contra o que se julga serem os males da modernidade que afrontam a igreja e seus valores. E novamente, nos escritos montfortinos isso está presente ao tomar o passado como um ideal a ser retomado, cuja mácula foi colocada pelas corrupções da modernidade. Há uma exaltação do medievo em detrimento da modernidade e da contemporaneidade, fazendo com que ataques ácidos e viscerais sejam direcionados às pessoas e instituições que não passam pelo crivo de catolicidade de Orlando Fedeli e de seus seguidores.

E, por fim, dado esse olhar para o passado ideal, lutando e esperando pelo seu retorno no futuro, é que nomeamos o catolicismo integrista da Associação Cultural Montfort de “catolicismo de Janus, já que tal qual o Deus Romano, a Montfort olha para um passado saudosista, almejando um porvir ideal espelhado nesse passado, mas não admite o presente, condenando-o sob as justificativas de corrupções morais, teológicas e sociais tudo o que destoa do seu olhar de catolicismo que, segundo a própria Montfort é o único correto possível, visto que se baseiam numa verdade universal e necessária, portanto, imutável. Criam e enxergam problemas, assim como são criadas as soluções para esses problemas. É uma constante visão para o que passou e para o devir que somente vive o presente para demonstrar as suas insatisfações, ressentimentos e para atacá-lo. É a espera contraditória daquilo que já passou, tentando transpor para um futuro utópico que nunca chega. E é essa distopia da realidade que move a Associação Cultural Montfort para sua guerra particular, sua diminuição de instituições, movimentos e visões políticas, tornando-a uma, entre outras, instituições que contribuem e promovem o cristofascismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTOINE, Charles. O integrisimo no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

ARENDT, Hannah. As origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio. Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política. São Paulo: Autêntica, 2021.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. Enciclopédia Einaudi. Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda. 1985.

BEOZZO, J.O. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, B. (Org.). História geral da civilização brasileira. São Paulo: Difel, 1984. Tomo 3, p.280.

BERGER, Peter Ludwig. Pluralismo Global y Religion. Centro de Estudios Públicos, Santiago, el 1 de marzo de 2005.

BOEHNER, P.; GILSON, E. História da Filosofia Cristã. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

BOITO Jr, Armando. Revista Quadrimestral de Ciências Sociais da UFBA: Cad. CRH 34 2021. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.35578>

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: _____. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. O poder simbólico. 6ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.

_____. A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. A economia das trocas simbólicas. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

CALDEIRA, R.C. Católicos e anticomunistas: D. Geraldo de Proença Sigaud e a literatura anticomunista no Brasil. Revista del CESLA, n.18, p.67-87, 2015.

_____. Em defesa da ação católica: Plínio Corrêa de oliveira, um baluarte da tradição. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v.6, n.16, p.97-111, 2014.

CAMURÇA, Marcelo. *Ciências Sociais e Ciências da Religião; polêmica e interlocuções*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CHAUÍ, Marilena. O totalitarismo neoliberal. *Anacronismo e Irrupción*, Vol. 10, N° 18 (Mayo - Octubre 2020): 307-328.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. *Compêndio de Ciência da Religião, Parte I*. (publicado pelos docentes do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião da PUC-SP). São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

DIERKEN, Jörg. Teologia, Ciência da Religião e Filosofia da Religião: Definindo suas Relações. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora*, v. 12, n. 1 e 2, p. 09-44.

DIX, S. (2006), *Da Crítica à Sociologia da Religião*, *Revista Lusófona de Ciências das Religiões* 9-10, 5, Lisboa: 9-24.

_____. O que significa o estudo das religiões uma ciência monolítica ou interdisciplinar? *Revista Lusófona de Ciências das Religiões*. Lisboa: 11-27.

ECO, Umberto. *O Fascismo Eterno*, in: *Cinco Escritos Morais*, Tradução: Eliana Aguiar, Editora Record, Rio de Janeiro, 2018.

GONÇALVES, Marcos. Integrisimo católico e fundamentalismo protestante: historicidade, aproximações e distanciamentos. *Relegens Thréskeia estudos e pesquisa em religião* V. 01 – n. 02, p.70-103. Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá – 2012.

GUERREIRO, Silas. Objetividade e subjetividade no estudo das religiões: desafios do trabalho de campo. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol.1, nº 1, 2010, p. 54-65. São Paulo.

LEFEBVRE, M. *Do Liberalismo à Apostasia. A Tragédia Conciliar*. Trad. Ildelfonso Albano Filho. Rio de Janeiro: Permanência, 1991.

MANOEL, Ivan. *Origens do tradicionalismo católico: um ensaio de interpretação*. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, ano VI, n.16, maio 2013.

MONTERO, Paula. Religião, Pluralismo e Esfera pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, pp. 47-65. São Paulo, março 2006.

MOTTA, R. P. S. (2002). *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. São Paulo, SP: Perspectiva.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismos e Multiplicidades Religiosas no Brasil Contemporâneo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008.

_____. Integração metodológica na Ciência da Religião. *REVER* · Ano 17 · n.2, p.7-35, maio/agosto 2017.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Revolução e contra-revolução*. São Paulo: Retornarei: 2002.

ORO, I. P. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

PASSOS, João Décio. *A força do passado na fraqueza do presente – O tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020.

_____. *No lugar de Deus – Ensaaios (neo) teocráticos*. São Paulo: Paulinas, 2021.

PIO X, papa. *Carta Encíclica Vehementer Nos – 11 de fevereiro de 1906: Sobre as Relações entre a Igreja e o Estado*. Petrópolis: Vozes, 1952.

_____. *Carta Encíclica Pascendi Dominici Gregis – 08 de setembro de 1907*. Petrópolis: Vozes, 1948.

PY, Fábio . A cristologia cristofascista de Jair Bolsonaro. *Carta Capital*, Opinião, 11 jun. 2019. Disponível em: Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/> Acesso em: 20 de junho de 2022. » <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/>

_____, Fábio . Cristofascismo à brasileira na eleição de 2018. *Carta Capital*, Eleições, 21 set. 2018. Disponível em: [»https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/Cristofascismo-a-brasileira-na-eleicao-de-2018/60/41803](https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/Cristofascismo-a-brasileira-na-eleicao-de-2018/60/41803). Acesso em: 20 de junho de 2022.

_____, Fábio . Cristofascismo em 7 atos: como Bolsonaro usou a alegoria da Páscoa para não perder popularidade. The Intercept, 1º maio 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/05/01/cristofascismo-bolsonaro-pascoa/>. Acesso em: 20 de junho de 2022.

_____, Fábio. Cristologia pascoal bolsonarista. Instituto Humanitas Unisinos, 17 abr. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598117cristologia-pascoal-bolsonarista/> . Acesso em: 20 de junho de 2022.

_____, Fábio . Disposição cristofascista à brasileira. Ativismo Protestante, Opinião, 5 out. 2018. Disponível em: <https://ativismoprotestante.wordpress.com/2018/10/05/opinioao-disposicao-cristofascista-a-brasileira-na-semana-das-eleicoes/> . Acesso em: 20 de junho de 2022.

_____, Fábio . Pandemia cristofascista São Paulo: Recriar, 2020.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. Conservadorismo à brasileira: sociedade e elites políticas na contemporaneidade. 2015. 273f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. p.110.

_____. O conservadorismo católico na política brasileira: considerações sobre as atividades da TFP ontem e hoje. Estud. Social. Araraquara, v.18, n.34, p.193-208. Jan/jun. 2013.

RATZINGER, Joseph. Fé, verdade, tolerância – O cristianismo e as grandes religiões do mundo – Tradução Sivar Hoepfner Ferreira . São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2007.

ROCHA, João César de Castro. Guerra Cultural e Retórica do ódio: Crônica de um Brasil Pós-Político. São Paulo: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

RODEGHERO, Carla S. O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul, 1945-1964. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

SANCHEZ, Wagner Lopes. O pluralismo religioso como locus theologicus. São Paulo, Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano XII, n. 53.

_____. ARRUDA, Glair Alonso. Novas faces do cristofascismo no governo Jair Bolsonaro. REB, Petrópolis, volume 80, n. 316, p. 353-372. Maio/Ago. 2020.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. *Reflexão*, Campinas, 43(2):289-309, jul./dez., 2018

TEIXEIRA, Faustino. O imprescindível desafio da diferença religiosa. *Ver. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, Ano XX, n° 38. P. 181-194, janeiro/junho de 2012.

_____. Inculturação da fé e pluralismo religioso. RELAMI Rede Ecumênica Latino-Americana de Missiólogos. Juiz de Fora.

_____. Pluralismo religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 27-32, 1º sem. 2005

_____ ; MENEZES, R.C. (Org.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião; cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *História da Ciência da Religião. Compêndio de Ciência da Religião, Parte I*. (publicado pelos docentes do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião da PUC-SP). São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

_____ (org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VALÉRIO, Samuel. Pentecostalismo, catolicismo e bolsonarismo: convergências. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, ano XIII, n.37, p.118-186, maio 2020.

ZANOTTO, G. A atuação do movimento católico Tradição, Família e Propriedade (TFP) no cenário políticocultural argentino (1967-1983). *Revista Brasileira de História das Religiões*, v.07, n.20, p.233-260, 2014.